

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

WAGNER VALENTE DOS PASSOS

**HUMOR GRÁFICO: LINGUAGEM E CRÍTICA
PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SEM FRONTEIRAS**

Rio Grande – RS

2013

WAGNER VALENTE DOS PASSOS

**HUMOR GRÁFICO: LINGUAGEM E CRÍTICA
PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SEM FRONTEIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Elisabeth Brandão Schmidt

Rio Grande – RS

2013

P289h	<p>Passos, Wagner Valente dos. Humor gráfico: linguagem e crítica para uma Educação Ambiental sem fronteiras / Wagner Valente dos Passos. – 2013.</p> <p>176 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.</p> <p>Orientadora: Dr.^a Elisabeth Brandão Schmidt.</p> <p>1. Educação Ambiental. 2. Humor gráfico. 3. Cartum. I. Schmidt, Elisabeth Brandão. II. Título.</p> <p>CDU 504:37</p>
-------	--



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 026/13

Ao vigésimo nono dia do mês de novembro de dois mil e treze, às nove horas e trinta minutos, na sala 4110 do Pavilhão 04 – Campus Carreiros/FURG reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação de **Wagner Valente dos Passos**, composta pelos seguintes membros: Prof.^a Dr.^a Elisabeth Brandão Schmidt (FURG) Presidente/Orientadora, Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini (PPGEA/FURG), Prof.^a Dr.^a Michèle Sato (UFMT). Título da Dissertação **“Humor Gráfico: Linguagem Crítica para uma Educação Ambiental Sem Fronteiras”**. Dando início à reunião, a orientadora agradeceu a presença de todos e fez a apresentação da Comissão Examinadora. Logo em seguida, esclareceu que o candidato teria um tempo de 45 a 60 min para a explanação do tema, e cada membro da Comissão um máximo de 30min para arguição. A seguir, passou a palavra ao mestrando que apresentou o tema e respondeu às perguntas formuladas. Após ampla discussão a Comissão reuniu-se para avaliação do mestrando. A banca estabeleceu que as sugestões e recomendações de todos os membros, conforme pareceres em anexo serão avaliadas e aceitas pela orientadora e orientando para incorporação na versão final, a qual deverá ser encaminhada à Secretaria do PPGEA no prazo máximo de 90 dias. O mestrando foi considerado APROVADO com Louvor.

emitindo o parecer a seguir:

O trabalho é realmente inédito, bem construído e de qualidade impecável, sugerindo-se sua publicação e a continuação no doutorado.

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata que após lida e aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora.

Prof.^a Dr.^a Elisabeth Brandão Schmidt
FURG/ Presidente

Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini
PPGEA/FURG

Prof.^a Dr.^a Michèle Sato
UFMT

Aos meus pais, por tudo.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Ivonei Peraça dos Passos e Célia Regina Valente dos Passos, pela oportunidade da vida, pelo amor e dedicação, por acreditarem e me apoiarem nesta jornada. Obrigado por tudo.

À minha orientadora, Elisabeth Brandão Schmidt, por ter acreditado e me oportunizado essa caminhada.

Ao meu amigo Alexandre Macedo Pereira, por ter me ajudado a definir o tema desta pesquisa e a sair do trivial.

Aos amigos e companheiros de luta, Caio Floriano dos Santos e Carlos RS Machado, pela visão crítica, pelas discussões e pelos conflitos.

Ao professor Alfredo Guillermo Martin Gentini, pelo incentivo, por dividir sua experiência de mundo e mostrar as possibilidades de intervenção e transformação.

À professora Michèle Sato, pelo apoio, pela oportunidade, pelo incentivo, por mostrar que o caminho é construído e oferece muitas possibilidades.

Ao professor e amigo Antônio Libório Philomena, por todas as conversas, pelos debates e pela vontade de mudar o mundo.

Aos professores e amigos que estiveram comigo nas escolas São Miguel, Rui Poester Peixoto, Getúlio Vargas, e nos cursos de Ciências Contábeis, Administração e Artes Visuais da FURG. Obrigado por compartilhar conhecimento e por contribuírem em cada etapa desta história.

Aos amigos cartunistas da GRAFAR – Grafistas Associados do Rio Grande do Sul, em especial aqueles que me acompanham desde os primeiros rabiscos: Edgar Vasques, Santiago, Eugênio Neves, Hals, Bier, Máucio, Byrata, Fábio Zimbres, Guazzelli, Donga, Kayser, Moa, Ruben Castillo, Gustavo Quenari, Tatiana Tesch, Rafael Corrêa, Uberti e todos os demais.

Aos grandes artistas Jack Kaminski e Gelson Mallorca, pelas noites desbravando Porto Alegre, no longínquo ano de 2004.

Aos amigos cartunistas Alisson Affonso, Max Ziemer e todos os demais que participaram do Vagão do Humor. Obrigado pela parceria, pelo apoio e por acreditarem no desenho.

Ao meu amigo, avô e grande inspiração nas artes, Renato Canini e sua querida esposa Maria de Lourdes. Obrigado pelo carinho, pelas orações e por serem pessoas tão especiais.

Ao meu amigo Arnold Coimbra, onde quer que esteja, o desejo de que possa estar desenhando e enchendo os céus de charges e cartuns em protesto contra o que estão fazendo conosco aqui na Terra.

A Deus, por ter me concedido este espírito inquietante, por me fazer instrumento de contestação, por ter implantado em meu DNA essa vontade de criar, de desbravar o mundo e desenhar.

E a todas as pessoas queridas que estiveram presentes em alguma etapa da minha vida, ou que fazem parte dela, assim como aos estranhos e conhecidos e às pessoas que ainda estão por vir. Obrigado pelo sorriso, pelo abraço, pela troca de ideias, pelas lutas, por fazer cada segundo, juntos, valer a pena.

Resumo

Esta pesquisa objetivou compreender em que sentido e de que forma o Humor Gráfico potencializa processos de Educação Ambiental. Teve como objeto de pesquisa a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, exposição realizada durante o V CPEASUL - Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul do Brasil e do IV EDEA - Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, promovidos pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, em 2012. A Mostra reuniu 142 cartuns de 142 cartunistas de 38 países. Os desenhos que integraram a exposição foram analisados e categorizados com o propósito de investigar as temáticas ambientais e as relações locais e globais apresentadas em cada trabalho. Também foram realizadas entrevistas com pesquisadores e educadores ambientais que interagiram com os cartuns, durante a Mostra, em processo complementar à produção dos dados da pesquisa. O corpus gerado, a partir da transcrição das entrevistas, possibilitou a análise e a identificação de possibilidades e limitações do Humor Gráfico em processos de Educação Ambiental. Os dados empíricos foram sistematizados e discutidos à luz de teóricos como Félix Guattari, Eduardo Galeano, Ariel Dorfman, Karl Marx, Paulo Freire, Jiddu Krishnamurti, Lucie Sauv e, David Harvey, Mich le Sato, entre outros. A investiga o possibilitou a emergência de questões relacionadas ao fato de como o Humor Gráfico e a Educa o Ambiental estão inseridos nos debates sociais e ambientais da atualidade. Um dos principais resultados da pesquisa aponta para a potência do Humor Gráfico, como disparador do diálogo em processos que perturbam, desacomodam e desafiam a inteligência do leitor.

Palavras-chave: Educa o Ambiental. Humor Gráfico. Cartum.

Abstract

This research aimed at understanding in what sense and how Graphic Humor potentializes processes in Environmental Education. Its object was the First International Show of Humor on Environmental Education, which was carried out during the *V Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul do Brasil (V CPEASUL)* and the *IV Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental (IV EDEA)*, two events organized by the Post-graduate Program in Environmental Education at the *Universidade Federal do Rio Grande*, located in Rio Grande, RS, Brazil, in 2012. This exposition comprised 142 cartoons made by 142 cartoonists from 38 countries. All drawings were analyzed and categorized so that environmental themes as well as local and global relations of every work could be investigated. Interviews were also made with researchers and environmental educators that interacted with the cartoons during the Show, as a complement to yield research data. After the interviews were transcribed, the whole corpus enabled the analysis and the identification of possibilities and limitations of Graphic Humor in Environmental Education processes in the school context. Empirical data were systematized and discussed in the light of scholars such as Félix Guattari, Eduardo Galeano, Ariel Dorfman, Karl Marx, Paulo Freire, Jiddu Krishnamurti, Lucie Sauv e, David Harvey and Michèle Sato, among others. This investigation enabled the emergence of issues related to the insertion of Graphic Humor and Environmental Education in current social and environmental debates. One of the main results of this study points out the potential of Graphic Humor as a dialogue trigger in processes that disturb, disarrange and challenge readers' intelligence.

Key words: Environmental Education, Graphic Humor, Cartoon

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

FIGURA 1: Cinco cabeças grotescas, por Leonardo da Vinci (1490)	16
FIGURA 2: Charge do jornal O Maribondo	23
FIGURA 3: Primeira charge de Araújo Porto Alegre no Brasil	25
FIGURA 4: Charge de Angelo Agostini relacionada aos inimigos do jornal Diabo Coxo, publicada em 08/04/1865	25
FIGURA 5: Charge do cartunista J.Mill	25
FIGURA 6: Charge de Cândido de Faria, intitulada: “O que se está preparando... pobre Brasil!!!”	26
FIGURA 7: Charge de Rafael Bordalo Pinheiro	26
FIGURA 8: Autorretrato de Tádeo Amorim	29
FIGURA 9: Charge do Henfil	34
FIGURA 10: Charge do Henfil	34
FIGURA 11: Charge de Jaguar para O Pasquim	35
FIGURA 12: Charge de Wagner Passos no Pasquim 21	37
FIGURA 13: Tiras do Rango	39
FIGURA 14: Tiras do Tibica, o defensor da ecologia	41
FIGURA 15: Logo da Mostra	45
FIGURA 16: Países participantes da mostra	49
FIGURA 17: Gráfico de acesso ao blog do V CPEASUL e IV EDEA	52
FIGURA 18: Gráfico de origem de acesso ao blog do V CPEASUL e IV EDEA	53
FIGURA 19: Público prestigiando a mostra	54
FIGURA 20: Público prestigiando a mostra	55
FIGURA 21: Premiação da mostra	58
FIGURA 22: Cartum de Benjamin Cafalli	60
FIGURA 23: Cartum de Rafael Corrêa	61
FIGURA 24: Cartum de Fang Chen	62
FIGURA 25: Cartum de Vladimir Kazanevsky	63
FIGURA 26: Cartum de Jânio Garcia	64
FIGURA 27: Cartum de Jack Kaminski	65
FIGURA 28: Cartum de Moises	65
FIGURA 29: Cartum de Ramsés	66
FIGURA 30: Cartum de Eder Santos	67
FIGURA 31: Cartum de Déborah Santos	68
FIGURA 32: Foto com Maria Laura Barcia	69
FIGURA 33: Criança interagindo com a exposição	70
FIGURA 34: Mapeamento dos cartuns sobre a problemática poluição	98
FIGURA 35: Mapeamento dos cartuns sobre a problemática desmatamento	99
FIGURA 36: Cartum de Roberto Kroll	101
FIGURA 37: Cartum de Makhmud	102
FIGURA 38: Cartum de Ignacio VillamiL	102
FIGURA 39: Cartum de Taufan Hidayatullah	103
FIGURA 40: Cartum de Malatesh M. Garadimani	103
FIGURA 41: Cartum “O pequeno príncipe”	123
TABELA 1: Categorização dos cartuns – Problemas Sociais e Ambientais	97
TABELA 2: Categorização dos cartuns – consequências e soluções	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.1.1 Como nasce um cartunista	12
2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA HISTÓRIA DO HUMOR GRÁFICO	14
2.1 No Brasil	22
2.2 No Rio Grande do Sul	27
2.3 O Brasil República e a censura	29
2.4 O humor gráfico e a ditadura militar	31
2.5 A causa ambiental e social no humor gráfico gaúcho	38
3 PERCURSO METODOLÓGICO	42
3.1 Organização da Mostra e a produção dos dados de pesquisa	44
3.2 O problema de pesquisa	46
3.3 Objetivos.....	47
3.3.1 Objetivo geral	47
3.3.2 Objetivos específicos	47
3.4 A seleção dos trabalhos	47
3.5 Preparação dos dados – formatação da exposição	48
3.5.1 Países participantes	48
3.5.2 A montagem da exposição	49
4 COMPREENSÃO DO FENÔMENO	50
4.1 Repercussão pré-exposição	50
4.2 Repercussão durante a exposição	54
4.3 Cartuns premiados	59
4.4 Repercussão pós-exposição	68
4.5 O humor gráfico e a Educação Ambiental na atual conjuntura social, ambiental e política do mundo	72
4.6 Categorização dos cartuns	94
4.7 Diálogo com educadores ambientais	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
6 REFERÊNCIAS CITADAS	124
7 REFERÊNCIAS CONSULTADAS	128
APÊNDICE 1	131
APÊNDICE 2	134
APÊNDICE 3	135
APÊNDICE 4	140
ANEXO 1	162
ANEXO 2	164
ÍNDICE REMISSIVO	173

1 INTRODUÇÃO

O humor gráfico apresenta-se como uma linguagem de expressão que atravessou séculos de forma sempre marginal. Isso ocorreu basicamente devido ao seu objetivo crítico e sua identidade e origem popular. Desde os tempos do Antigo Egito, passando por Roma, Grécia e todas as demais fases da humanidade, o humor gráfico sempre esteve presente, seja na forma de uma caricatura, ridicularizando um rei, seja nos muros da cidade ou em gravuras de artistas consagrados, como Goya e Daumier.

Por ser considerado a voz do povo, o humor gráfico sempre foi relegado à condição de arte menor. Em esferas acadêmicas, não é considerado nem mesmo arte, já que, raramente, ou quase nunca, integra as disciplinas de graduação nos cursos de artes ou comunicação.

Sem a pompa construída pelos críticos de arte, permite-se criar com pouca sofisticação plástica; na maioria das vezes, de forma rápida e em poucos traços, sem a exigência de materiais sofisticados ou de recursos técnicos, mas apenas de uma ideia, um lápis e um papel.

O humor gráfico, por meio do riso, promove a reflexão sobre vários temas relacionados à Educação Ambiental, oportunizando, pelo desenho, não apenas a denúncia, mas a crítica e a vontade de transformar. Um suspiro de coragem que poderá vir a ser utilizado também na escola.

A caricatura e o humor são formas de opinião e muitas vezes, mesmo nas épocas de repressão e de censura, são forma sutil e nem por isso menos poderosa de protesto, contestação e subversão.

Uma forma expressiva de arte, desde as suas origens, uma arma ferina e terrorista, uma arma aguçada que o povo aplaude ao ver ridicularizadas nela a força, o despotismo, o autoritarismo, a intolerância e a injustiça. (FONSECA, 1999, p. 3)

É possível que seja nova essa aproximação entre o humor gráfico e a Educação Ambiental, a partir da linha de pesquisa de ensino e formação de educadores, como mais uma possibilidade pedagógica que, em tempos de internet e mídias audiovisuais, pode auxiliar o professor e incentivar o surgimento de talentos, tornando o ambiente escolar mais alegre e divertido e contribuindo no processo transdisciplinar ao qual a Educação Ambiental se propõe.

1.1 JUSTIFICATIVA

1.1 Como nasce um cartunista

Alguns de parto normal; outros, por cesariana; ou seja, como qualquer criança. A diferença está na capacidade que se desenvolve ao longo dos primeiros anos de vida, de acionar determinada área do cérebro onde acontece o desenho. Conforme afirma o cartunista Orlando Pedroso,

O desenho não acontece na mão, muito menos no computador. O desenho precisa acontecer primeiro em alguma sala iluminada do cérebro. É lá onde ele acontece, escorre pelo pescoço, passa pela mão até chegar na ponta do lápis, da caneta da tablet ou qualquer outra ferramenta. O desenho tem e deve ser, antes de tudo, um pensamento, uma ideia (PEDROSO, 2013).

Por mais tímido que seja o cartunista, ele possui em suas entranhas um espírito inquietante, aventureiro, ávido por descobrir os mistérios do mundo. Uma profunda curiosidade a respeito de tudo. Uma criança viciada em “porquês”, cuja infância não ofereceu tempo suficiente para que fossem totalmente respondidos.

Por que o objetivo de vida da maioria das pessoas é ganhar dinheiro? Por que os políticos são corruptos? Por que há guerras sem sentido e milhares de pessoas são assassinadas? Por que a natureza é destruída e em seu lugar são construídos condomínios de luxo, indústrias poluidoras e usinas hidrelétricas? Por que os índios são retirados de suas terras e as mesmas são repassadas aos grandes latifundiários da monocultura? Por que a saúde pública é tratada com descaso pelo estado, enquanto os planos privados são apresentados na mídia como única garantia à nossa sobrevivência? E o governo brasileiro, com tantos problemas a serem resolvidos, por que repassa às empreiteiras centenas de bilhões de reais na construção de estádios de futebol para a Copa do Mundo?

Os questionamentos citados, que transitam pela mente de todos nós, acabam tendo respostas frustrantes, gerando o sentimento de indignação, decepção, desesperança e, até mesmo, depressão. É nesse processo de formação como cidadão que nasce o cartunista. É na paixão pelo desenho, surgida na infância e que permanece a vida toda em chama, que o cartum se apresenta como uma forma de comunicação, de publicização e de problematização diferenciada de certos dramas e situações.

Devido à sua capacidade e sensibilidade de ler o mundo e perceber o que acontece ao seu redor é que os cartunistas, esses seres “do contra”, optam pela ação possível, em vez da apatia e da aceitação pelo já convencionalizado, utilizam como arma de combate aquilo que a vida oportunizou como qualidade: o humor gráfico. Assim, colocam a passividade de lado e, no canto do quarto escuro, ao lado de um pequeno abajur, deixam as ideias aflorarem, transbordarem sobre o papel, com a intenção de, no mínimo, arranhar a imagem do opressor. Humilhar esse inimigo invisível, com tantas caras, apenas com lápis e papel, diminuindo a distância entre ele e seus oprimidos e levando, assim, força, coragem e a vontade de transformar.

Promessas não cumpridas, submissão àqueles que financiam suas campanhas e a rotina de incontáveis casos de corrupção fazem dos políticos os principais alvos dos cartunistas de todo o mundo. Um mar de charges e cartuns que trazem à tona algumas perguntas: a quem pertence o estado? Devemos estar a serviço do povo ou dos interesses políticos daqueles que governam o estado? A quem deve servir a Educação Ambiental?

É assim que o humor gráfico se apresenta: no centro dos conflitos, participando como instrumento de enfrentamento por parte daqueles que recebem, invariavelmente, todo o ônus das injustiças ambientais e sociais.

As manifestações públicas de determinados grupos sociais são indicadores de que, ao perceberem que estão sendo prejudicados, se organizam e ocupam o “espaço público” para produzir outra lógica ao processo diferente daquele hegemônico. Embora, muitas vezes, venham a se manifestar apenas posteriormente e com pouca força, organização e conhecimento acadêmico (que refutamos que seja o principal) para enfrentar com consistência os estrategistas e as legiões de consultores contratados pelos poderosos. Por isso, com vista a potencializar a força dos grupos prejudicados, torna-se importante entender os interesses que estão por trás dos planejamentos e dos licenciamentos de determinadas atividades, cujos indícios já podemos identificar nas proposições e controvérsias presentes desde seu processo de elaboração e materializados quando da implementação (SANTOS et al, 2013, p. 257).

A criança quando nasce, chora. Chora pelo choque, pela fome. O choro é um reclame. Uma voz que nem mesmo os pais toleram ouvir. É a denúncia. A criança cresce e o choro torna-se um crime: é feio. Uma manifestação natural de insatisfação que só se torna possível quando de fato explode. Desde aí, somos levados a crer que o certo é ficar calado e aceitar como verdade nossa “incapacidade”. Nesse manancial de total controle e estabilidade, surge o riso, algo que subverte a lógica do imposto. Como alguém que está socialmente em uma

posição inferior pode rir e debochar de outro, em posição social e econômica superior? Isso, para as classes dominantes, é inadmissível.

A tristeza baixa imunidades. Torna o ser humano fraco e passível de ser controlado. O riso, ao contrário, inverte tal realidade: fortalece os oprimidos e expõe as fragilidades do opressor, juntamente com sua pobreza de espírito. Mostra que a dominação acontece porque nós assim a permitimos. Mas ao despertar dessa lógica, recebemos como resposta, através das leis e do poder de polícia, a censura como forma de repressão.

O humor significa resistência e por isso tantos são os humoristas que sofrem processos judiciais ou são jurados de morte¹, pelo "simples e imperdoável" ato de expressar, criticar e contestar a realidade imposta. O humorista é, muitas vezes, rechaçado como "pornográfico", por desnudar verdades até então veladas.

É por este motivo, pelo poder subjetivo de transformação social, por identificar algumas aproximações, por ter me constituído ao longo da vida também cartunista, que decidi estudar e compreender as possibilidades de diálogo entre o humor gráfico e a Educação Ambiental.

2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA HISTÓRIA DO HUMOR GRÁFICO

Talvez Gutenberg, ao inventar a imprensa, em 1455, não esperava que sua tecnologia, ao juntar-se com à litografia de Senefelder, em 1796, culminaria na possibilidade de transformar letras e desenhos em ideias e voz. Muito antes deles, nem o chinês Tsai-Lun, no ano de 105, ao inventar o papel, nem seus sucessores, ao desenvolverem a xilogravura, teriam pensado que, no século XXI, suas invenções serviriam de base e inspiração para o princípio da socialização dos meios de produção de comunicação, ou seja, um dos caminhos possíveis para a multiplicação da informação, do pensamento, da crítica e da transformação social.

Hoje, por meio da internet e das redes sociais, a informação ultrapassa algumas barreiras até então inimagináveis. Chega às massas de forma direta, como resultado de uma "falha" no sistema de comunicação popular, que coloca todos não apenas como consumidores de informação, mas, principalmente, como produtores de informação. Diferentemente do que acontecia em tempos passados, quando

¹ Ver reportagem a respeito do espancamento do cartunista sírio Ali Ferzat
<<http://www.youtube.com/watch?v=ozWr1qGuf-w>>

apenas uma pequena elite tinha o controle das comunicações e transmitia, da forma que lhe convinha, com todas as adulterações possíveis, a informação. Umberto Eco mostra, em seu livro *O Nome da Rosa*, como a produção bibliográfica ficava restrita à igreja católica, permitindo apenas que alguns poucos tivessem acesso à literatura e à informação produzida. Hoje, assistimos a uma tentativa de quebra dessa estrutura hegemônica, não apenas com blogues, que atuam como uma grande rede de contraposição às “empresas” de comunicação, mas também com as diversas mídias alternativas, que funcionam de forma coletiva e desmascaram estruturas políticas até então onipresentes e intocáveis².

A hegemonia na produção de informação é desmascarada de forma bastante esclarecedora pelo documentário *Muito Além do Cidadão Kane*³, no qual podemos perceber o quanto a informação e, conseqüentemente, os meios de comunicação, atuam como mecanismos de controle social e alienação por meio de processos de educação não formal, reproduzindo as diretrizes das classes dominantes.

Assim, ao longo dos séculos, observamos a construção de uma sociedade global dividida entre dominantes e dominados; exploradores e explorados; patrões e escravos; ricos e pobres; merecedores dos benefícios e condenados às zonas de sacrifício. Ou seja, aqueles que controlam os processos de produção e aqueles que possuem, como único bem, o trabalho (CHINEM, 2004, p.15).

Nessa conjuntura mundial, a Educação Ambiental apresenta-se como uma proposta de transformação, em busca da qualidade para a vida, para o meio ambiente, para as relações sociais, para a natureza e para a potencialização da capacidade criativa da subjetividade humana (GUATTARI, 1990, p. 8). Surge como força de resistência, assim como o humor gráfico.

Segundo Fonseca (1999, p. 22), o humor tem sua origem na terminologia médica, que o define como qualquer fluido do nosso corpo, tal como o humor aquoso ou humor vítreo do globo ocular. Na medicina medieval, os quatro humores do corpo humano eram: o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra. Uma pessoa era considerada saudável quando os quatro humores estavam combinados em harmonia no seu corpo. DaÍ o bom humor, ou seja, estar responsável e eticamente potencializado para viver consigo e com os outros.

² Ver informações sobre os sites Wikileaks <<http://wikileaks.org/>> e Mídia NINJA <<http://twitcasting.tv/midianinja>>

³ Documentário disponível no *Youtube*, no seguinte endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=049U7TjOjSA>>

As primeiras sátiras gráficas aparecem em desenhos pré-históricos, nos quais os inimigos eram representados com cabeças de gazelas, a fim de simbolizar sua covardia. Existem registros delas na Antiguidade, com os egípcios, com os gregos e com os romanos (FONSECA, 1999, p.42-45; MAGNO, 2012, p.18).

O período no qual o humor gráfico surge de fato, primeiramente denominado caricatura, é o Renascimento, movimento cultural, político e filosófico que ocorre na Europa entre os séculos XIII e XVIII, difundindo o retorno à cultura clássica greco-romana, tanto no plano artístico quanto na maneira de pensar. Cultuou ainda a redescoberta do valor e das possibilidades do ser humano, que passou a ser considerado o centro de todas as coisas, assinalando o fim da Idade Média e o início da Moderna. (FONSECA, 1999, p. 49; MAGNO, 2012, p. 18). Nesse levante renascentista, Leonardo da Vinci (15/04/1452 - 02/05/1519) destaca-se como um dos primeiros artistas a explorar a técnica da caricatura, através do desenvolvimento de desenhos que valorizavam as formas grotescas de pessoas, assim como Giuseppe Arcimboldo (c.1527 – 11/07/1593) e Michelangelo Buonarroti (06/03/1475 - 18/02/1564), que praticaram as mesmas possibilidades gráficas em seus trabalhos.

Figura 1: Cinco cabeças grotescas, por Leonardo da Vinci (1490)



Fonte: www.davidmadden.org acessado em 30/03/2013

A palavra caricatura surge com a família Carracci, que concebeu, no final do século XVI e início do XVII, um novo estilo de expressão, influenciado pelo ideal de beleza do barroco. Assim, Lodovico Carracci (1555 – 1619), juntamente com seus

primos Agostino (1557 – 1602) e Annibale (1560 – 1609), criaram uma academia em Bolonha, na Itália, com o objetivo de elevar a arte a um ideal que pudesse ser ensinada. Para tanto, os Carracci utilizavam cenas do cotidiano para a produção de seus desenhos, publicados no livro *Trattato*, por Giovanni Atanasio Mosini, em 1646.

A natureza em si tem prazer em deformar as feições humanas: ela dá para uma pessoa um nariz grosso e, para outra, uma boca grande. Se estas inconsistências e desproporções têm em si mesmas um efeito cômico, então o artista, ao imitá-lo, pode acentuar sua impressão e causar o riso a um espectador. Além disso, é privilégio do artista, ao imitá-las, pode acentuar sua impressão e causar riso a um espectador. Além disso, é privilégio do artista exagerar essas deformações da natureza, sem ignorar a semelhança com o modelo e, se possível, dar uma mão à natureza e produzir *ritratini carichi*, retratos carregados. Um artista que trabalhe desta forma está trabalhando como Rafael e outros artistas de renome, que não estavam satisfeitos com a beleza que podia ser encontrada na natureza, mas a selecionaram de vários objetos e das melhores estátuas de maneira a criar um trabalho da mais alta perfeição. E também para desenhar uma *caricare* (caricatura) é necessário conhecer as intenções da natureza em produzir deformidades e resolver continuar estas tentativas começadas pela natureza, até que elas alcancem *perfetto deformità* (a deformidade perfeita) (CARRACCI, 1646 apud FONSECA, 1999, p. 50).

Assim foi cunhado o termo caricatura e a capacidade do artista de carregar os traços pessoais de uma pessoa com o objetivo de causar o riso. A partir desse momento, como ocorre com tudo o que é bem-sucedido, o trabalho da família Carracci passou a ser imitado por vários artistas daquela época, chegando até os dias de hoje, ramificado em diversas possibilidades de produção.

O termo caricatura (em espanhol *caricatura*, em inglês *caricature* e francês *caricature*) foi o que deu origem ao que chamamos humor gráfico. Porém, a caricatura consolidou-se como o exagero das expressões faciais de uma pessoa, ou *portrait charge* para os franceses. Assim, este é o princípio de algo que desencadeará no surgimento da charge, do cartum, do desenho de humor, da tira e da história em quadrinhos, com destaque no século XIX, a partir do surgimento dos jornais caricatos.

Segundo o cartunista Santiago (2013), o termo charge só existe no Brasil e deriva da palavra francesa *charge*, que significa carga, peso, fardo. Porém na própria França o termo não é utilizado, chegando no Brasil durante o século XIX quando pintores e artistas iam estudar em Paris e voltavam falando do termo *portrait charge*, ou “retrato carga”, referente ao exagero expresso no desenho. Com o passar do tempo a palavra *portrait* foi abolida, ficando apenas charge, deixando também de significar caricatura. Os desenhistas brasileiros convencionaram o termo

charge como desenho de atualidade e cartum como desenho humorístico permanente. Em geral, nos países hispânicos usa-se a palavra caricatura como sinônimo de qualquer desenho de humor, mas outros termos também são utilizados, em espanhol como *viñeta* ou *dibujo de actualidad*. Em inglês pode se chamar, *political cartoon* ou *editorial cartoon*; e em francês, *caricature politique* ou *dessin de presse*. A charge caracteriza-se por ser uma piada gráfica ligada a um fato político, carregada de irreverência e crítica. É temporal e necessita que o leitor esteja previamente informado sobre determinada notícia para que entenda a ideia. É o típico desenho que acompanha os editoriais de jornais. Possui prazo de validade: enquanto a notícia estiver em voga. Como desenho isolado, perde o sentido com o tempo pois, sem a informação paralela, sua interpretação torna-se vaga. Um dos trabalhos atuais a enfatizar o uso da charge é o livro *Retrosκόpio*, do cartunista Santiago⁴, que registra quarenta anos da história recente da humanidade, com uma pequena nota do autor no rodapé de cada desenho, contextualizando o leitor acerca do assunto tratado em cada trabalho. Pode vir acompanhado de texto, quase sempre sintético, a fim de somar-se ao desenho, em vez de suplantá-lo. Dependendo do tema abordado por uma charge, sua piada gráfica pode transformá-la, com o passar do tempo, em um cartum, caso a mensagem possa ser entendida sem o acompanhamento da notícia, possibilitando sua leitura muito tempo depois de ter sido publicada.

O cartum (em Portugal *cartoon*, em espanhol, *cartoon*, *chiste* ou *dibujo de humor*; em inglês, *cartoon* ou *gag cartoon*; em francês, *caricature* ou *dessin d'humour*) é caracterizado por ser uma piada gráfica atemporal, ou seja, não possuir vínculo com qualquer fato histórico. Exige-se dele a ausência total de texto, pois além da sua atemporalidade, também se torna universal, podendo ser lido por qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo. O poder de não perder a validade torna o cartum um trabalho bastante dinâmico e sempre renovado; No entanto, a longo prazo, devido a mudanças culturais e nos costumes, alguns podem não ser mais entendidos, o que é observado.

O desenho de humor (em espanhol, *dibujo de humor*; em inglês, *cartoon*; em francês, *dessin d'humour*) não possui vínculo com a transmissão de uma mensagem

⁴ Ver livro em

<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategorialD=949252&ID=848444>

ou ideia; nada mais é do que a forma de se desenhar personagens e objetos utilizando a estética do cartum. Utilizado bastante tanto em desenhos animados quanto em personagens de publicidade.

A tira (em espanhol, *historietas*; em inglês, *comic strips*; em francês, *bandes*), formada em média por três quadros, apresenta-se como um cartum de efeito em sequência, no qual a ideia necessita de três tempos para acontecer, se esta for a intenção do cartunista. Nada impede que seja produzida em um único quadro, caracterizando o desenho como tira o seu formato em proporção de treze centímetros de comprimento, por quatro centímetros de altura. Pode ou não vir acompanhada de texto. A estética da tira, atualmente, vem sendo reestruturada por cartunistas como o pelotense Rafael Sica ou mesmo o argentino Liniers. A tira foi a responsável pelo surgimento de personagens como Mickey e Pato Donald (Walt Disney), A Turma da Mônica (Mauricio de Sousa), Peanuts (Charles Schultz), Recruta Zero (Mort Walker), Hagar (Dik Browne), entre outros tantos popularmente conhecidos pelos jornais. A estética da tira influenciou diretamente vários dos primeiros filmes em película no início do século XX, que reproduziam as ideias desenhadas nos jornais, assim como vários curtas e séries de animação e histórias em quadrinhos.

As histórias em quadrinhos (em Portugal, *banda desenhada*; em espanhol, *còmics* ou *historietas*; em inglês, *comics*; em francês, *BD* ou *bandes dessinées*) foram uma evolução da própria charge e cartum durante o século XIX, por parte dos grandes desenhistas dos jornais caricatos, surgindo nesse período diversas versões em jornais da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. Viriam a se consolidar com o surgimento dos super-heróis, na década de 1930, com personagens como Dick Tracy, Buck Rogers, Batman, entre outros, tendo como grande marco, em termos de publicação, a revista *Action Comics #1*, lançada em abril de 1938, com a primeira aparição do Superman, cujo exemplar original foi vendido em 2010 por 1,5 milhão de dólares. Falecido em 2005, Will Eisner tornou-se o grande ícone dessa linguagem gráfica, por suas fantásticas *graphic novels*, como indica o próprio nome, uma novela gráfica, com dramas adultos e personagens do cotidiano.

Após a necessária explicação das variações que se sucederam a partir da caricatura, em relação ao estudo do humor gráfico e da Educação Ambiental, identifico, entre ambos, uma clara aproximação de objetivos, principalmente acerca das preocupações que motivam os dois campos ao engendramento de frentes de

transformação social e preservação ambiental. Porém, é bom lembrar que nem todo o trabalho de humor gráfico tem por objetivo a denúncia e a ação política. Do mesmo modo, nem toda a Educação Ambiental apresenta-se como transformadora, sendo evidente a indevida apropriação de sua proposta de transformação como meio de *marketing* para grandes empresas poluidoras e forma de mascarar seus impactos ambientais e sociais, utilizando como estratégia a mitigação e a socialização das responsabilidades (SANTOS *et al*, 2013, p. 245-274).

É esta posição que é questionada por Guattari, ao afirmar que a instauração, a longo prazo, de imensas zonas de misérias, fome e morte é parte integrante do monstruoso sistema de "estimulação" do Capitalismo Mundial Integrado. É na relação da subjetividade com sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica - que se encontra a humanidade, comprometida em uma espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva (GUATTARI, 1990, p. 11).

É do ponto crítico desse fatalismo submisso que explodem os movimentos sociais, conforme assistimos, nos meses de junho e julho de 2013, no Brasil. As grandes manifestações populares que já vinham ocorrendo na Europa desde 2008, com a crise financeira mundial, em 2010; com a Primavera Árabe no Oriente Médio e no norte da África, e com o *Occupy Wall Street*, em 2011, chegam à véspera da Copa das Confederações e prometem se intensificar, em 2014, quando ocorrerão o aniversário de cinquenta anos do Golpe Militar, a Copa do Mundo e também as eleições estaduais e presidenciais. Os conflitos citados são indicadores da insatisfação causada pelas injustiças ambientais e sociais. Movimentos aparentemente locais, mas que configuram um fenômeno mundial de questionamento do sistema capitalista e seus gestores.

O pano de fundo objetivo é uma crise social, econômica e financeira que se arrasta desde 2008 e tem como consequências a carestia dos gêneros alimentares e o aumento do desemprego, mas o grande impasse que está presente é a ausência de alternativas políticas organizadas. Os movimentos se manifestam em rebeliões praticamente espontâneas contra as estruturas políticas partidárias e sindicais vigentes, mas sem forjar ainda uma nova articulação orgânica e representativa dos anseios de transformação e ruptura. (CARNEIRO, 2012, p.8).

Os anseios mencionados são sazonais e aparecem ao longo dos séculos. Alguns trabalhos no campo do humor gráfico denunciam e registram tais fenômenos, como as oitenta gravuras de Goya da série "Los Caprichos", produzidas em 1799, que criticavam a opressão da monarquia, os extremismos religiosos e, conseqüentemente, a Inquisição, tratando de transportar para o seu trabalho o

elemento crítico, produzindo uma obra que satirizava tanto a monarquia quanto a igreja.

A história do humor gráfico confunde-se com as lutas sociais e ambientais e delas participa, como acontece com os jornais caricatos espalhados por todo o Brasil e pelo mundo no século XIX, ou mesmo durante a Ditadura Militar, com o jornal *O Pasquim*. Hoje, com o advento da internet, das centenas de páginas que publicam e republicam charges pelas redes sociais, observam-se muitos trabalhos que possuem o objetivo de denunciar, criticar a corrupção, problematizar e trazer para o debate as ações do estado, submetido à nuvem econômica do capital especulativo, que se incompatibiliza diretamente com as demandas sociais e ambientais.

É por meio da capacidade criativa dos cartunistas, os quais demonstram pelo próprio desenho sua identificação, ação e solidariedade para com as questões sociais e ambientais, legitimando aqueles que estão em luta, que muitas contradições do sistema podem ser denunciadas e levadas ao debate. Conforme afirma Harvey (2012, p. 61) as ações devem ser focadas nos níveis estonteantes de exploração nos locais de trabalho e unir os trabalhadores criativos e artistas cujos talentos são tantas vezes transformados em produtos comerciais pelo grande poder do dinheiro.

De fato os cartunistas participaram ativamente das lutas sociais no século XIX, com a popularização da litografia e dos meios de se fazer imprensa, principalmente na Europa e, posteriormente, em outros países, como o Brasil. Com a possibilidade da reprodução dos desenhos, viu-se surgir diversos jornais caricatos que, aos poucos, foram ganhando destaque e passaram a ter muitos leitores. O que ocorreu não apenas pela qualidade gráfica e revolução estética, mas por serem jornais que basicamente se comunicavam por meio de imagens e possuem condições de alcançar a grande camada da população que não sabia ler nem escrever. Conforme censo realizado no Brasil, em 1872, 81,4% da população era analfabeta.

Segundo Magno (2012, p. 19) e Fonseca (1999, p. 67-69), o desenvolvimento da caricatura política, desde o invento da imprensa, foi marcado especialmente na França, pelo trabalho dos cartunistas ingleses, que chegam a este país ainda no século XVIII. Há registros de jornais caricatos franceses ainda em 1815, mas é em julho de 1830 que irá surgir o semanário *La Caricatura*, de Charles Philipon, o qual irá inaugurar o grande momento do humor gráfico na Europa e no mundo.

2.1 No Brasil

Desde a chegada dos portugueses, em 1500, e nos trezentos anos seguintes, correspondentes ao período colonial, tanto os livros quanto a impressão de qualquer obra eram estritamente proibidos no país (MAGNO, 2012, p. 20). Com a vinda da família real e a promulgação da Imprensa Régia, em 1808, estabeleceram-se aqui as primeiras oficinas gráficas, restritas ao uso do império. Porém, nesse mesmo ano, surge o primeiro jornal do Brasil, o *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa⁵, nascido na cidade de Colônia do Sacramento (hoje pertencente ao Uruguai), em 13 de agosto de 1774 e falecido em Londres, em 11 de setembro de 1823.

Morando em Portugal e prestando serviços à coroa portuguesa, Hipólito José da Costa vai a Londres, em 1802, adquirir livros para a Real Biblioteca e maquinário para a Imprensa Régia. Porém, ocultamente, busca intermediar contato entre as lojas maçônicas de Portugal e Grã-Bretanha, mas é detido pela Inquisição, por disseminar ideias maçônicas na Europa. Em 1805, consegue fugir para a Espanha e, posteriormente, para a Grã-Bretanha, onde recebe apoio da monarquia do Reino Unido e, de lá, começa a editar o jornal, no qual realizava uma série de críticas políticas, enviando ao Brasil, 29 edições, com circulação entre 1808 e 1823.

É em 25 de julho de 1822 que ocorre a publicação da primeira charge produzida no Brasil, que seria a logo do jornal *O Maribondo*, redigido por Manoel Paulo Quintela, na cidade de Recife, em Pernambuco. (MAGNO, 2012, p. 20), a qual apresentava um horroroso corcunda – representando os portugueses – acossado por um enxame de maribondos – os brasileiros.

⁵ Ver biografia em < <http://www.infoescola.com/biografias/hipolito-da-costa/> >

Figura 2: Charge do jornal *O Maribondo*

Fonte: <http://juliapetit.com.br/home/tracado/> acessado em 14/07/2013

Nesse momento, vários são os artistas que exploram o humor gráfico e desenvolvem seus jornais caricatos, tanto em xilogravura, quanto em litogravura. Na Europa, surge um dos grandes caricaturistas da época, que influencia gerações: Honoré-Victorien Daumier⁶ (26 de fevereiro de 1808, Marselha – 10 de fevereiro de 1879, Valmondois), que participa também do periódico *La Caricatura*, de Charles Philipon.

Em 1806, nasce aquele que será considerado o primeiro caricaturista do Brasil: o Barão de Santo Ângelo, Manoel de Araújo Porto Alegre. Nascido na cidade do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, viaja para a Europa, em 1831, a convite de Jean-Baptiste Debret, pintor francês que integrou a Missão Artística Francesa (1816) e fundou, no Rio de Janeiro, a Academia Imperial de Belas Artes.

Manoel de Araújo Porto Alegre foi estudar com o Barão de Gros, mestre de outros caricaturistas franceses, como Charles Philipon, convivendo com toda a efervescência cultural de Paris, oportunidade em que estabeleceu contato com os principais artistas dos movimentos romântico, realista e pré-impressionista. Retorna ao Brasil e, em 1837, lança, no Rio de Janeiro, a série intitulada *Caricatura*, ganhando destaque no país por trazer um trabalho que até então era realizado

⁶ Ver biografia em < <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/daumier.htm> >

apenas na Europa. Posteriormente, apresentou aquele que seria o primeiro trabalho em que faz uso da estética da charge e da caricatura pessoal, impresso como estampa avulsa para o *Jornal do Commercio*, nº 277, em 14 de dezembro de 1837, alusivo à nomeação do jornalista Justiniano José da Rocha para o cargo de diretor do Correio Oficial.

Figura 3: Primeira charge de Araújo Porto Alegre no Brasil



Fonte: http://pit935.blogspot.com.br/2012/12/milestones-eventos-em-destaque-no-dia_29.html visitado em 14/07/2013

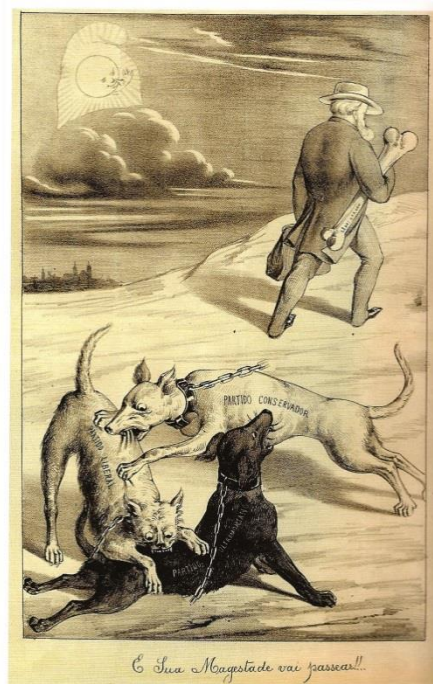
A partir daí, muitos seriam os cartunistas, caricaturistas e jornais caricatos espalhados por todo o Brasil e pelo mundo. A maioria estaria dedicada a criticar a política, os costumes, os ricos, as desigualdades, em disseminação de ideias contrárias às da elite da época, o que iria auxiliar na difusão e na criação dos primeiros movimentos sociais do Brasil, dedicados à causa abolicionista, indígena e à Proclamação da República.

Figura 4: Charge de Angelo Agostini relacionada aos inimigos do jornal *Diabo Coxo*, publicada em 08/04/1865



Fonte: MAGNO (2012, p.199)

Figura 5: Charge do cartunista J.Mill



Fonte: MAGNO (2012, p. 166)

Legenda: produzida para o jornal *O Mequetrefe*, nº41, publicada em 07/10/1875, mostrando a briga partidária pela Proclamação da República e Dom Pedro II

Figura 6: Charge de Cândido de Faria, intitulada
“O que se está preparando... pobre Brasil!!!”



Fonte: MAGNO (2012, p. 224 e 225)

Legenda: Mostra o país assolado pela febre amarela, a questão religiosa e a liberdade de imprensa.

Publicada em *O Mosquito*, nº 342, de 16/02/1876

Figura 7: Charge de Rafael Bordalo Pinheiro



Fonte: MAGNO (2012, p. 316-317)

Legenda: Charge intitulada “As escolas das irmãs de caridade, liziristas e jesuítas”, apresentando o seguinte texto distribuído ao longo do desenho: “Com os “pés de IE” e tanta profusão como os gafanhotos e os “cri-cris” tentam apoderar-se dos espíritos fracos, esta horda de vampiros de

consciências livres, esperando tudo do fanatismo dos poderes públicos. Idiotas e sacristães em vez. Que os pais de família atirem seus filhos a essas fauces insaciáveis e teremos os homens do futuro anêmicos, absurdos. De valentes Soldados de causas justas criados nas escolas livres. Tolerem a reação e teremos de acrescentar este emblema aos nossos brasões”. Publicada no jornal *O Mosquito*, nº 384 em 24/09/1876

Espalhados por todo o país, os cartunistas do século XIX encontraram terra farta, tanto pelos problemas sociais e ambientais a serem questionados e publicizados quanto pelos leitores para os seus trabalhos. Entre tantos artistas da época, Angelo Agostini, nascido em Vercelli, Piemonte, na Itália, em 8 de abril de 1843, será o grande expoente do humor gráfico brasileiro, com as publicações *Diabo Coxo*, *O Cabrião*, *O Arlequim*, *Vida Fluminense*, *Tico-Tico* e a destacada *Revista Ilustrada*. Angelo é considerado um dos percussores das histórias em quadrinhos no mundo, com a publicação na revista *Vida Fluminense*, em 30/01/1869, do trabalho intitulado *As Aventuras de Nho-Quim, ou Impressões de uma Viagem à Corte*. Falece em 23 de janeiro de 1910, no Rio de Janeiro (FONSECA, 1999, p. 211-213 e MAGNO, 2012, p. 196-217).

2.2 No Rio Grande do Sul

Um dos primeiros trabalhos na linguagem cartunista a ser registrado no estado foi o do mercenário alemão Hermann Rudolf Wendroth⁷, contratado para lutar na Guerra do Prata contra o ditador argentino Juan Manuel de Rosas, pelas terras do Uruguai. Chegando primeiro a Rio Grande e, posteriormente, passando por Pelotas, Porto Alegre, Rio Pardo e Lavras do Sul, registra várias características e trejeitos culturais do povo gaúcho, assim como o problema da escravidão na região. Faleceu por volta de 1860, em local incerto, talvez em Porto Alegre ou mesmo em Buenos Aires. (ALVES, 2012, p. 9-10)

Segundo Damasceno (1962, p. 13), o primeiro jornal caricato do Rio Grande do Sul foi a *A Sentinela do Sul*, em Porto Alegre, datada a primeira edição de 7 de julho de 1867. Criado por Júlio Timóteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva, o jornal encerrou suas atividades em janeiro de 1869. Outros jornais o sucederam, tanto na capital quanto em outras cidades, como Rio Grande e Pelotas.

⁷ Ver biografia em < <http://pt.cyclopaedia.net/wiki/Herrmann-Rudolf-Wendroth> >

Por ser uma cidade portuária, Rio Grande era considerada de vanguarda e cosmopolita, recebendo toda a influência que vinha da Europa através dos viajantes que a ela chegavam.

Os avanços econômicos permitiram um aprimoramento cultural na urbe, ainda mais devido à presença do porto, por onde não entravam e saíam apenas mercadorias, mas também pessoas em geral, artistas, ideias, livros e jornais. A partir de tal perspectiva, a imprensa encontraria fértil espaço para desenvolver-se na urbe portuária, a qual foi uma das primeiras a contar com atividades jornalísticas e na qual circularam alguns dos mais longevos jornais gaúchos no âmbito rio-grandense (ALVES, 2012, p. 19).

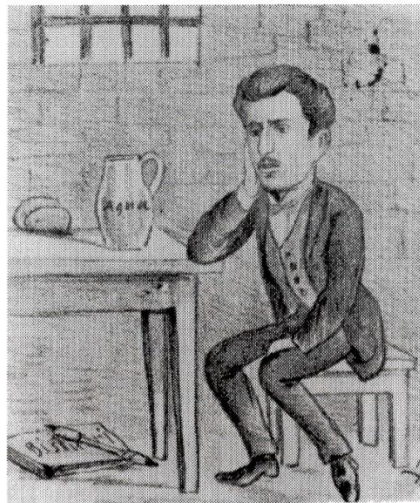
O primeiro jornal caricato a surgir em Rio Grande foi *O Amolador*, em 5 de abril de 1874, de propriedade de Gaspar Alves Meira, participando e dando início a uma trajetória de cartunistas presente até os dias de hoje. Destacam-se também os jornais *O Diabrete*, *Maruí*, *A Semana Ilustrada* e *Bisturi*. Este último com maior repercussão, devido ao seu caráter crítico e politicamente polêmico. Surgido em 1º de abril de 1888, a cargo do cartunista Tádeo Alves de Amorim (Rio Grande, 1856 – Rio Grande, 1920). Artista de excelente traço, dotado de uma qualidade gráfica vista somente em grandes jornais do Rio de Janeiro, destacou-se também em periódicos de Porto Alegre, onde trabalhou em outros jornais caricatos. (DAMASCENO, 1962, p. 185-195)

Tádeo Amorim caracterizava-se não apenas como um cartunista de qualidade, mas como um militante político. Fazia críticas à estrutura social vigente, demonstrando que o povo (o pobre), sustentava as atividades produtivas (agricultura, comércio e indústria) e estas, por sua vez, sustentavam o banqueiro (capitalista). Outras questões que integravam seu universo crítico eram a preocupação social diante dos aumentos abusivos dos produtos básicos, como a carne, para as camadas populares, ou mesmo a preocupação com a febre amarela e as possibilidades de uma epidemia na cidade, assim como as preocupações relativas à República, passando a criticar Julio de Castilhos e o presidente Floriano Peixoto (ALVES, 1999, p.222-240). Tais questões existem até hoje e compõem os debates realizados pela Educação Ambiental, levando-nos a perceber que as lutas dos movimentos sociais e ambientais vistas diariamente são versões atualizadas do que muitos já viveram, denunciaram e debateram em décadas ou séculos passados. Ou seja, problemas que continuam se acumulando sem a aplicação de reais soluções práticas.

Tádeo Amorim passou a ser observado pela elite; suas críticas não agradavam nem um pouco aqueles que controlavam a cidade.

Tádeo Amorim era um espírito revel, um caráter sujeito a oscilações constantes, fácil é imaginar a espécie de político que ele foi. O inconformado estaria sempre em desacordo com a ordem – ou a desordem – vigente e, portanto, em permanente atrito não só com aqueles que representavam essa ordem, como ainda com o meio, a que estendia seus ásperos reparos, inspirado mais na irascibilidade do que na razão do crítico. O que o leva em julho de 1893, devido aos rigores da censura imposta pela República, à prisão. (DAMASCENO, 1962, p. 191 – 192),

Figura 8: Autorretrato de Tádeo Amorim



Fonte: ALVES (1999, p.240)

Legenda: Tádeo Amorim se autorretratou na prisão em uma charge para o jornal *O Bisturi*, prevendo o que viria a ocorrer em julho de 1893.

2.3 O Brasil República e a censura

Com a publicação do Decreto nº 1565, de 13 de outubro de 1893, que regula a liberdade de imprensa durante o estado de sítio no Brasil, começa o grande declínio dos jornais caricatos, pois uma das publicações proibidas pela censura era a de desenhos, o que foi aplicado também a uma série de ideias e notícias que viessem a atingir diretamente o governo vigente. (ANEXO 1)

A República, que fora um sonho para a inquieta geração de 89, uma vez instaurada no País viraria pesadelo para muita gente boa, em especial para os homens do prelo, que, sob o novo regime, se viram forçados repentinamente a refrear seus ímpetos e a contar até dez no mínimo, antes de dar expressão ao pensamento e curso às ideias.

Temos assinalado que, pelo menos na primeira década republicana, muitos jornalistas, habituados à tolerância do Império, em matéria de liberdade de imprensa, sofreram severas restrições em seu ofício e, não raro, chegaram até a conhecer os duros castigos do cárcere e ainda o vexame brutal dos atentados físicos. Sob o pretexto do fortalecimento e consolidação das

instituições recentes, muitas violências então se praticaram e não seria uma leviandade responsabilizar o regime, destinado a promover a felicidade da nação por um certo aviltamento do jornalismo indígena, arrolhado pela censura e obrigado a omitir-se, no debate de muitos assuntos, diante da ameaça frequente da interrupção temporária de sua circulação, quando não do empastelamento total de suas oficinas (DAMASCENO, 1962, p 144-145).

Além dos entraves legais impostos pela República, a indústria gráfica havia chegado e engolido os jornais locais, disponibilizando exemplares com mais conteúdo, melhor qualidade gráfica, menor custo, mais baratos e, também, notícias que contemplavam o Rio Grande do Sul como um todo. O jornal *Correio do Povo*, surgido em 1895, em Porto Alegre, foi um dos responsáveis pela falência da maioria dos jornais locais em todo o estado. (ALVES, 1999, p.350)

A desarticulação política da imprensa crítica e caricata continua. Em 31 de outubro de 1923, foi publicado o Decreto nº 4743, que intensificava as restrições à liberdade de imprensa, não apenas com multas pesadas, mas também com intensos períodos de prisão (ANEXO 2). Na sequência, em 1937, com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o governo totalitário de Getúlio Vargas institucionaliza a censura da imprensa, causando um hiato de graves e profundas consequências. A caricatura entra em decadência, pois sua sobrevivência se tornava inibida sob tal clima de controle social (FONSECA, 1999, p. 246).

A nova conjuntura imposta, além de frear a criação do humor gráfico no Brasil, atingiu diretamente o país pela ausência da análise crítica de suas ações, o que manteve desigualdades e deixou para a posteridade debates sociais e ambientais que até hoje encontram dificuldades de superação. O que se vê, na sequência, é a diminuição não apenas de jornais caricatos, mas também de cartunistas, pelo cerceamento da liberdade de expressão, inibindo o surgimento de novos críticos em uma política desenvolvimentista.

Os espaços que absorveram o trabalho desses profissionais, devido ao alto custo da revelação e reprodução da então mais nova tecnologia, a fotografia, seriam a publicidade e as publicações institucionais e educacionais, assim como os jornais de notícia e revistas. Os jornais caricatos simplesmente desaparecem.

Eclode a 2ª Guerra Mundial e, devido à posição do Brasil de apoio aos países que combatiam o nazi-fascismo, a imprensa experimenta um novo momento de liberdade, retomando seu prestígio. Herdeiros do que foi a imprensa caricata no século XIX, e mesmo com toda a censura vigente, grandes talentos do humor gráfico

surgem, a exemplo dos cartunistas J. Carlos, Seth, Fritz, Belmonte, Di Cavalcanti, Guevara e Nássara.

Sucedeu-lhes uma nova geração, que seria a responsável por preparar um novo e importante levante do humor gráfico. Surgida nas redações das revistas *O Cruzeiro*, *Revista do Globo*, *A Cigarra*, *Careta*, *Fon-Fon*, *O Malho*, *Tico-Tico*, entre outras publicações, Péricles, Millôr Fernandes e o argentino Lan, acompanhados de Luis Sá, Appe, Jaguar, Claudius, Anibal Bendati, Carlos Estevão, Ziraldo, Borjalo, Fortuna e Zélio, fariam parte de um movimento que consolidaria novamente a qualidade dos cartunistas brasileiros. No Rio Grande do Sul, destacam-se os cartunistas Renato Canini, Sampaolo e seu irmão Sampaio, Luis Fernando Veríssimo e Xico Stockinger – que posteriormente iria tornar-se um dos escultores mais renomados do país.

A iniciativa que viria colaborar com a criação do *Coojornal* e, conseqüentemente, da GRAFAR, Grafistas Associados do Rio Grande do Sul, foi a CETPA, Cooperativa Editora de Trabalhos de Porto Alegre, inspirada e criada pelo cartunista José Geraldo e pelos jornalistas João Maia Neto e Hamilton Chaves, com o apoio do então governador Leonel Brizola. A CETPA, cujas atividades foram encerradas no final de 1963, reuniu grandes nomes do cartum e dos quadrinhos, como Renato Canini, Flavio Colin, Anibal Bendati, Julio Shimamoto e João Mottini (FONSECA, 1999, p. 272-273).

Nesse período, começam a serem moldadas no Brasil ideias que iriam pautar algumas linhas do pensamento da Educação Ambiental, por meio da proposta de educação apresentada por Paulo Freire, bastante criticada pela elite da época.

Assim, a Campanha Nacional de Alfabetização, através do sistema Paulo Freire, representaria enorme perigo para as instituições, pois pretende alfabetizar, em moldes marxistas, em 1964, quatro milhões de brasileiros que serão eleitores em 1965... Não se pode permitir, porém, que esse movimento venha a ser desvirtuado em benefício dos que pretendem implantar o comunismo em nosso País, visando à tomada do poder. (*O Estado de São Paulo*. 30/11/1963, apud URBAN, 2008, p. 44).

2.4 O humor gráfico e a ditadura militar

Em 25 de agosto de 1961, o presidente Jânio Quadros renuncia. Seu vice, João Goulart, é acusado por militares da direita de ser comunista e é impedido de assumir a presidência no regime presidencialista. Em 7 de setembro toma posse

como chefe de estado na mudança do regime para parlamentarista. Em paralelo, o gaúcho, nascido na cidade do Rio Grande, Golbery do Couto e Silva, cria, em 1962, o IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, que idealizaria e prepararia o movimento da oligarquia brasileira, promovendo o golpe em 1º de abril de 1964 – ironicamente o Dia dos Bobos, ou O Dia da Mentira (CHINEM, 2004, p. 88) – colocando o país em uma ditadura militar, a qual intensificou a censura e promoveu torturas, assassinatos, enriquecimento da classe dominante e empobrecimento do povo. A ditadura militar encerrou-se institucionalmente em 8 de maio de 1985; porém, o grupo que a instituiu mantém-se no poder até os dias de hoje, ocupando cargos de gestores e assessores políticos. (URBAN, 2008, 45-51).

Em plena repressão, surgem inúmeros jornais alternativos por todo o país, questionando o sistema imposto e atuando como mecanismos de Educação Ambiental, tendo em Chico Mendes, em Xapuri, Acre, uma das principais referências do movimento sindical e ambiental, distribuindo o jornal *Movimento* aos castanheiros, para a formação política e social desses trabalhadores, em pleno momento de proibição total de qualquer manifestação contrária ao regime. (CHINEM, 2004, p. 9).

É em 13 de dezembro de 1968 que surge o AI-5, Ato Institucional nº5, delegando ao governo o poder de fechar o Congresso Nacional, cassar políticos, demitir ou remover juízes e suspender a concessão do *habeas corpus*; intensificando a censura no país⁸ e deixando muitas redações de jornais apreensivas e, conseqüentemente, motivando outras a escancarar sua posição contrária ao regime. (CHINEM, 2004, p. 30)

Segundo o jornalista Rivaldo Chinem, a imprensa tem um papel importante na educação, devendo ser esta uma de suas principais funções.

A grande imprensa, como sugere o nome, é ligada àquela classe que a pode manter. Esses jornais podem exercer o papel de esclarecimento da sociedade, porém só até o limite dos interesses de seus proprietários, vinculados à manutenção de um complexo econômico, político e institucional. Mas a grande imprensa pode, e deve educar porque essa é uma de suas obrigações. Quando se fala em educar a ideia que vem à cabeça é a do professor na lousa, em frente de dezenas de crianças, todas bem-comportadas, ouvindo somente. Mas não é isso. Educar através de jornal é ir fundo, explicar porque as coisas acontecem, investigar os fatos, mostrar

⁸ Ordem de censura distribuída à imprensa: “Por determinação superior está proibida a divulgação pela imprensa, rádio e televisão do despacho telegráfico aludindo pronunciamento de Sua Santidade, o Papa, referentes a torturas em um grande país católico. A divulgação será permitida após o recebimento do inteiro teor do pronunciamento de Sua Santidade e a apreciação do mesmo”. (CHINEM, 2004, p. 30)

porque acontecem, o que está por trás de cada fato, o que esconde uma simples notícia. (CHINEM, 2004, p. 15)

É nesse contexto que surge, em 26 de junho de 1969, o jornal *O Pasquim*, com tiragem inicial de dez mil exemplares, chegando, no auge de sua carreira, a 225 mil jornais distribuídos em todo o país.

O Pasquim foi o grande marco na imprensa e no humor gráfico do Brasil; não apenas pela qualidade da produção gráfica e de conteúdo, mas pelo momento de repressão em que se vivia, constituindo-se como a principal válvula de escape, de expressão, de criatividade, de linguagem e de denúncia da época.

De sua equipe inicial, faziam parte Jaguar, Ziraldo, Carlos Posperi, Claudius, Sérgio Cabral e Tarso de Castro; posteriormente Paulo Francis, Henfil, entre outros, que mais tarde se uniram ao grupo.

Um dos porquês de a ditadura militar permitir a existência do *Pasquim* explica-se no seguinte argumento de Rivaldo Chinem:

O *Pasquim* tinha apoio dos jornalistas, é verdade, mas seus idealizadores lembram que nunca tiveram cobertura nos grandes jornais, que se referiam a ele como “um certo semanário que foi apreendido”. “Certo semanário”? O *Pasquim* tomou uma força muito grande e a ditadura não tinha noção que poderia chegar onde chegou; se tivesse, poderia querer fechá-lo logo no começo. Depois, o pessoal tinha muitos contatos no exterior e fechar o jornal repercutiria muito lá fora, não seria bom para a ditadura. Então eles apertaram na censura e na repressão (CHINEM, 2004, p. 93).

Um dos cartunistas mais destacados no *Pasquim* e que ganhou o topo como um dos maiores humoristas gráficos que o Brasil já produziu foi Henfil. Segundo Nilson, cartunista mineiro que morou com ele em São Paulo,

Seu traço não era desenho, era um eletroencefalocardiograma correndo o papel e pulando direto em nossas consciências. Foi esse traço delicado e violento que ele usou como arma contra a ditadura militar. (CHINEM, 2004, p. 94).

FIGURA: Charge do Henfil



Fonte: <http://otaldoportugues.wordpress.com/> acessado em 06/10/2013

FIGURA 10: Charge do Henfil



Fonte:

<<http://www.newsrondonia.com.br/noticias/vem+pra+rua+protestos+no+brasil+sao+retratado+s+em+charges/34080>> acessado em 06/10/2013

Tarso de Castro, outro colaborador de *O Pasquim*, fala de Henfil e reafirma o poder do humor gráfico como forma de ação e Educação Ambiental.

Quanto mais você esculhambava o que estava estabelecido, mais atingia o público. Porque havia uma revolta. Esse país tinha mil problemas, era um país sacrificado, doente, com uma miséria enorme...(CHINEM, 2004, p. 95).

Segundo Milton Severiano da Silva, do jornal *Ex*, os jornais alternativos e o humor gráfico em um período de intensa repressão apresentavam-se como o mecanismo questionador que se tinha no momento.

Barato, cômodo e mais seguro. Contestar o regime implicava em risco de vida. Uns pegaram em armas. Foram aplastrados ou se mandaram para o exílio. Nós, agrupados em comunidades, fundávamos um jornal atrás do outro. Pegar em armas, tínhamos concluído, era suicídio". (CHINEM, 2004, p. 100)

Mesmo assim, *O Pasquim* sofreu dois atentados à bomba: um deles causando a explosão de toda a fachada do prédio onde funcionava o jornal; já o segundo não obteve sucesso, devido ao rompimento do pavio, que impediu a bomba de explodir.

Uma das causas da intensa revolta dos militares foi uma charge produzida por Jaguar a respeito do quadro que descrevia o grito do Ipiranga, de Pedro Américo, propondo uma brincadeira com a música de Jorge Ben.

Por causa da charge, os redatores de *O Pasquim* foram presos.

Figura 11: Charge de Jaguar para *O Pasquim*



Fonte: <<http://planetamongo.wordpress.com/2012/09/07/eu-quero-mocoto>> acessado em 16/07/2013

Era um momento cauteloso no qual os cartunistas que haviam restado preferiam noticiar que Ziraldo, Jaguar, Fortuna, Tarso, Paulo Francis, Maciel, Sérgio Cabral, Flávio Rangel e o diretor comercial, José Grossi, no dia 30 de outubro de 1970, haviam sido “assolados” por um “violento surto de gripe”. Henfil, Millôr e Marta Alencar, juntamente com Miguel Paiva, produziram o jornal no período seguinte. E assim, por dois meses, a redação de *O Pasquim* passou a ser assinada por interinos, até que toda a equipe fosse solta (CHINEM, 2004, p. 97-98).

A mesma equipe foi responsável também pela criação de um dos maiores festivais de humor do mundo: o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 1974, com o objetivo de ser também um centro de resistência dos artistas gráficos contra a ditadura militar.

O Pasquim encerrou suas atividades em 11 de novembro de 1991, em um momento aparentemente novo para a sociedade brasileira. Fernando Collor de Mello havia sido eleito presidente por voto direto, ganhando as eleições de Luiz Inácio Lula da Silva e encontrava-se no auge de sua descredibilidade política. Em 1992, acontecia a Eco92, que se tornaria um dos grandes marcos da luta ambiental no mundo. Em 29 de dezembro do mesmo ano, Collor renuncia durante o transcorrer de seu processo de *impeachment*. O pensamento geral imaginava que, a essa altura, a ditadura militar estava soterrada; porém, a elite beneficiada, que articulou o golpe e administrou o Brasil durante duas décadas por meio dos militares, continuou sua jornada em cargos políticos, mantendo o latifúndio e controlando diversas atividades econômicas e sociais, promovendo a desigualdade e a injustiça ambiental no Brasil.

Nesse novo contexto, já na era do Plano Real e do presidente Fernando Henrique Cardoso, o cartunista Ziraldo lança, em 1999, a revista *Bundas*, uma paródia à revista *Caras*, a qual apresentava o *glamour* da elite paulista e carioca como modelo social a ser cultuado em todo o país. Logo, o *slogan* que fazia parte da revista trazia a seguinte frase: "Quem mostra a bunda em *Caras* não mostra a cara em *Bundas*".

Em 2002, Ziraldo e seu irmão Zélio resolvem encerrar a *Bundas* e lançar uma nova edição de *O Pasquim*, em um novo contexto mundial, após o atentado do 11 de setembro de 2001, que derrubou as torres gêmeas nos Estados Unidos, culminando na invasão do exército estadunidense junto ao Afeganistão. Renomeado de *O Pasquim 21*, participou da formação de novos cartunistas que surgiriam no final

dos anos 90 e início dos anos 2000, e que hoje eclodem na internet via blogues e redes sociais. O *Pasquim 21* encerraria suas atividades em junho de 2004, devido à falta de patrocínios e apoio para a sua continuidade.

FIGURA 12: Charge de Wagner Passos no *Pasquim 21*



Fonte: O Pasquim 21, edição 116 de 19/06/2004

Legenda: A charge tem como notícia a Operação Vampiro, que investigou a formação de cartel de 24 empresas envolvidas no superfaturamento e tráfico de influência nas licitações para compra de hemoderivados e equipamentos pelo Ministério da Saúde. Publicada na edição 116 do jornal *O Pasquim 21*, penúltima edição antes do seu encerramento.

No Rio Grande do Sul, em 1976, surgiu o único jornal da imprensa alternativa fora do eixo Rio-São Paulo, o *Coojornal*, gerido por uma cooperativa e reunindo em torno de si jornalistas e cartunistas de Porto Alegre. Começou com tiragem de quatro mil exemplares, chegando a publicar até 35 mil exemplares. No dia 3 de julho de 1981, quatro integrantes do *Coojornal* foram julgados na 1ª auditoria militar, em sessão que durou dez horas, e condenados a cinco meses de detenção por terem publicado documentos do Exército que faziam referência às operações antiguerrilheiras no Vale do Ribeira, em São Paulo, na perseguição e morte de Carlos Lamarca no interior da Bahia (CHINEM, 2004, p 75). O *Coojornal* seria um dos responsáveis pelo surgimento de cartunistas como Edgar Vasques e Santiago, duas das principais referências para os cartunistas gaúchos nas décadas seguintes.

2.5 A causa ambiental e social no humor gráfico gaúcho

A temática ambiental no humor gráfico começou ainda nos anos 70 a ser abordada com mais ênfase por dois cartunistas gaúchos: Edgar Vasques⁹ (Porto Alegre - RS, 5 de outubro de 1949), com o personagem *Rango*, e Renato Canini (Paraí - RS, 22 de fevereiro de 1936; Pelotas – RS, 30 de outubro de 2013), com o personagem *Tibica, o defensor da Ecologia*.

Segundo Erico Verissimo, autor de clássicos da literatura como *O tempo e o vento* e *Incidente em Antares*,

Rango é um herói de nosso tempo, de todos os tempos. Se há sarcasmo neste pequeno livro que nos faz rir e pensar, esse sarcasmo será menos do artista do que uma imposição inelutável dos temas de que ele trata. Recusando a alienação, o caricaturista Vasques combate a miséria com as grandes e nobres armas de que dispõe: pena, tinta, espírito de solidariedade humana... e talento” (VASQUES, 1974, p 3)

O personagem surgiu no auge da ditadura militar e apresenta um mendigo que mora em uma lata de lixo e luta diariamente para sobreviver. Questiona a política, a sociedade, os modos de produção, o consumismo, o capitalismo, a degradação da humanidade e do planeta e tantos outros temas que fazem parte das abordagens trabalhadas em Educação Ambiental.

Rango sempre procura refletir essa tragicomédia. E se algum leitor mais jovem, ao se defrontar com temas como ditadura, tortura, censura, inflação, cruzado, constituinte etc... sentir-se motivado a pesquisar e se informar, a tirinha do Rango, na velha tradição de pensar sobre o país, terá mais uma vez cumprido seu papel (VASQUES, 2005, p. 7).

⁹ Ver site do autor em <<http://evblogaleria.blogspot.com.br/>>

FIGURA 13: Tiras do Rango



Fonte: VASQUES (1974)

Já Renato Canini¹⁰, conhecido entre tantos trabalhos no universo do humor gráfico, começou ainda jovem a trabalhar, aos vinte anos, na revista infantil *Cacique*, publicada no Rio Grande do Sul, no período de 1954 a 1963, pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE/RS, da Secretaria de Educação e Cultura, distribuída nas escolas de todo o estado.

Canini lança o personagem *Tibica* em 1978 para o projeto *Tiras da Editora Abril*, onde trabalhava desde 1970, quando ingressou para desenhar o personagem *Zé Carioca*, pelo qual ficou bastante conhecido, mesmo sem ser permitida sua assinatura nos quadrinhos, não apenas por abraçar o personagem Disney, mas pelo tom social contido nas suas histórias. Porém, é com *Tibica* que Canini irá manter uma relação de afeto e realizará da sua forma a Educação Ambiental pelos seus quadrinhos.

Mary Weiss, jornalista e escritora, homenageada com o prefácio do livro *Tibica, o defensor da ecologia*, descreve muito bem a ligação e as possibilidades de Educação Ambiental que as tirinhas do menino indígena oferecem:

Tibica é um personagem ecológico que, unindo seu amor a Deus e à natureza, faz críticas à violência, à devastação das florestas, à poluição e à exploração do índio pelo branco. Defensor da ecologia, demonstra que o assunto é atual desde os tempos bíblicos. Valores antigos em constante renovação. Anti-herói e antiviolença, apesar de os meios de comunicação e até mesmo os quadrinhos estarem carregados de violência como nunca. Dizem que são os tempos, mas isso não justifica... Às vezes satírico, outras vezes fazendo uso de seu ser poético, Tibica conversa com as plantas e com os animais. Sua comunicação carregada de graça, sutileza e humor atrai não só as crianças como também os adultos. (CANINI, 2010, p. 5)

¹⁰ Ver dissertação de mestrado de Eloar Guazzelli sobre Canini em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16092009-205951/pt-br.php>> e artigo de Wagner Valente dos Passos e Elisabeth Brandão Schmidt: **Zé Carioca por Renato Canini, uma análise a partir da óptica da Educação Ambiental** <<http://www.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/gt4.htm>>

No que se refere a *Tibica*, é importante registrar algumas palavras do próprio autor:

Por muito tempo fiz cartum para divertir, mas acredito que temos de aproveitar a oportunidade, justificar o sacrifício das árvores derrubadas para impressão com algo mais. Acho que é o trabalho mais importante da minha vida. Bem mais importante que as cento e poucas histórias que desenhei do Zé Carioca. (CANINI, 2010, p. 95)

Renato Canini viveu seus últimos dias na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, com a sua esposa Maria de Lourdes e lançou recentemente o livro *Pago Pra Ver*, que também apresenta a temática ambiental, retratando em uma série de cartuns e grafismos a vida do gaúcho no pampa, mostrando a beleza, a melancolia, o trabalho, as dificuldades, a concentração da terra pelo latifúndio, o êxodo rural e a urbanização.

Nessa contextualização das relações da Educação Ambiental com o humor gráfico, percebe-se a identificação de vários cartunistas com questões intimamente relacionadas às problemáticas sociais e ambientais. O cartunista coloca-se como um educador ao permitir que sua prancheta preencha-se de irreverência, solidariedade e criticidade, em situações nas quais o oprimido não possui a quem pedir socorro. O cartunista torna-se apenas o meio, aquele que dá vida e voz, através do cartum, às inquietudes do povo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa caracteriza-se por ser de natureza qualitativa e de caráter exploratório, a partir de uma amostra não probabilística por julgamento, que reúne 142 cartuns de 142 cartunistas, originários de 38 países, resultado da seleção realizada em um universo de 354 trabalhos recebidos para a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

Educadores ambientais que prestigiaram a mostra e interagiram com os cartuns foram entrevistados através de perguntas semiestruturadas, gravadas e transcritas para posterior análise. Os dados relativos à entrevista foram complementares à análise dos cartuns.

A ideia de realizar esta pesquisa sobre o humor gráfico e a Educação Ambiental surgiu quando participei da comissão cultural de organização do V CPEASUL – Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul e IV

EDEA – Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, eventos realizados conjuntamente entre os dias 25 e 29 de setembro de 2012, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Entre as diversas atividades culturais que foram planejadas, propôs organizar uma exposição de cartuns com o tema Educação Ambiental.

No mundo inteiro são realizados diversos festivais, mostras e salões de humor, muitos deles apresentando temáticas ambientais e sociais e reunindo centenas de trabalhos. No entanto, tais eventos, mesmo com a publicação e distribuição de catálogos impressos, acabam restritos a uma pequena parcela da sociedade, ou seja, frequentadores de galerias de arte, de *shopping centers* ou mesmo um público formado por artistas gráficos e humoristas. Eventualmente, alguma escola leva seus alunos para visitarem as exposições, talvez um dos poucos momentos em que o evento consegue ser popular, sair do núcleo de um público seletivo e chegar de fato a quem o cartum está direcionado. Esses espaços podem ser otimizados, pois se mostram extremamente ricos para o debate, que anseia ir além dos promovidos pelos admiradores habituais do humor gráfico.

Após acumular experiência, organizando, ao longo dos últimos dez anos, vários eventos culturais e exposições nacionais e internacionais de cartum e quadrinhos, apresentava-se, então, a oportunidade de promover o diálogo entre cartunistas, professores, pesquisadores, estudantes e comunidade em geral, realizando uma mostra que traria em seus desenhos demandas que ultrapassam fronteiras de idioma, economia, cultura, geografia e política.

A mobilidade sobremoderna exprime-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Enfim, a história política do planeta parece questionar as fronteiras tradicionais, no momento em que um mercado liberal mundial ocupa espaço, e onde as tecnologias da comunicação parecem suprir, cada dia mais, os obstáculos ligados ao espaço e ao tempo. (...) e são os países liberais que erguem muros para se protegerem dos imigrantes clandestinos. (...) metacidade virtual, segundo expressão de Paul Virilio, constituída pelas vias de circulação e pelos meios de comunicação que encerram o planeta em suas redes e difundem a imagem de um mundo cada dia mais homogêneo, às duas realidades da cidade mundo onde se reencontram e, eventualmente, afrontam-se as diferenças e as desigualdades (AUGÉ, 2010, p. 15-22).

Nasceu, assim, a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

3.1 Organização da Mostra e a produção dos dados de pesquisa

Para a produção dos dados de pesquisa e, conseqüentemente, material necessário para a realização da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, alguns dispositivos foram construídos, a fim de proporcionar a organização e o recebimento dos cartuns.

- 1- Criação e disponibilização do regulamento da mostra em português, inglês e espanhol no *blog* do V CPEASUL e IV EDEA, possibilitando a integração da mostra ao evento, realizando desde o princípio o diálogo entre cartunistas e pesquisadores a partir da atividade proposta;
- 2- Garantia de espaço e expositores para a realização da mostra no CIDECSUL - Centro Integrado de Desenvolvimento do Ecosistema Costeiro do Extremo Sul, local onde foi realizado o V CPEASUL e IV EDEA;
- 3- Garantia do custo de impressão dos trabalhos;
- 4- Garantia de premiação simbólica em livros aos participantes, para servir de atrativo e poder homenagear os autores pelos trabalhos que se destacaram na mostra, assim como certificado de participação para todos;
- 5- Disponibilização de um endereço de e-mail para recebimento dos trabalhos;
- 6- Realização da formatação das imagens selecionadas para adequação ao espaço oferecido e padronização da apresentação dos trabalhos;
- 7- Produção de um logo para caracterizar e servir como identificação geral da mostra;
- 8- Disponibilidade de tempo para organização e realização dos processos de execução.

Aprovada a iniciativa pela comissão geral organizadora do V CPEASUL e IV EDEA, o próximo passo foi a produção do regulamento e tradução do mesmo em inglês e espanhol. Foi destacado que o objetivo da mostra não era o da competitividade, mas o de promover o diálogo entre cartunistas, professores, pesquisadores e estudantes em Educação Ambiental, a partir da própria exposição, a qual estaria integrada ao V CPEASUL e IV EDEA. Tal premiação seria simbólica,

mas uma forma de homenagear aqueles trabalhos que mais se destacassem na mostra.

A divulgação começou pelo *blog* do evento para promover, desde o princípio, o contato dos cartunistas com as atividades que seriam realizadas em Rio Grande, assim como servir de atrativo para pesquisadores, professores, estudantes e público em geral, que visitasse o *blog* do evento.

Para poder divulgar a mostra com uma identidade adequada, criei uma logo que fizesse referência aos temas trabalhados na Educação Ambiental, tendo o caracol, que leva sua casa nas costas como personagem.

Figura 15: Logo da Mostra



Elaboração: Wagner Valente dos Passos, 2012, <http://cpeasul.blogspot.com.br/>

O caracol, além de trazer sua casa nas costas, enquadra-se, matematicamente, na fórmula que talvez seja a grande assinatura e prova de integração dos elementos do universo e da natureza, de que o ser humano, mesmo dotado de consciência, é também natureza. A Sequência de Fibonacci explica a composição das medidas proporcionais da concha espiralada que se desenvolve, envolve e protege o molusco gastrópode, aparecendo também na distribuição da

dentição humana, nas folhas de uma bromélia, e em diversos arranjos biológicos. A espiral se constitui com o quarto de circunferência inscrito em cada quadrado da Sequência de Fibonacci.

O próximo passo seria divulgar o regulamento em português, espanhol e em inglês na rede da comunidade brasileira e mundial de cartunistas (APÊNDICE 1). A divulgação iniciou com a postagem no *blog* do V CPEASUL e IV EDEA e depois com a divulgação dos *links* via *e-mails* e redes sociais. O regulamento foi enviado para diversos contatos e para os grupos de discussão, como a GRAFAR – Grafistas Associados do Rio Grande do Sul, Animadores e ImagoDays, assim como para a rede social Facebook, e os grupos GRAFAR, Ilustradores, Cartunistas Amigos, Cartoonist's Café, Karikatürcüler Dernegi, Karikatürístler – Cartoonist, Cartoonists United, World Cartoonists e 1.000.000 Facebook Cartoonist.

A mostra tomou uma proporção e uma difusão inesperadas. Conforme experiência em organização de exposições anteriores, a previsão era de receber aproximadamente 150 cartuns, dos quais seriam selecionados cem trabalhos que iriam compor a exposição oficial.

Passadas algumas semanas da divulgação, via internet, do regulamento, e aproximando-se, assim, dos dias em que o evento iria ocorrer, verifiquei o recebimento de uma quantidade de trabalhos que superava o programado. Por não se caracterizar como um evento competitivo, com premiação em dinheiro, a exemplo da maioria dos salões e festivais, não esperava que tantos cartunistas se interessariam em participar. Foram recebidos 354 trabalhos, enviados por 142 cartunistas de 38 países.

3.2 O problema de pesquisa

Com um vasto e rico material em mãos, refleti a respeito da significativa acolhida à proposta e da mobilização desses cartunistas dos mais variados e distantes países do mundo e ainda do quanto o humor gráfico poderia potencializar processos de Educação Ambiental. O problema que me instigou à realização da pesquisa foi: **Em que sentido e de que forma o humor gráfico, como linguagem, potencializa processos de Educação Ambiental?**

3.3 Objetivos

3.3.1 Objetivo geral

A partir das relações entre o humor gráfico e a Educação Ambiental, compreender em que sentido e de que forma o humor gráfico potencializa processos de Educação Ambiental.

3.3.2 Objetivos específicos

- Compreender, por meio do cartum, como o cartunista relaciona-se com problemas ambientais locais e globais;
- Investigar e analisar as temáticas apresentadas pelos cartuns que fizeram parte da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental;
- Identificar formas de repercussão e abrangências provocadas pela 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental;
- Identificar as possibilidades e as limitações do humor gráfico em processos de educação ambiental no contexto escolar, por meio das entrevistas com os pesquisadores e educadores ambientais que interagiram com os cartuns expostos na 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

3.4 A seleção dos trabalhos

A seleção dos trabalhos, programada para ser realizada *on-line* por alguns avaliadores convidados – já que o planejamento inicial era colocar no *blog* do V CPEASUL e IV EDEA todos os trabalhos recebidos dentro de uma formatação padrão, com a logo da mostra, título do trabalho, nome, cidade e bandeira do país do cartunista – foi alterada, pois o tempo disponível era incompatível com a demanda de trabalho.

Haviam cartuns produzidos em diversas técnicas, abrangendo várias temáticas discutidas pela educação ambiental. Para valorizar a dedicação e a vontade de cada cartunista em participar da mostra, por seu caráter não competitivo, decidi selecionar um trabalho de cada participante, ampliando, assim, a exposição

que, inicialmente, estava programa para ser composta por cem trabalhos, passando a ter 142 trabalhos, um de cada participante.

A seleção da amostra a ser pesquisada – consequentemente dos trabalhos que integrariam a exposição – caracterizou-se por julgamento próprio e ocorreu respeitando as seguintes abordagens:

- Aqueles que haviam enviado apenas um trabalho teriam automaticamente esse trabalho selecionado;

- Aqueles que enviaram mais de um trabalho teriam selecionado o cartum que mais se relacionasse com as temáticas da Educação Ambiental e que reunisse elementos gráficos e ideia com maior capacidade de impacto ao leitor.

3.5 Preparação dos dados – formatação da exposição

Após a seleção, o processo de formatação dos trabalhos resultou em um trabalho intensivo de cinco dias para a colocação de todos os desenhos dentro de uma dimensão padrão tamanho A3, 42x30cm, com resolução de impressão em 300dpi, assim como a diagramação de um rodapé, que incluía a logo da mostra, o título do trabalho, o nome, a cidade – se no Brasil, também o estado – e a bandeira acompanhada com o nome do país de origem do cartunista.

A colocação da bandeira do país junto ao desenho sempre me agradou em outros eventos de que participei. A bandeira tem um poder de aproximar as pessoas e identificar o seu local de origem. As cores, o formato, a imagem em si trazem a ideia de diversidade, de culturas diferentes que, nesse momento, acabam integrando-se em nome de um debate comum a todos.

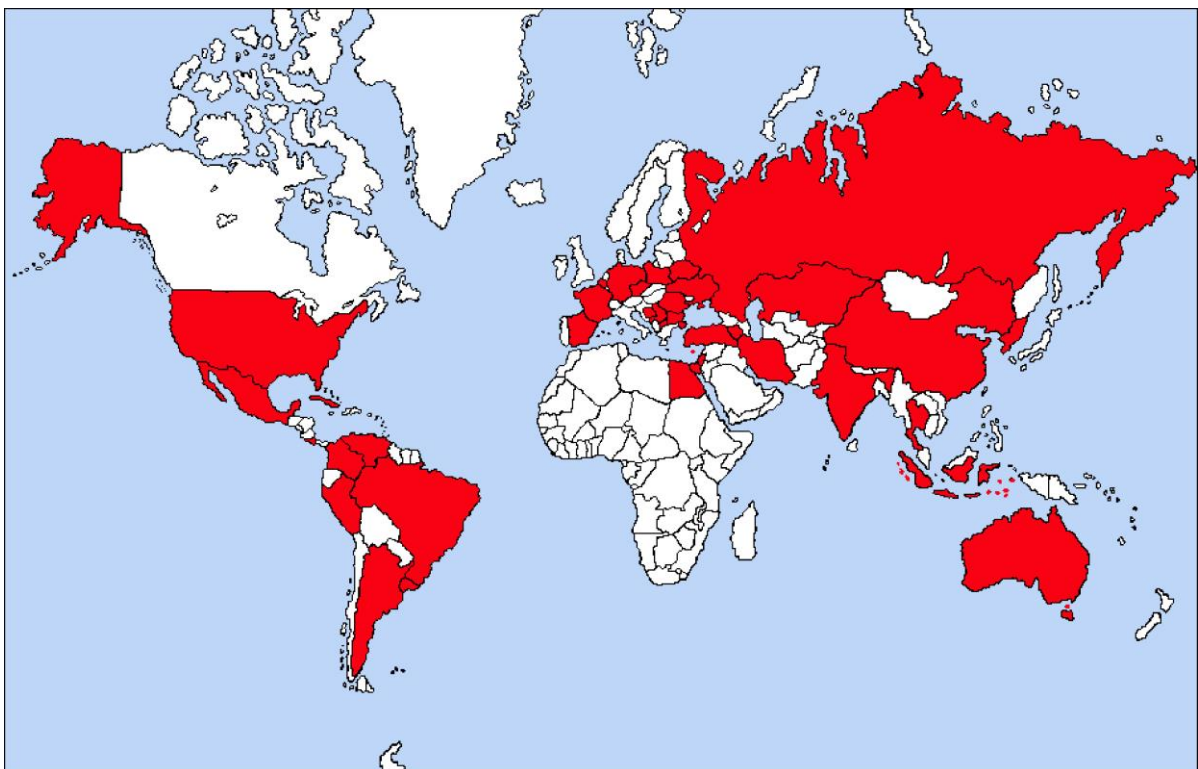
3.5.1 Países participantes

O Brasil foi o país com o maior número de participantes: ao total foram 61 cartunistas de quinze estados brasileiros, sendo o Rio Grande do Sul o de maior representação: 23 cartunistas. Em segundo lugar, a Ucrânia é o país com maior número de representantes, reunindo oito cartunistas, seguido da China, Colômbia e Indonésia, com seis cartunistas cada. Além desses países a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, ocorrida na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, recebeu o trabalho também de cartunistas da Alemanha, Argentina,

Armênia, Austrália, Bélgica, Bielorrússia, Bósnia Herzegovina, Bulgária, Cazaquistão, Chipre, Coreia do Sul, Costa Rica, Cuba, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Índia, Irã, Israel, Macedônia, México, Peru, Polônia, República Checa, Romênia, Rússia, Sérvia, Tailândia, Turquia, Uruguai, Uzbequistão e Venezuela. (APÊNDICE 2)

Os países marcados em vermelho representam os locais de onde a mostra recebeu trabalhos:

FIGURA 16: Países participantes da mostra



Elaboração: Wagner Valente dos Passos, 2013

3.5.2 A montagem da exposição

A impressão dos cartuns foi realizada pela Gráfica da FURG e a montagem da exposição ocorreu na tarde do dia 25 de setembro, antes da abertura oficial do V CPEASUL e IV EDEA. O lugar pré-estabelecido foi o saguão de entrada do CIDEC-Sul – Centro Integrado de Desenvolvimento do Ecosistema Costeiro e Oceânico, no Campus Carreiros da FURG. Devido à tempestade de vento que ocorreu na semana anterior, a qual comprometeu a entrada principal do CIDEC-Sul, o *layout* da exposição precisou ser rearranjado. Junto à 1ª Mostra Internacional de Humor sobre

Educação Ambiental ocorreu também a exposição do fotógrafo Regys Macedo, contrastando o passado e o presente da cidade do Rio Grande em sobreposições de imagens de épocas diferentes, porém referentes à mesma cena.

Para apresentar todos os trabalhos, foram utilizados 72 expositores, desde a porta de entrada do evento, até o saguão de acesso aos auditórios, onde se encontravam também os estandes de entidades que expuseram seus trabalhos, produtos, livros e pesquisas. Ao longo de aproximadamente cem metros, os visitantes puderam prestigiar os 142 cartuns que integram a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

4 COMPREENSÃO DO FENÔMENO

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, apresento primeiramente os resultados obtidos durante os momentos de pré-exposição, exposição e pós-exposição, destacando a repercussão e o impacto gerados pela 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

Em um segundo momento, realizo o diálogo “*O humor gráfico e a educação ambiental na atual conjuntura social, ambiental e política do mundo*”, com teóricos que trazem em suas propostas de transformação social e preservação ambiental a prática da intervenção.

No terceiro momento, realizo a categorização dos cartuns, mostrando os temas debatidos pela Educação Ambiental, apresentados em cada trabalho.

Para finalizar, trago o depoimento de vários professores, pesquisadores e educadores ambientais que estiveram presentes no V CPEASUL e IV EDEA, os quais entrevistei durante a mostra, oportunidade em que trouxeram suas impressões e possibilidades do humor gráfico e a educação ambiental.

4.1 Repercussão pré-exposição

A 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental contribuiu para os diversos acessos junto ao *blog* do V CPEASUL e IV EDEA, não apenas pela divulgação ocorrida pela internet e por hospedar o regulamento, mas também devido às matérias nos jornais da cidade, que divulgaram o endereço do *blog* para acesso à mostra.

O *blog* recebeu o total, até o dia 17 de fevereiro de 2013, de 43.251 visualizações de página, segundo estatística do Google, apresentando-se na sequência as páginas mais visitadas:

- 1º- regulamento da mostra em português, com 1.867 visualizações;
- 2º- regulamento da mostra em inglês, com 784 visualizações;
- 3º- postagem sobre os premiados da mostra, com 428 visualizações;
- 4º- postagem sobre os selecionados da mostra, com 260 visualizações;
- 5º- regulamento da mostra em espanhol, com 151 visualizações.

A mostra contribuiu consideravelmente para a divulgação do V CPEASUL e IV EDEA, pois entre os dez principais *sites* de referência que originaram acesso ao *blog*, estão cinco dos principais portais de humor gráfico do mundo. São eles:

- <http://www.cartooncenter.net> (Turquia);
- <http://www.cartoonblues.com> (Rússia);
- <http://www.irancartoon.com> (Irã);
- <http://www.rahimcartoon.com> (Irã);
- <http://www.licurici.eu> (Romênia).

Nas figuras 17 e 18 foram revelados os dados estatísticos do *Blog* do V CPEASUL e IV EDEA:

FIGURA 17: Gráfico de acesso ao *blog* do V CPEASUL e IV EDEA

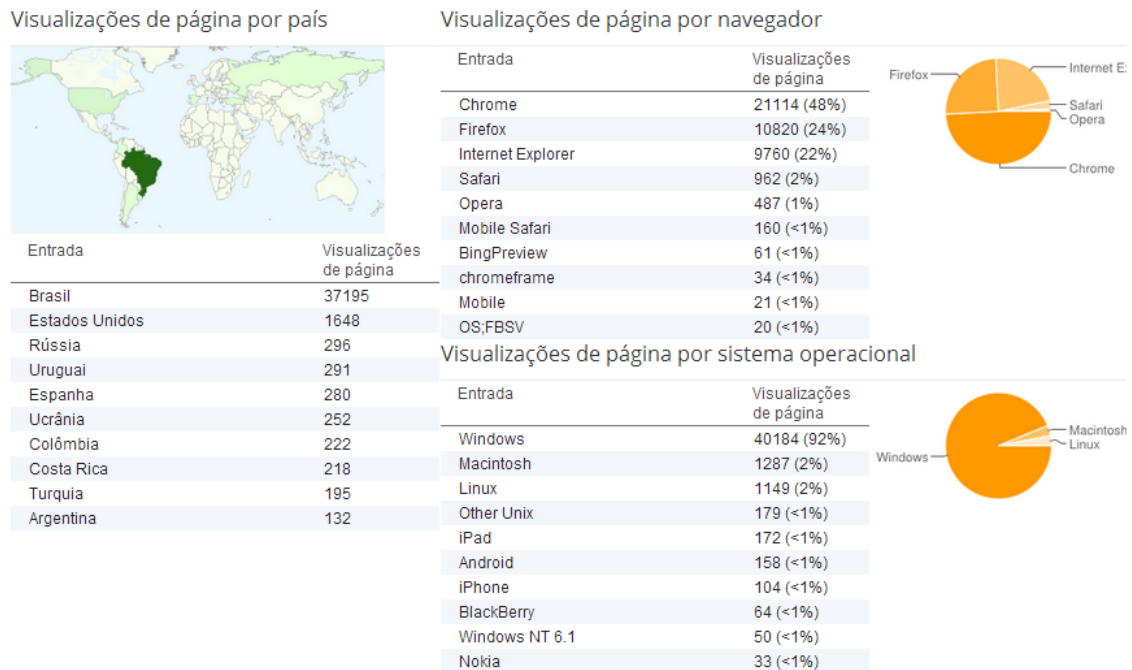
Fonte: Estatística geral do *Blog* CPEASUL. Fonte: Estatística do *Blog* do Google – <http://cpeasul.blogspot.com.br> . Acessado no dia 17/02/2013.

Entre os países que mais visitaram o *blog*, encontram-se exatamente aqueles de onde a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental recebeu trabalhos. São eles: Brasil, Estados Unidos, Rússia, Uruguai, Espanha, Ucrânia, Colômbia, Costa Rica, Turquia e Argentina.

FIGURA 18: Gráfico de origem de acesso ao *blog* do V CPEASUL e IV EDEA

V CPEASul – Colóquio de Pesquisadores ... · Estatísticas > Público

maio de 2008 – fevereiro de 2013



Fonte: Estatística do público do *Blog* CPEASUL. Fonte: Estatística do *Blog* do Google – <http://cpeasul.blogspot.com.br>. Acessado no dia 17/02/2013.

Além das visualizações no *blog*, o V CPEASUL e IV EDEA receberam a visita de um público de aproximadamente 350 pessoas ao longo dos cinco dias do evento, as quais puderam participar das atividades por ele propostas e prestigiar a mostra.

No *blog* do V CPEASUL e IV EDEA, onde foram postados os regulamentos em português, inglês e espanhol, notícias e os trabalhos selecionados e premiados, recebemos vários comentários, revelando a impressão das pessoas, que demonstram a receptividade ao trabalho.

“Muito bom, estarei aí com meus cartoons”. JJ Ribeiro, em 03/08/2012

“Que pena que não sou cartunista... Amei a proposta e vou divulgar. Boa sorte!” Maria Eugênia, em 02/08/2012

“Adorei a ideia! parabéns <3” Michèle Sato, em 01/08/2012

4.2 Repercussão durante a exposição

Após a montagem da exposição, foi colocada uma mesa no final do corredor, com uma lista de presenças, na qual os participantes poderiam registrar sua passagem e suas impressões sobre a exposição (APÊNDICE 3).

A seguir, algumas imagens da exposição e uma breve seleção das impressões registradas na lista.

FIGURA 19: Público prestigiando a mostra



Foto: Wagner Valente dos Passos, 2012

FIGURA 20: Público prestigiando a mostra



Foto: Wagner Valente dos Passos, 2012

Impressões da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental de alguns participantes do V CPEASUL e IV EDEA

"Muito boa a apresentação e exposição. Realmente apresenta toda a complexidade da sociedade e ambiente". Caio Floriano dos Santos, em 25/09/2012

"Fundamental essa abordagem dentro da E.A. Mostrando também a crítica através do humor". Julio César Madeira, em 25/09/2012

"Interessante, nos apresenta reflexões e problematizações urgentes". Luciana Vega, em 25/09/2012

Além disso, é possível observar a percepção do público em relação ao cartum como um instrumento da Educação Ambiental, exposto nas seguintes impressões:

"Muito legal, se mostra um perfeito instrumento da E.A." Fabiane F. da Fonseca, em 26/09/2012

"Sensacional! Levem p/ escolas". Gicelda Mara, em 26/09/2012

"A arte é a expressão da interioridade absoluta (Hermann)" Filipi Vieira Amorim, em 26/09/2012

Durante a apresentação da mostra, uma turma da primeira série do ensino fundamental da E.M.E.F. Cidade do Rio Grande CAIC – Centro de Atendimento de Integração à Criança, acompanhada de sua professora, esteve presente, visitando a exposição. Foi interessante observar a interação das crianças com os cartuns. Para muitas, provavelmente, era a primeira vez que prestigiavam uma exposição de desenhos. A relação delas era de grande proximidade com os trabalhos, os quais, devido à linguagem do humor gráfico, se tornavam entendíveis pela síntese da mensagem oportunizada, mas também pelos traços distorcidos e formas que integram o universo fantástico infantil.

Uma das mais recorrentes curiosidades apresentadas pelas crianças referia-se às bandeiras dos países, as quais passaram a ser instrumento de brincadeira entre elas, que desafiavam uma a outra a adivinhar que país era o representado. Todas possuíam abaixo o nome do país correspondente, o que auxiliava as que tentavam ler a descobrir. E assim tiveram não apenas a possibilidade de refletir sobre as questões ambientais abordadas nos cartuns, mas também a de realizar um exercício de pertencimento e de questões geográficas que ultrapassavam os limites de seus bairros, da cidade e do país, tornando aquele momento importante, por se tratar de uma exposição que recebia trabalhos de cartunistas de todo o mundo, tornando Rio Grande o “ponto de encontro” de 142 cartunistas de 38 países, dos 191 reconhecidos pela Organização das Nações Unidas, promovendo um espaço de debate e reflexão por meio da arte.

A etapa seguinte a ser realizada foi a seleção dos trabalhos que seriam contemplados com a premiação simbólica. Além da minha participação como jurado, foram convidados os cartunistas de Rio Grande, Alisson Affonso, Max Ziemer e Lorde Lobo, e o cartunista e jornalista JAL, José Alberto Lovreto, um dos responsáveis pelo prêmio HQ MIX – que homenageia anualmente os principais

destaques do humor e dos quadrinhos no Brasil. Somando aos votos de JAL, enviados pela internet, o restante do júri realizou presencialmente o referido processo de seleção: entre oito cartuns escolhidos; segundo os votos de cada um, classificavam-se em primeiro, segundo e terceiro lugares e as demais cinco menções honrosas.

Ao final da avaliação, o júri reuniu-se para analisar, conjuntamente, quais cartuns receberiam as premiações. Foi decidido, dentre aqueles que receberiam mais votos, os três principais vencedores e, usando o mesmo critério, aqueles que receberiam as cinco menções honrosas. Devido à qualidade dos trabalhos, o júri decidiu premiar outros dois cartuns com menções honrosas, chegando ao total de dez trabalhos premiados: três, no primeiro, segundo e terceiro lugares; os outros sete receberam menção honrosa.

O objetivo da premiação não era o de tornar a mostra um evento competitivo, mas sim desenvolver um mecanismo de incentivo à participação. Conforme relatado anteriormente, os eventos de humor gráfico realmente apresentam como premiação significativos valores em dinheiro. De encontro a tal questão, a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental apresenta temas que se opõem à lógica capitalista e buscou como premiação simbólica livros de cartuns, quadrinhos e Educação Ambiental, além de troféus e outros brindes que, ao mesmo tempo, serviriam para agradecer a participação e colocar os premiados em contato com as temáticas da Educação Ambiental. Outros mecanismos de incentivo podem ser desenvolvidos a fim de tornar a participação em eventos do tipo o menos competitivo possível.

Na figura a seguir são apresentadas duas fotos da premiação recebida pelo cartunista Rafael Corrêa, que mostrou em seu *site* pessoal os itens que integraram o prêmio:

FIGURA 21: Premiação da mostra



Foto: Rafael Corrêa, apresentada em seu álbum “Prêmios” em seu perfil do Facebook, no dia 17/12/2012.

Um dos fatores que destaca um determinado cartum entre os demais é quando consegue reunir em uma única imagem a força de uma mensagem e a simplicidade de desenho, acionando, assim, a linguagem icônica.

Estes signos falam sem palavras, são linguagens não-verbais altamente eficientes no mundo da comunicação humana.(...)

Se toda codificação é uma representação do universo, decodificar é conhecer o instrumento de codificação, o signo, mais a sintaxe que o identifica e caracteriza seu modo de representar. Todo código se caracteriza por um signo e uma sintaxe específicos; decodificar é conhecer e exibir esse signo e sua sintaxe. (FERRARA, 2007, p. 7-8)

O humor gráfico tem a peculiaridade de oportunizar ao leitor diversas sensações. Essa particularidade faz parte da subjetividade própria de cada um, tornando ainda mais interessante o processo de leitura dos trabalhos, ao se buscar entender, mas também descobrir, o que o cartunista quis dizer.

Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, daí se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. (FERRARA, 2007, p. 8)

4.3 Cartuns premiados

Cada cartum tem a capacidade de gerar múltiplas leituras para quem o interpreta. As interpretações aqui descritas, relativas aos cartuns vencedores, representam uma leitura geral realizada pelo júri e traduzida por mim, ao avaliar os trabalhos que mais se destacaram naquele momento na mostra.

Toda ação interpretante é, pois, uma relação entre uma representação presente e outras representações possíveis, eventuais e virtuais. O resultado dessa relação é o significado de uma linguagem, ou seja, o significado é uma resultante de um modo de representação, é consequência e vem embutido no próprio modo de representação: uma íntima e indissociável aliança significante-significado. (FERRARA, 2007, p. 8)

O Cartoon é uma arte de estética gráfica, de comunicação jornalística e de filosofia sócio-política. Como seu aliado, ou como arma de diálogo com o público, usa a sátira, a ironia, o humor ou a comicidade. Assim, encontramos épocas em que domina o realismo ou o panfletarismo, a filosofia, o moralismo, o absurdo... num jogo de espelhos com a alma da sociedade. Sendo uma arte de equilíbrios, nem a estética se pode sobrepor à mensagem, nem o cómico abafar o filosófico. Como alguém disse, quanto mais comicidade houver, mais anorético pode ficar o pensamento crítico-filosófico. Mas, este também necessita da pitada q/b de humor para ser actuante e eficiente. No cartoon a mensagem deve nascer primeiro, vindo o humor como segundo elemento, devendo chegar os dois simultaneamente ao leitor. (SOUSA, 2006. p .7)

O trabalho escolhido pelo júri como primeiro lugar foi o cartum de Benjamim F. Cafalli, nascido em 1954 e morador da cidade de São Paulo. O trabalho de Cafalli chamou a atenção do júri pela sensibilidade, uma troca de cumprimentos entre um homem e uma lata de lixo que nos remetia à problemática dos resíduos que produzimos e o seu destino. A possibilidade de o resíduo deixar de ser um inimigo do ser humano, um excesso, uma sobra, que precisa sair da frente dos olhos da sociedade para ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado, continuando seu processo útil em vez de ser descartado.

FIGURA 22: Cartum de Benjamin Cafalli

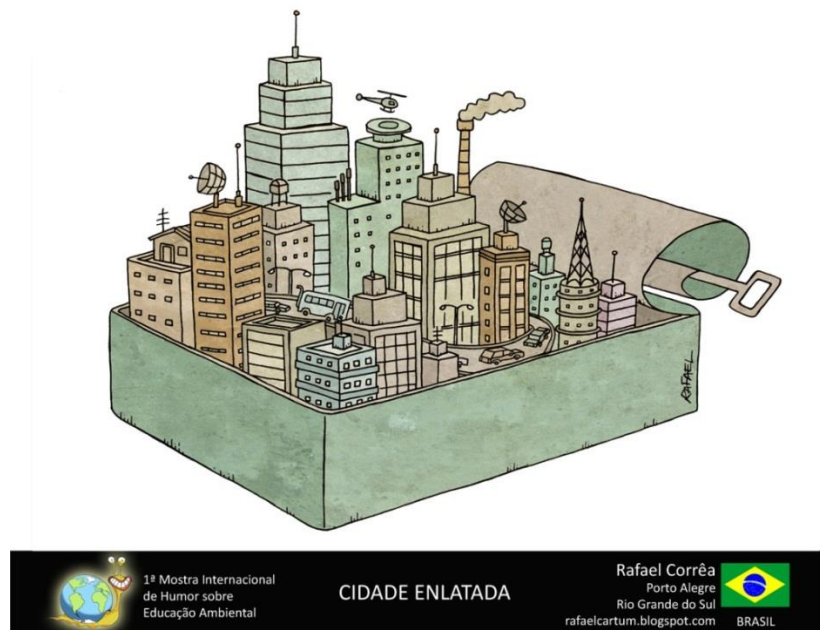


Elaboração: Benjamin F. Cafalli (Brasil)

Em segundo lugar, ficou o cartum de Rafael Corrêa, uma reflexão sobre o urbanismo das cidades e como os espaços foram redimensionados e verticalizados, tornando a cidade um local apertado e de difícil mobilidade. A ênfase na problemática urbana, neste trabalho, transmitia a sensação de sufocamento, de amontoado de prédios e pessoas. Um questionamento trazido, relativo à supervalorização do espaço urbano e à centralização das populações nas grandes cidades.

O que está em jogo, no final das contas e que testemunham tanto os descompassos observados no espaço urbano quanto as fissuras do tecido social é as disfunções da cidade, é uma mudança de escala da atividade humana e um descentramento dos lugares onde ela acontece. (AUGÉ, 2010, p. 37)

FIGURA 23: Cartum de Rafael Corrêa



Elaboração: Rafael Corrêa (Brasil)

Fang Chen, residente no estado da Pennsylvania, nos Estados Unidos, autor do cartum que ficou em terceiro lugar, propõe uma releitura do tradicional teste de visão, colocando a natureza e as relações do ser humano entre o visível e o invisível, em determinado grau de prioridade cultural, até chegar ao egocentrismo e, no topo, o que rege atualmente todo o sistema político, econômico e cultural do mundo: o dinheiro.

O dinheiro, esse símbolo abstrato dos bens materiais criados pela mão do homem (isto é, pelo tempo de trabalho social, meio necessário para produzir este ou aquele bem de consumo), comanda e domina aqueles que trabalham e produzem. O capital, essa forma de riqueza social, essa abstração (que, em certo sentido, e em si mesma, é somente um jogo de escritas comerciais e bancárias), impõe suas exigências à sociedade inteira, implicando uma organização contraditória da sociedade, ou seja, a escravização e o empobrecimento relativos da maior parte dela. Assim, os produtos do trabalho do homem escapam à sua vontade, à sua consciência, ao seu controle. Eles assumem formas abstratas (o dinheiro, o capital) que, em lugar de serem reconhecidas como tais e servirem como tais (isto é, como intermediários abstratos entre os atores individuais), tornam-se, ao contrário, entidades soberanas e opressivas. E tudo isso para o benefício de uma minoria, de uma classe privilegiada, que utiliza esse estado de coisas e o mantém. (LEFEBVRE, 2011, p. 42)

FIGURA 24: Cartum de Fang Chen



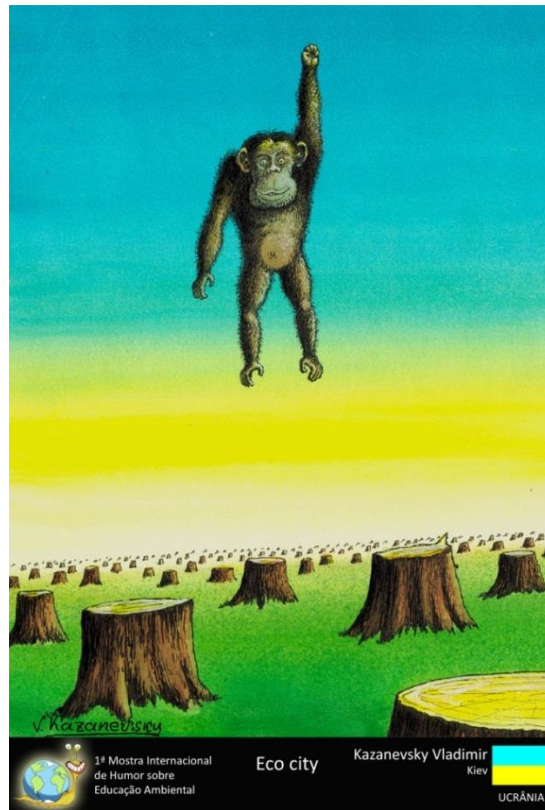
Elaboração: Fang Chen (Estados Unidos)

O cartum do ucraniano Kazanevsky obteve menção honrosa por conter uma piada gráfica que não consegue ser teorizada além da sua simplicidade: um macaco, que deveria estar dependurado em uma árvore, mas não há árvores, todas foram cortadas. Logo, sobra o nada, o invisível, o sentimento árvore. Este, entre tantos outros trabalhos da mostra, explicita uma preocupação planetária demonstrada por um cartunista da Ucrânia quanto ao desmatamento, algo que não acontece apenas na Amazônia, na Mata Atlântica, mas nas florestas de todo o mundo.

Questionar a questão do desmatamento, independentemente do lugar onde se vive, é trazer à tona um fato que merece atenção mundial. Uma pergunta que demanda uma investigação à parte: estariam as matas e as florestas da Ucrânia sofrendo com o mesmo problema? Logo, o que se observa é a percepção dos problemas ambientais além-fronteiras.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. (GUATTARI, 1990, p. 9)

FIGURA 25: Cartum de Vladimir Kazanevsky

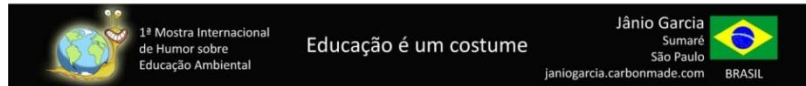
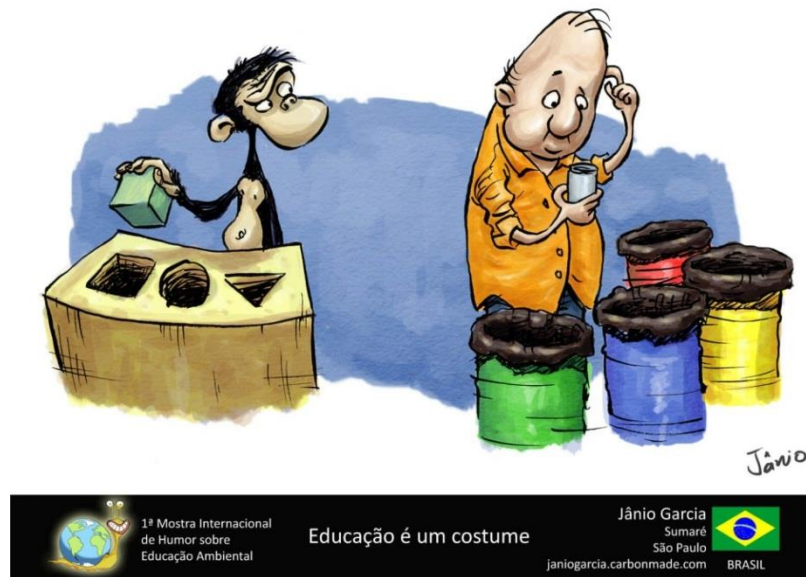


Elaboração: Vladimir Kazanevsky (Ucrânia)

Outro cartum importante, destacado na mostra, foi o de Jânio Garcia, da cidade de Sumaré, estado de São Paulo. Jânio compõe o trabalho intitulado *Educação é um costume*, que apresenta um macaco, em seu jogo-teste de raciocínio, no qual coloca em determinado local a peça conforme seu encaixe, e em contraponto um homem, com uma latinha, sem saber em qual lata de resíduos deverá depositá-la, pois não sabe que cor se destina a tal tipo de resíduo. Esse cartum faz a piada do fato de o macaco ser mais inteligente que o humano, o qual está sendo observado pelo outro, de forma a questionar sua capacidade de distinguir as cores e a informação que as mesmas transmitem.

No entanto, daí surge outro questionamento: até que ponto somente as cores são um formato eficiente de informação para a separação de resíduos recicláveis?

FIGURA 26: Cartum de Jânio Garcia



Elaboração: Jânio Garcia (Brasil)

O trabalho de Jack Kaminski, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, recebeu menção honrosa pela forma como foi abordada a questão da água e a urbanização em um futuro talvez não tão distante: nele há um grupo de turistas diante de uma grande catarata, projetada em um telão, como forma de possibilitar o contato das pessoas com algo que já não existe mais, conforme ocorre com vários córregos e arroios que, ao longo do tempo, foram transformados em valetões, recebendo posteriormente tubulações e tornando-se, nada mais nada menos do que uma extensão do sistema fluvial urbano. Este é destino ao qual estamos condenando a água, a natureza e nos condenando.

Tudo se passa como se um superego cientista exigisse reificar as entidades psíquicas e impusesse que só fossem apreendidas através de coordenadas extrínsecas. Em tais condições, não é de se espantar que as ciências humanas e as ciências sociais tenham se condenado por si mesmas a deixar escapar as dimensões intrinsecamente evolutivas, criativas e autopoicionantes dos processos de subjetivação. (GUATTARI, 1990, p. 18)

FIGURA 27: Cartum de Jack Kaminski



Elaboração: Jack Kaminski (Brasil)

Já o cartunista Moises, que recebeu também menção honrosa com o cartum *Não destrua o verde*, faz uma piada gráfica com o super-herói *Hulk*, em uma analogia com a força da natureza e o revés que sofremos ao devastá-la. Uma série de consequências sofridas e inimagináveis, que podem resultar na destruição daquilo que é essencial para a nossa sobrevivência e na nossa própria destruição.

FIGURA 28: Cartum de Moises



Elaboração: Moises (Brasil)

O cartunista cubano Ramsés, um dos homenageados com menção honrosa, apresentou o cartum no qual apresenta o planeta em formato de árvore, cujas folhas vão caindo até a árvore ficar totalmente seca. Um processo de deterioração ao qual assistimos de forma passiva, como meros espectadores. Assim é a senescência, até que aconteça a morte das células e, assim, o processo de serem substituídas por outras. No estágio de senescência, o metabolismo deixa de se processar, ocasionando a morte celular.

FIGURA 29: Cartum de Ramsés



Elaboração: Ramsés (Cuba)

O cartunista Eder Santos também apresenta uma piada gráfica, na qual substitui os tradicionais potes de água para beija-flor por um pequeno tanque de oxigênio, devido à poluição do ar. Um fenômeno que integra o cotidiano de grandes cidades, cujas populações sofrem as consequências dos impactos ambientais em verdadeiras zonas de sacrifício.

FIGURA 30: Cartum de Eder Santos



Elaboração: Eder Santos (Brasil)

A cartunista Déborah Santos, da cidade de Esperança, Paraíba, também trabalha a questão do impacto ambiental e da poluição, mostrando o quanto a indústria, ao poluir o ar e a água, torna-se a grande responsável, o estranho monstro, com seus braços e sua intenção de capturar as pessoas e a natureza. Novamente, mais um cartum que marca o sistema capitalista e seus processos de produção, que visam ao lucro e atuam de forma irresponsável nas escolhidas zonas de sacrifício.

FIGURA 31: Cartum de Déborah Santos



Elaboração: Déborah Santos (Brasil)

4.4 Repercussão pós-exposição

A 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental recebeu grande destaque durante o V CPEASUL e IV EDEA. Porém, após declarados os premiados do evento, a notícia circulou não apenas no meio gráfico, mas nas redes de Educação Ambiental, recebendo o convite para ser apresentada em Montevideu, no Uruguai, pelo Ministerio de Educación y Cultura, com o objetivo de integrar as atividades Jornadas de la Red Temática de Medio Ambiente de Udelar (RETEMA), de 13 a 16 de novembro de 2012. E em Cuiabá, no Mato Grosso, para integrar as atividades do 2º Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos, de 9 a 13 de setembro de 2013.

O convite do Ministerio de Educación y Cultura do Uruguai surgiu após a participação da Profª Maria Laura Barcia, durante o V CPEASUL e IV EDEA. Devido aos temas e ao caráter internacional da mostra, foi percebida a possibilidade de

dialogar, através do humor gráfico, com professores, pesquisadores, cartunistas e comunidade do país vizinho.

Na passagem por Montevidéu, pude distribuir exemplares do *JornalECO* – publicação do Observatório dos Conflitos Urbanos e Socioambientais do Extremo Sul do Brasil, participar das reuniões de formação do Plano Nacional em Educação Ambiental do Uruguai, das palestras da RETEMA - Red Temática Medio Ambiente, como também realizar o bate-papo "*Humor Gráfico e Educação Ambiental*", reunindo professores e cartunistas do Uruguai.

FIGURA 32: Foto com Maria Laura Barcia



Legenda: Foto com a Prof^a Maria Laura Barcia junto à 1^a Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, no saguão do prédio do Ministerio de Educación y Cultura, Montevidéu, Uruguai. Foto: Mariana Gómez.

Em Cuiabá, Mato Grosso, a exposição foi amplamente prestigiada pelos participantes do SEMIEDU2013 – *Educação e (des)colonialidades dos saberes, práticas e poderes* e do 2^o Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos, que me permitiu o contato com educadores ambientais de todo o Brasil e de outros países, como Moçambique, Cabo Verde, Angola, Portugal, Cuba e do território ainda não independente da Espanha, a Galícia.

Foi possível também verificar um fenômeno: ao disponibilizar os trabalhos, pude observar que os mesmos estavam em uma altura que apenas os adultos conseguiam ver. Como os painéis para a exposição possuíam superfície próxima ao chão e, ao observar as crianças pequenas olhando para cima, sem conseguir enxergar os trabalhos, resolvi colocar mais cartuns numa altura que elas pudessem também interagir. Para os adultos, os trabalhos expostos em baixa altura tornaram mais difícil a visualização; no entanto, a atitude possibilitou que as crianças não fossem excluídas do processo, podendo, ao contrário, ser também contempladas.

FIGURA 33: Criança interagindo com a exposição



Foto: Wagner Valente dos Passos, 2013.

A exposição, por ter sido apresentada na internet, sofreu também com o fenômeno da “apropriação da Educação Ambiental como *marketing*” por parte de empresas que “precisam” transmitir uma imagem social e ambiental responsável.

A primeira empresa a se apropriar da exposição – apesar da minha autorização, como organizador, ser apresentada como notícia – foi o *site* UOL¹¹, de

¹¹ Ver <<http://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/album/2012/10/30/brasileiro-ganha-1-mostra-internacional-de-humor-sobre-educacao-ambiental.htm>>

propriedade da empresa Folha da Manhã, que edita o jornal Folha de São Paulo. Em um primeiro momento, a solicitação do site UOL tinha por objetivo noticiar o resultado da exposição; porém, vários cartuns foram copiados e colocados na galeria de sua página sobre Meio Ambiente como material próprio da UOL, sem vinculá-lo ao *link* do blog do CPEASUL, onde originalmente está armazenada e disponível a exposição.

Outra empresa a veicular e utilizar a exposição para *marketing* próprio, como material produzido por ela, sem noticiar e solicitar autorização à organização da exposição, foi a Natura, através de seu site Natura EKOS¹², colocando boa parte da exposição e noticiando os vencedores, sem também colocar o *link* para o *blog* do CPEASUL.

Em pesquisa no Google, uma empresa chamada Portal das Compras Sustentáveis¹³ também veiculou os cartuns vencedores da exposição como material próprio sem, mais uma vez, solicitar tal apresentação para a organização da exposição.

A empresa Prezi¹⁴, que atua com *software* de animação de *slides*, também reproduziu os vencedores da exposição em seu *site* sem solicitar à organização da exposição.

Ao mesmo tempo em que a exposição tornou-se reconhecida e talvez tenha conseguido atuar como elemento de crítica e reflexão sobre as questões ambientais, transformou-se em um produto bastante atrativo e, por estar na internet, algumas empresas pensam que o material é gratuito e utilizam-se dos trabalhos para veicularem a imagem de uma postura ligada à sustentabilidade, à proteção ao planeta e à conservação do ecossistema. Ao ser veiculada por essas mídias, com objetivo publicitário e sem autorização da organização, a exposição é apropriada indevidamente.

Podemos, com isso, afirmar que a EA tornou-se um importante instrumento/ferramenta para os poderes hegemônicos (político e econômico) ao servir como elemento de compensação dos impactos sociais e ambientais (previstos no processo de licenciamento) elaborado por consultores e, dessa forma, utilizado para comprovar a responsabilidade socioambiental (marketing verde) de grandes corporações. (SANTOS et al, 2013, p. 250)

¹² Ver <<http://naturaekos.com.br/blog/eventos/brasileiro-vence-mostra-sobre-educacao-ambiental/>>

¹³ Ver< <http://comprassustentaveis.com/portofolio/brasileiro-primeiro-colocado-na-mostrsalao-internacional-de-humor-ambiental/>>

¹⁴ <<http://prezi.com/vytze248uc1n/premiados-da-1a-mostra-internacional-de-humor-sobre-educacao-ambiental/>>

Esta situação é um incômodo, pois confirma a tendência do sistema em apropriar-se de iniciativas que dão certo, constituindo uma disfunção da internet, ao permitir que toda e qualquer imagem que caia na rede torne-se de domínio público. A empresa que faz isso deixa claro sua intenção de apenas usar as referidas imagens exclusivamente para o seu benefício, sem gerar a contrapartida, que seria, no mínimo, redirecionar os acessos ao *blog* do V CPEASUL e IV EDEA, conseqüentemente, sem participar de forma eticamente responsável, propondo ou fomentando o debate proposto, exatamente porque esse debate poderá questionar a própria legitimidade delas ou de seus processos de produção.

4.5 O humor gráfico e a Educação Ambiental na atual conjuntura social, ambiental e política do mundo

Antes de realizar a categorização dos cartuns que integram a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, senti a necessidade de embasar teoricamente como o humor gráfico se insere na atual conjuntura social, ambiental e política do mundo. Como essa linguagem gráfica apresenta suas potencialidades e limitações em um momento no qual a sociedade incorpora as mídias de massa e tenta situar-se em um universo onde meios de comunicação parecem públicos, mas na verdade são espaços privados oferecidos por empresas igualmente privadas, que objetivam o lucro, tendo como produto – objeto de venda – não a notícia, a música, a cultura, a informação, mas a própria audiência, o próprio consumidor, onde as redes sociais, que aparecem como a grande revolução nas comunicações via internet são, na verdade, cadastros comerciais de clientes que, a cada acesso e informação postada, faz o valor das ações das empresas que administram o espaço subir escandalosamente. (CIRNE, 2013, p. 24)

Nessa composição do sistema capitalista na qual estamos imersos, temos uma estrutura voraz de controle. A própria mídia trabalhando para a implantação do pânico coletivo. E paralelo a isso, a elite que controla o estado promove uma série de ferramentas para manter a sustentabilidade de seu poder, conforme nos ensina Eduardo Galeano:

De certo modo, a direita tem razão quando se identifica com a tranquilidade e a ordem; é a ordem, de fato, da cotidiana humilhação das maiorias, mas ordem em última análise; a tranquilidade de que a injustiça continue sendo injusta e a fome faminta. Se o futuro se transforma numa caixa de surpresas, o conservador grita, com toda razão: “Traíram-me.” E os ideólogos da

impotência, os escravos, que olham a si mesmos com os olhos do dono, não demoram a escutar seus clamores. (GALEANO, 1987, p.19)

Essa construção de mundo na qual vivemos, que se mantém viva devido à necessidade fantasmagórica e impulsiva de consumo, tem também seus representantes no campo do desenho. Walt Disney¹⁵ criou um dos maiores impérios do entretenimento a partir de seu apoio incondicional de colonização e propaganda do “*american way of life*”, com incentivos diretos do governo dos Estados Unidos. Esta relação iniciou com o objetivo de conquistar apoiadores para o grupo dos aliados, durante a Segunda Guerra Mundial, na sequência, com a Guerra Fria, a ideia passou a ser prospectar clientes de quinquilharias e fornecedores de matérias-primas para o mundo capitalista. O “sonho americano” era representado através de inocentes quadrinhos e filmes infantis que homogeneizaram, culturalmente, crianças de todas as nações. (DORFMAN, 1978, p. 127) Assim, faz-se da arte gráfica, um instrumento ideológico, que também serve ao capital.

Walt ocupou terras virgens nos EUA e construiu seus palácios do parque Disneylândia, o reino embruxado. Quando olha o resto do Globo, trata de enquadrá-lo na mesma perspectiva, como se fosse uma terra previamente colonizada, cujos habitantes fantasmagóricos devem se conformar às noções de Disney a respeito de seu ser. Utiliza cada país do mundo para que cumpra uma função-modelo dentro deste processo de invasão pela natureza-disney. Inclusive, se algum país estrangeiro se atreve a esboçar um conflito com os EUA, como o Vietnã ou o Caribe, estas nações são de imediato registradas como propriedade das histórias em quadrinhos, e suas lutas revolucionárias são banalizadas. Enquanto os marines passam os revolucionários pelas armas, Disney os passa por suas revistas. São duas formas de assassinato: pelo sangue e pela inocência. (DORFMAN, 1978, p. 53)

E assim somos educados, geração após geração, a negar nossa essência, nossas potencialidades. As prisões sociais impostas pela pseudo-democracia segregam comunidades e sociedade em classes sociais. Logo, a educação também é produzida de forma diferente: cada classe social dispõe a sua. A elite, formando profissionais que ocuparão as funções com melhores salários; e o pobre, fadado a receber uma educação homogeneizada e deficitária, que limitará sua ascensão social, dificultará seu acesso às universidades e atrofiará seu potencial criativo, pois não foi condicionado a ocupar determinadas funções, destinadas a classe social dominante; restam-lhes as funções mais insalubres e com menores salários. Uma política liberal desenvolvimentista, que objetiva o chamado crescimento econômico sob a bandeira da geração de empregos, que nada mais é do que uma política de

¹⁵ Hoje o bilionário Mark Zuckerberg faz o mesmo com o Facebook.

manutenção da classe dominante no poder, sem ouvir, quanto mais aplicar, as políticas de ação para satisfação das demandas sociais e ambientais; ou seja, colocar em prática os processos de construção da sustentabilidade debatidos substancialmente pela Educação Ambiental.

A educação para o pobre é uma; para o rico, outra. Há diferenças gritantes entre a qualidade e a estrutura de uma escola particular e a de uma escola pública. Não é questão de inclusão ou exclusão, mas de segregação proposital, por parte de uma política definida para privilegiar determinados grupos econômica e socialmente hegemônicos. Ambas as crianças crescem condicionadas de forma diferente, do mesmo modo que atletas amadores e profissionais se distinguem: aquele, que leva 30 segundos para percorrer a distância de cem metros e poder pegar um ônibus, e outro, a exemplo do jamaicano Usain Bolt, que fez o mesmo percurso, obtendo o recorde mundial, em 9,58 segundos sem suar.

As sociedades capitalísticas — expressão sob a qual agrupo, ao lado das potências do Oeste e do Japão, os países ditos do socialismo real e as Novas Potências Industriais do Terceiro Mundo — fabricam hoje em dia, para colocá-las a seu serviço, três tipos de subjetividade: uma subjetividade serial correspondendo às classes salariais, uma outra à imensa massa dos "não-garantidos" e, enfim, uma subjetividade elitista correspondendo às camadas dirigentes. (GUATTARI, 1990, p. 46)

Nas raras exceções teremos um pobre atuando como médico, ou um rico atuando como faxineiro. Ou seja, o condicionamento, ou a prisão social e o sacrifício ambiental, o qual tanto humoristas gráficos politicamente engajados e educadores ambientais combatem, faz parte de uma lógica de sociedade e de mercado que prevê essa segregação, barreiras consideradas naturais, assim como os impactos e as injustiças destinados, na sua totalidade, às comunidades pobres, como os indígenas e as populações de periferia.

É neste nó que mora o perigo. Em diversas de suas apresentações, Michèle Sato nos questiona, nos coloca uma pergunta básica, que deveria pautar toda a ação e o estudo não apenas em Educação Ambiental, mas na Economia, na Administração, no Direito, na Geografia, na Biologia, em todas as áreas do conhecimento: “Eu sei de que lado estou. E você? De que lado está?” Uma linha tênue levemente emaranhada na qual é muito fácil ser cooptado, conforme nos afirma Ziraldo:

Eu não consigo entender como é que pessoas que têm a chance de falar, seja para cinquenta pessoas ou para um milhão de pessoas pela TV, e que conhecem os problemas brasileiros, e eu posso falar de cadeira porque nunca fui cooptado, como é que pessoas que têm esse espaço, como os

meninos do *Casseta e Planeta*, podem fazer um programa gozando o MST ou um concurso “*Não solte pum no elevador*”. Não consigo entender, eles foram criados lá no *Pasquim*. E aceitar a cooptação no nível em que eles aceitaram me assusta um pouco, porque eu não sei como é que isso acontece no coração das pessoas. Outro dia o Bussunda deu um pau em mim, dizendo: o Ziraldo pensa que ainda estamos na ditadura. Então fico pensando: gente, como é que você pode ser brasileiro, ter consciência do que está acontecendo no mundo, sabendo que alguma coisa você pode fazer e essa alguma coisa é *inquietar* as pessoas e você aceita não *inquietar* as pessoas, e *entorpecer* as pessoas. (ZIRALDO, p. 89 apud VASQUES e UBERTI, 2001)

Então, nesse mundo múltiplo, vamos formando e construindo nossos valores de várias formas possíveis. O problema está quando abrimos mão da nossa essência e potencializamos superficialidades. O ser humano nega sua própria natureza em troca de um mundo virtual produzido por ele mesmo, coletivamente construído, sem perceber que no fundo está mais uma vez cumprindo ordens da classe dominante, seguindo as diretrizes do capital, vestindo, comendo, falando e agindo de uma forma midiaticamente convencionalizada, reproduzindo aquilo que nos colocam como o melhor, o correto. Neste momento, lembro do livro *1984*, de George Orwell e do filme homônimo, de Michael Redford, da música *Admirável gado novo*, de Zé Ramalho, que certamente teve inspiração no livro *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Pois há uma cordilheira econômica que separa quem constrói essa concepção de mundo e aqueles que, de fato, a operacionalizam. É nesse processo que a educação ambiental dá um passo à frente e destaca-se como uma das poucas áreas do conhecimento que se permite questionar e não está – mesmo que muitos tentem – a serviço do capital.

É esta concepção de mundo, por uma questão de sobrevivência da espécie humana e de todas as formas de vida, que precisa ser revista. Por mais utópica que seja a ideia, devemos nos esforçar, não para mitigar tais impactos e injustiças ambientais como se estes fossem assim necessários, mas para consertar aquilo que visivelmente está errado. Como na construção de uma casa, em que a parede sai torta e é preciso derrubá-la para construir novamente.

(...) Na produção social da sua vida, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma dada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e a que correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da

sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que não é mais que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no interior das quais se tinha movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em suas travas. E assim se abre uma época de revolução social. (MARX, 2010, p.97)

Essa versão fatalista do mundo sob a qual vivemos é muito bem-observada por Paulo Freire, ao questionar exatamente como a educação, hoje, está em sua concepção segregada, servindo a duas finalidades: a manutenção da classe hegemônica no poder e a criação de contingente de produção, o qual vem entrando em colapso. A mão de obra humana cada vez mais está sendo substituída por máquinas, condenando o proletariado à degradação, excluindo-os dos postos de trabalho, com a desculpa da falta de qualificação, e impedindo muitas pessoas do direito à própria vida, fazendo-as aceitar a situação acriticamente, até religiosamente, como destino, como normal.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar "quase natural". Frases como "a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?" ou "o desemprego do mundo é uma fatalidade do século" expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência. (FREIRE, 1998, p. 21)

Eduardo Galeano também reflete a mesma questão:

O sistema não previu esta pequena chateação: o que sobra é gente. E gente se reproduz. Faz-se amor com entusiasmo e sem precauções. Cada vez mais, fica gente à beira do caminho, sem trabalho no campo, onde o latifúndio reina com suas gigantescas terras ociosas, e sem trabalho na cidade, onde reinam as máquinas: o sistema vomita homens. As missões norte-americanas esterilizaram maciçamente mulheres e semeiam pílulas, diafragmas, DIUs, preservativos e almanaques marcados, mas colhem crianças; obstinadamente, as crianças latino-americanas continuam nascendo, reivindicando seu direito natural de obter um lugar ao sol, nestas terras esplêndidas, que poderiam dar a todos o que a quase todos negam. (GALEANO, 1978, p. 16)

A sustentabilidade não se constrói com a geração de novos postos de empregos e crescimento econômico, que não inclui, mas exclui e apropria-se da força de trabalho individual das pessoas. Não se constrói sustentabilidade ensinando pessoas a fazer papel reciclado sendo muito mais barato comprar um caderno no supermercado. Ou a construir banheiros secos, sendo que a cidade não comporta o

tratamento dos dejetos, e quem apresenta tal alternativa a direciona ao pobre, porém não a pratica e nem abre mão do conforto em sua residência.

A sustentabilidade se constrói com a percepção de alternativas viáveis de sobrevivência que partam, inicialmente, da autonomia alimentar, assim como da manutenção das diversas formas de vida e da natureza que, condicionada a milhares e milhares de anos àquela região, oferece o necessário para que a vida – o ser humano como natureza -, naquele local, permaneça existindo. Por isso, adaptar a Educação Ambiental à lógica do capital é blasfemar contra a própria Educação Ambiental. É torná-la contraditória em si mesma. A sustentabilidade precisa ser construída, talvez com iniciativas que comecem na infância, mostrando que, essencialmente, ser sustentável é buscar a simplicidade no modo de vida; é ser verdadeiro; é viver mais com menos; causar o menor impacto ambiental possível, otimizar os recursos, tendo como orientação não o mercado, mas a utilidade.

Ao falarmos de crianças, resgatando o debate apresentado anteriormente por Galeano, é importante lembrarmos que esse pequeno ser integra também a sociedade. Pobre ou rica, criança é criança em qualquer lugar do mundo. Possui uma linguagem própria, que supera as diferenças de idioma e de cultura. O ato de brincar é agregador e seu universo fantástico é repleto de possibilidades criativas. É nessa etapa da vida que, ao aprender a ser ético, é que se aprende como se processam as relações com os outros e com a natureza. Trata-se de simples momentos, que acabam pautando o indivíduo pelo resto de sua vida, nos quais a Educação Ambiental deve se inserir como elemento-base, como essência, talvez reformulando a questão da transversalidade da Educação Ambiental, que não funciona ao ser aplicada em uma educação moldada pela ditadura militar e pautada no mercado. Neste caso, devido a todo o contexto histórico e da atual crise social e ambiental, uma utópica mas humilde sugestão, seria a reformulação do inciso 1º do artigo 10º da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, segundo o qual a “educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino”.

Não é uma questão de ser implantada ou não como disciplina específica, mas de existir de fato. E, neste caso, não como um elemento transversal que permeia todos os conteúdos de forma superficial, mas invertendo tal processo: ser a Educação Ambiental a base da educação infantil e do ensino fundamental, fazendo com que as disciplinas desse currículo sejam transversais à Educação Ambiental.

Eis a proposta para que a Educação Ambiental seja transformadora de fato e não fique relegada a um conteúdo marginal, em alguma aula de Biologia ou outra qualquer. Entre tantos elementos e discussões que integram a Educação Ambiental, sem a discussão e demonstração de todos os fatores que integram a sustentabilidade, sem o conhecimento da natureza e da história do lugar onde se vive, sem a produção de materiais didáticos especialmente produzidos que ofereçam o aprofundamento na Geografia, na Biologia, na Economia local e em outras áreas relacionadas, não há como se fazer Educação Ambiental. Não há ponto de partida. Não há o sentimento de pertencimento a um lugar que possa se ampliar para o sentido de pertencimento ao planeta.

Para ilustrar a ideia em destaque, de constituição do ser local, do ser global, do ser social, do ser ambiental, e que neste caso, as vivências marcam a formação do indivíduo, trago um fragmento da entrevista do educador ambiental da Universidade de Santiago de Compostela, na Galícia, Pablo Ángel Meira Cartea, realizada pelo português Joaquim Ramos Pinto e pela brasileira Marília Andrade Torales:

Considerando que a temática central desta entrevista é a Educação Ambiental, gostaríamos de saber como surge o seu interesse por esta área e como foi o respectivo processo de inserção no campo ambiental.

Em 2002, quando ocorreu a “Maré Negra” provocada pelo naufrágio do navio Prestige nas costas galegas, a primeira imagem que me veio à mente foi uma lembrança que tenho na minha infância em Vigo, quando tinha apenas nove anos. Recordei-me de um acidente daquela época com um navio petroleiro, o primeiro dos cinco que naufragaram nas costas da Galiza nos últimos 30 anos. Esse acidente ocorreu na Ria de Vigo, próximo às Ilhas Cies, que hoje em dia fazem parte do Parque Nacional das Ilhas Atlânticas. Recordo-me de estar ajoelhado a observar, desde a minha casa, como o navio ardia. Isto não é a lembrança de alguém que vê uma catástrofe ambiental, mas sim de uma criança que estava impressionada perante o fogo, as explosões e as faíscas provocadas pelo acidente, já que o episódio era bastante espetacular. O navio ardeu durante uma noite inteira. Estamos a falar dos princípios dos anos 70, quando a Educação ambiental estava começando a ser construída em nível mundial; (PINTO e TORALES, 2008, p. 54)

É bom lembrarmos que uma criança não é educada apenas na escola, mas também em casa, pela família; na sala, pela televisão, na frente do computador, pela internet e, assim, por todos os meios que lhe forneçam qualquer tipo de informação, boas ou ruins.

Comparo a formação de uma criança a um computador novo, que recém começamos a usar. Tudo o que achamos interessante na internet é salvo no disco rígido: músicas, filmes, fotos, textos. Em determinado momento, esse disco rígido

estará cheio e necessitaremos deletar alguns materiais para abrir espaço a coisas novas e de real utilidade e importância. Levaremos muito tempo para selecionar o conteúdo realmente relevante, que deve ser mantido, em detrimento do conteúdo superficial, que será deletado. E aí está a questão: mesmo deletados, esses materiais não são de fato apagados; apenas recebem o comando para desaparecerem, ao entrar nova informação no disco; logo, o disco não se encontra de fato vazio: todas as referidas informações continuam gravadas, mas estão ocultas, sendo de fato apagadas apenas quando surge um novo conteúdo. Ou seja, se é bem complexa a mudança de conteúdo de uma máquina, imagine na mente de um ser humano já desenvolvido, com concepções próprias, acostumado às suas convicções, seus valores, suas facilidades... Pablo Meira levanta justamente esse questionamento:

Ainda que possa resultar contra-intuitivo, creio que fazer uma Educação Ambiental comprometida com a mudança social nas sociedades do bem-estar é mais difícil, pois representa um alerta à consciência dos cidadãos. Um alerta de que a situação de bem-estar em que vivemos está a gerar problemas ambientais gravíssimos no ajuste entre a espécie e a biosfera. Não é fácil dizer a alguém que vive bem, que a sua forma de vida gera problemas e que a solução para tais problemas exige mudanças fundamentais nos modos de vida e na forma como a sociedade se organiza e usufrui do ambiente. Isso tem relação com os modelos de produção, com os modelos sócio-econômicos, com a concepção de sociedade e do mesmo ser humano, isto é; tratase de um desafio bastante complexo e à contracorrente. (PINTO e TORALES, 2008, p. 60)

Nesse sentido, a Educação Ambiental pode se apropriar do pensamento do humor gráfico, que condena veementemente o politicamente correto, para que possa avançar, subverter a lógica de mercado e conseguir conquistar espaço não em mídia, financiamento do governo e de grandes empresas poluidoras para projetos que servem mais àqueles que irão promovê-lo a ganhar dinheiro do que para trazer benefícios às comunidades. Em tese, elas é que deveriam ser beneficiadas, mas, na verdade, estão sendo usadas. O que se pretende é ação e transformação de fato. Em vez de termos a Educação Ambiental pautada pela economia e pelas políticas de governo – há quem acredite que os políticos podem resolver as graves questões socioambientais, o que não procede – urge lutar para a inversão de tal processo, para que a Educação Ambiental pautar a economia, em sua busca contínua pela sustentabilidade, assim como as políticas de governo sejam pautadas pela voz de milhões e milhões de brasileiros que foram às ruas em junho de 2013, reivindicando demandas mais do que urgentes.

É preciso reavaliar os processos de Educação Ambiental, continuamente, e atualizar suas pautas de ações. Hoje em dia temos os conflitos urbanos e socioambientais¹⁶, que integram diversos estudos pelo país, principalmente nos estados do Rio de Janeiro, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, os quais, paradoxalmente, não são utilizados como parâmetro de políticas públicas pelos próprios estados. Porém, integram a pauta de alguns senadores e deputados federais e estaduais, ocupados com a identificação e a criminalização desses manifestantes e suas lideranças, enquadrando-os como “terroristas”, por meio de ação policial e judicial e abrindo precedentes para a espionagem coletiva via internet, como ocorre nos EUA¹⁷ e também no Brasil¹⁸, aos moldes de uma forma de controle social. E assim, tanto educadores ambientais quanto cartunistas se veem, em muitas situações, de mãos amarradas, por não se permitirem o enfrentamento, tornando a Educação Ambiental, muitas vezes, inoperante e condicionada justamente às forças as quais deve combater. Pablo Meira, ao ser perguntado acerca do papel da Educação Ambiental no atual contexto social e econômico de uma sociedade globalizada, afirma que:

Neste momento sou bastante cético sobre o papel da Educação Ambiental como agente de mudança, pelo menos nas sociedades avançadas. Tenho menos claro o seu poder ou a sua capacidade de ação social em sociedades menos desenvolvidas (segundo os critérios ocidentais). Sou muito cético porque, depois duma trajetória de trinta e cinco anos, durante a qual a Educação Ambiental chega a públicos cada vez mais amplos, há mais recursos materiais, há mais educadores, e podemos conhecer melhor as ferramentas metodológicas para sistematizar a prática educativa, esta continua a ser uma atividade subsidiária e muito marginal no que respeita ao funcionamento da sociedade ou daqueles sistemas da sociedade que são centrais. Quero, com isso, dizer que a Educação Ambiental continua a ser um elemento muito secundário na forma em que se definem as relações entre os sistemas humanos e o ambiente, pelo menos nas sociedades avançadas e nos sistemas centrais que têm a ver com a articulação e o funcionamento do mercado – incluído o mercado da cultura e da mal chamada cultura ambiental. (PINTO e TORALES, 2008, p. 60)

Nessa busca por encontrar oxigênio, por renovar as esperanças e nutrir a Educação Ambiental com novas energias, proponho esse debate com o humor

¹⁶ Ver o blog do Observatório dos Conflitos Urbanos e Socioambientais do Extremo Sul do Brasil <<http://observatoriodosconflitosrs.blogspot.com.br> >

¹⁷ Vide notícia "NSA - Agência de Segurança Nacional dos EUA capta dados de rede social para traçar perfil de americanos", em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/09/nsa-capta-dados-de-redes-sociais-para-tracar-perfil-de-alvos-diz-jornal.html>>

¹⁸ Vide notícia "Brasil espiona usuários do Facebook", em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-pediu-dados-pessoais-de-mais-de-2-mil-usuarios-da-microsoft.html>>

gráfico, que há séculos mantém-se na marginalidade e necessita permanecer assim: ser reconhecido, mas sem ser institucionalizado. As palavras de Luís Humberto Marcos que, em 2005, era o diretor do Museu Nacional da Imprensa e do PortoCartoon, um dos maiores festivais de humor gráfico do mundo, realizado na cidade do Porto, em Portugal, revelam esse espírito.

Porque o humor não é coisa fácil de agarrar: o humor não está nas coisas, está no olhar sobre as coisas; salta do concreto e é “inimigo da abstração”. O humor está na forma de sentir os lapsos e as contradições da vida, sorrindo. Está na capacidade de ver, nos detalhes, os erros e as fraquezas do comportamento humano. Está enfim, na capacidade de ironizar e de sorrir da nossa própria imagem. O que não é nada fácil, psicologicamente falando. Exige o indispensável sentido de humor, um bem que os ingleses cultivam de maneira exigente e que varia de forma inversamente proporcional ao egocentrismo. Possuir aquilo a que se chama um “good sense of humour” constitui uma marca de qualidade de vida, no conhecido espírito inglês. Mesmo que este sentido de humor já venha inscrito nas belas hélices do DNA, ele educa-se com o altruísmo e a consciência democrática. Não é por acaso que os espíritos ditatoriais são os menos receptivos ao humor. Nem é por acaso que os regimes de ditadura são pouco, ou nada, tolerantes com o desenho de humor e não só ameaçam, como castigam os jornais e prendem os caricaturistas. Aconteceu ontem, com Daumier, Bordalo Pinheiro e tantos outros; acontece hoje, ainda, em diversos países. Por tudo isto não é fácil fazer humor do próprio humor. (MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA, 2005, p. 5)

A relação do humorista gráfico, do cartunista, assim como a do educador ambiental com tempo e com o mundo, o faz um ser atípico, não apenas por suas atitudes estranhas, peculiares a um artista, mas por ser um sujeito crítico, que acaba pichando a história, belamente moldada pelos grupos hegemônicos, com hilariantes e desconcertantes cartuns. É o que nos afirma o cartunista francês Georges Wolinski, ao expressar sua opinião em relação ao humor gráfico, em um momento no qual os Estados Unidos invadiam o Afeganistão e, posteriormente, o Iraque, em seu texto de abertura do VII PortoCartoon.

Este ano, os trágicos acontecimentos mundiais, as guerras, o terrorismo, as injustiças sociais estiveram muito presentes nas obras que recebemos. É normal, o humorista é uma testemunha da sua época; ele respira o ar do tempo. Ele faz rir com o horrível, o insuportável. O sacarmos é, por vezes, a única forma de resistir à fatalidade dos acontecimentos. Pode-se rir de tudo, com a condição de não ser cínico, nem complacente. (MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA, 2005, p. 7)

A relação do humor gráfico que desnuda verdades é extremamente perigosa: cartunistas já foram mortos, tiveram as mãos quebradas, foram torturados, presos, receberam ameaça de morte, processos judiciais, ficaram proibidos de publicar, pagaram indenização por calúnia e difamação e, hoje, sofrem com a censura comercial. Na grande maioria dos jornais, o cartunista ou está do lado dos editores

e, conseqüentemente, do lado das empresas que financiam o jornal ou está na rua, desempregado, a exemplo de muitos trabalhadores excluídos do mercado de trabalho.

Ser cartunista, para alguns, parece um *hobby*, uma arte-terapia, levando muitos artistas talentosos a realizar outros tipos de trabalho a fim de poderem sobreviver de fato. Há cartunistas travestidos em todas as profissões: publicitários, *designers*, professores universitários, carteiros, estivadores, biólogos, engenheiros, arquitetos, médicos, servidor público, uma verdadeira legião infiltrada em diversos cantos da escala produtiva. Mas onde menos se vê cartunistas é nos jornais, justamente no principal meio popularizador, ao longo dos séculos, da arte do humor gráfico. Jornal sem charge é jornal capenga, sem graça, voltado às elites, impopular. E por que isso acontece? O cartunista gaúcho Neltair Rebbes Abreu, mais conhecido como Santiago, nos oferece uma resposta:

Começo dizendo o seguinte: a charge nos grandes jornais é inviável. É impossível. Quando acontece, é um milagre. Porque ela é tremendamente controlada nos grandes jornais, até as vírgulas que saem nos balões. Eu sou completamente descrente em relação à grande imprensa. É só abrir as páginas da Veja, vendendo todos os peixes podres que ela quer vender, pra gente se dar conta de que o cartunista não pode estar ali naquele contexto. Ele vai ter que desdizer tudo que está ali. (...) E eu questiono o seguinte: se essa imprensa se diz livre, se diz equânime, harmônica, então tinha que ter também um colunista de extrema esquerda! Tinha que ter um cara do PSTU escrevendo diariamente nos jornais. Pra equilibrar. Se tem o Olavo de Carvalho, atual porta-voz da direita, tinha que ter a esquerda radical. Porque a vaga da extrema direita na imprensa está sempre assegurada. A respeito de publicações, as dificuldades são também extremas, em relação às pressões sofisticadas que o sistema tem hoje. Hoje não precisa censurar diretamente: corta o anúncio, como cortaram pra Bundas, aí a revista morre por falta de anúncio, e não foi censurada. (SANTIAGO, p. 94 apud VASQUES e UBERTI, 2001)

Em relação às questões ambientais, Santiago, produtor de uma infinidade de charges e cartuns envolvendo a temática, principalmente no período em que o Rio Grande do Sul recebeu a invasão das papeleiras e da plantação em peso de eucaliptos no bioma pampa, nos coloca algumas relações do cartum e do modo como a imprensa trata tais assuntos:

A imprensa é tão eficiente pra fazer as pessoas consumirem Coca-Cola, chiclê e tantas porcarias, por que ela não é eficiente pra convencer as pessoas a zelar por um patrimônio que é delas? Não, a imprensa faz o contrário, desdenha pra poder comprar barato. (...) Outro exemplo: na imprensa brasileira a questão do transporte, que é questão crucial em todo o mundo, é tratada como se cada brasileiro tivesse seu carro particular, não se fala em transporte de massa, em transporte coletivo, não se exige das autoridades qualidade no transporte coletivo. Se fala só no carro particular, porque a imprensa é financiada pelas grandes montadoras. Não se faz uma

análise crítica da poluição causada pelo automóvel, porque as montadoras não gostariam. Vocês não acham que já era hora do Globo Repórter fazer uma matéria sobre a poluição que o automóvel causa, a mortandade que ele cria nas estradas, será que não devia ser substituído por bons trens, bons ônibus, bons navios, que transportassem um grande número de pessoas a preços baratos? Claro que o correto seria isto, mas não, a coisa é tratada como se cada um fosse proprietário de um carro, o que é mentira. A maioria se aperta nos ônibus. Então o interesse da maioria não tá sendo contemplado nos jornais. E esta é uma questão de sobrevivência do planeta: o transporte coletivo é que pode, se não salvar, pelo menos retardar o fim do planeta. Porque se todos nós sairmos a causar poluição, atravancando as estradas e matando gente, o planeta vai explodir em pouco tempo. Este é um exemplo de como o anunciante influi no jornal, jamais haverá uma matéria assim sobre transporte porque teria de falar dos males do automóvel, e a GM poderia cortar o anúncio. Também não há matéria sobre a meleca que tem dentro da Coca-Cola, que a gente bebe sem saber o que é, porque a Coca-Cola é um dos maiores anunciantes. Então é destes assuntos tabus que eu falo. Tem grandes tabus a serem quebrados. Não era só desafiar os militares que era tabu, tem esses tabus econômicos que são até mais complicados do que desafiar os militares na época da ditadura. (SANTIAGO, p. 94-95 apud VASQUES e UBERTI, 2001)

A colaboração do cartunista Edgar Vasques, no que se refere às relações entre o humor gráfico e a imprensa e o como ela funciona em seu processo de alienação, pela via da informação pautada pela classe dominante:

Os meios de comunicação nos jogam sentimentos e emoções: “temos que ser bons, temos que ser amigos, violência não leva à nada...” A violência tem causas! Ninguém sai matando os outros simplesmente porque sim, entende? O cara aquele que fez o filme sobre o soldado do tráfico no morro é execrado como violento. Mas ele, como artista, tá mostrando o mundo dele, tá mostrando as causas da violência. Aí não pode, aí tá reproduzindo a violência, é melhor ignorar, dizer que todo mundo têm que ser bonzinho e não pensar muito. Nós não podemos esquecer o seguinte: a tecnologia, de que nós gostamos tanto, que nos dá todos estes produtos (é aí que a ciência interessa, quando ela vira produto) é fruto... da razão! É fruto da racionalidade! Não é fruto do “bom mocismo”, do “amor”, não, é produto do pensamento, da análise fria da realidade. E a irracionalidade que justifica “um mundo melhor” no Rock’n Rio, é a mesma que tá por trás do racismo, do ne nazismo, da lei do mais forte, que é a lei dos bichos, de quem não pensa, é a lei da selva... e a gente está recebendo isso em doses maciças!!! Todo o tempo! . (VASQUES, p. 99 apud VASQUES e UBERTI, 2001)

A problemática apontada por Pablo Meira, relacionada à falta de espaços e de condições para que a Educação Ambiental seja inserida de fato na sociedade, é constatada também por Edgar Vasques, ao mencionar o processo de dominação do mercado sobre os meios de comunicação e o reconhecimento, por parte dos donos de jornais, do poder de síntese e de comunicação que a charge possui, a ponto de impedir sua veiculação.

Se alguém tapar a tua boca e disser: “existem quinhentas verdades, mas só a minha vai ser dita, e as outras, inclusive a tua, não”, tu bates um código morse na mesa, dás um jeito de dizer as coisas. Mas hoje é diferente; a censura é sutil, introjetada na cabeça das pessoas, e nos diz assim: não é

que não se possa dizer as verdades, é que não existem, só existe uma, o pensamento único: não há outra maneira da humanidade se organizar, só com a vigência total e absoluta do mercado e acabou-se o papo. E quem diz isso não é um milico truculento, que teve só duas ou três ideias na vida, não, quem diz isso é um *scholar*, um intelectual, um profissional das ideias! Os donos de jornais se flagraram, depois dessa época da ditadura, da importância da charge, que ficou clara principalmente no período da censura, quando o humor é que dizia as coisas. Porque o jornalista tem uma linguagem objetiva, tem que dizer onde, quando, por quê, e tal. É facilmente censurável. Agora, o humorista não: ele tem uma ambiguidade de linguagem que gera várias leituras e confunde um censor ignorante. E os donos dos jornais, pelo menos os mais inteligentes, se deram conta da potencialidade da charge. (VASQUES, p. 100-101 apud VASQUES e UBERTI, 2001)

Uma colaboração que precisa ser absorvida pela Educação Ambiental diz respeito a sua honestidade: qualquer iniciativa na área que busque apenas mitigar os impactos sociais e ambientais corre o sério risco de torná-los legítimos. Ao satisfazer os interesses do capital e criar a ilusão de uma empresa social e ambientalmente responsável, o que contribui para suas certificações da ISO 14000¹⁹, certamente teremos um projeto que receberá um significativo aporte financeiro, o que potencializará o material em termos gráficos e visuais, proporcionando, com isso, um poderoso instrumento de persuasão. Em vez de culpabilizar, criticizar, publicizar e reivindicar o impedimento de tais impactos, ou mesmo, compensações justas, os legalizamos moral e eticamente, agradecendo os responsáveis pelos investimentos nos projetos em Educação Ambiental, os quais não seriam possíveis caso não houvesse a indústria, os impactos e o dinheiro.

Nesse modelo corremos o risco de ver a Educação Ambiental descredibilizada cientificamente, concomitante à banalização dos termos “sustentabilidade”, “transformação” e “ecologicamente responsável”. Há uma incompatibilização conceitual que a Educação Ambiental não pode se permitir, pois estaria fundamentando o poder financeiro de governos corruptos e de empresas poluidoras, tirando o instrumento das mãos dos movimentos sociais e ambientais, marginalizando as ações e colocando a opinião pública contra eles, por estarem impedindo a geração de novos postos de empregos e o avanço do desenvolvimento econômico.

Seja como autor literário, que se expressa através do quadrinho, seja como cineasta, escritor, dançarino, seja qual for a forma de expressão na qual tu queiras dar o teu testemunho do mundo, só podes fazer isso sendo honesto com tuas opiniões, e o resultado vai ter tanto mais qualidade quanto mais ele refletir o que tu és. É mais difícil querer ser outro, fica postiço, entende? Tu

¹⁹ Ver informações em < <http://www.qualidade.esalq.usp.br/fase2/iso14000.htm> >

tens é que dizer às pessoas qual é a tua visão de mundo. (VASQUES, p. 101 apud VASQUES e UBERTI, 2001)

Esse debate me permite acreditar no quanto a arte, em suas múltiplas vertentes – reconhecendo o humor gráfico como uma delas – e sua capacidade de mexer com os sentidos, permite-nos avançar sobre diversos elementos essenciais de transformação. Talvez seja a arte, por meio dos artistas e dos educadores, o elemento-base para o primeiro processo de libertação. Uma mudança do paradigma “cientista” para o “ético-estético”. A pílula vermelha do filme *Matrix*, aquela que abrirá portas e janelas para um mundo estranho, mas que já estava lá, coexistindo.

Ao analisarmos a distribuição dos espaços da arte, onde os encontramos? Notem que estão localizados sempre no centro das cidades, ou próximo aos bairros nobres – assim como as praças. A periferia não tem acesso à arte e nem a arte produzida na periferia consegue romper os muros da prisão social e conquistar os espaços de arte. Somente aquela arte que pode se tornar produto é considerada realmente arte²⁰. Sua função libertadora é vista por poucos como um mecanismo essencial de todo e qualquer ser humano, porque cada ser humano é um ser criador. É a arte um instrumento potencializador da capacidade criativa, da capacidade de analisar a realidade e criar o novo, de romper com as amarras e as imposições do capital. Nesse universo de possibilidades, encontra-se o humor gráfico, que perpassa por vários estilos e técnicas gráficas, problematizando e contribuindo nessa construção.

El impulso afectivo de crear es una libertad que nos relaciona con la inquietud de quiénes somos y hasta dónde vamos. Es la puerta de una metodología que establece un puente con el proyecto de vida en incidencia con nuestra propia representación de la subjetividad que podemos asumir. Existe la posibilidad de que en este momento de libertad puedan aparecer nuevas vetas aún no conocidas de nosotros mismos. Es parte de la integración que el sujeto puede haber por sí mismo y que de cierta forma equilibra su ser. Es por lo cual la actividad de expresión es un momento de armonía social visto que cada individuo, como cada artista, vive internamente su propia integración y comprende el ensayo del otro. Todo momento de expresión creativa es un tiempo de mejor reconstrucción de sí mismo. (DINELLO, 2012, p. 79)

²⁰ Ver documentário “Mente sem limite - O grito dos excluídos”, de Alexandre Bandeira e Thiago Piccoli no seguinte endereço <<http://youtu.be/3ofT0i5to9M>>, que mostra o trabalho de um grupo de hip hop desenvolvido no Bairro Castelo Branco, periferia da cidade do Rio Grande, que, ao se apresentar no Teatro Avenida, no centro da cidade, recebeu como público os próprios moradores da periferia, que se deslocaram ao centro da cidade para prestigiarem seus filhos e amigos. A elite da cidade e os moradores do centro não se fizeram presentes, transparecendo mais uma vez a cordilheira social que separa a cultura do pobre da cultura do rico.

A arte, em sua essência criadora, criativa e também subversiva, torna possível outras percepções e visões de mundo. Atua principalmente no desenvolvimento de uma identidade, situa o indivíduo no mundo, quebra com a homogeneização e permite que, aquele ser, independentemente do lugar em que esteja, saiba onde está a raiz de sua árvore e, também, que seus galhos, folhas e frutos possam se expandir para qualquer lugar do planeta. Assim surge a arte, no interior do processo de educação, não como um dia da semana onde as crianças brincam de se sujar com canetinhas e tintas, mas em um momento de otimização das potencialidades criativas de cada ser, em seu desenvolvimento cognitivo, crítico e como sujeito do mundo.

As palavras do filósofo, escritor e educador indiano Jiddu Krishnamurti²¹ são oportunas para pensarmos essa relação arte-educação:

Que considerais ser a finalidade da educação? Não é a de produzir um indivíduo integrado? Se é esta finalidade da educação, devemos então perceber claramente se o indivíduo existe para a sociedade, ou a sociedade para o indivíduo. Se a sociedade necessita e faz uso do indivíduo para seus próprios fins, não tem então nenhum interesse na formação do ente humano integrado; o que ela quer é uma máquina eficiente, um cidadão obediente e respeitável e isso só requer uma integração muito superficial. Enquanto o indivíduo for obediente e se deixar condicionar totalmente, a sociedade o achará útil e gastará tempo e dinheiro com ele. Mas se a sociedade existe para o indivíduo, cabe-lhe então ajudá-lo a libertar-se da influência condicionadora dela própria. Deve educá-lo para se tornar um ente humano integrado. (KRISHNAMURTI, 2004, p. 56)

O debate filosófico que permeia diversas áreas do conhecimento e da vida, realizado por Krishnamurti, vai ao encontro de tantos outros debates realizados pela Educação Ambiental. Qual o papel da educação? Como o ser humano vive e por que se encontra no meio de tantos dilemas aparentemente sem respostas?

Consiste a função da educação, meramente, em ajudar a ajustar-vos a esta corrupta ordem social, ou sua função é dar-vos liberdade, liberdade completa, para crescerdes e criardes uma sociedade diferente, um novo mundo? (...) A educação, por certo nenhuma significação tem se não vos ajuda a compreender a vastidão da vida com todas as suas sutilezas, sua extraordinária beleza, seus pesares e alegrias. (KRISHNAMURTI, 1967, p. 10-12)

Ao observarmos o mundo hoje, e através de relatos orais, filmes, áudios, fotografias e livros, traçarmos o processo histórico de evolução social, econômica e tecnológica da sociedade, devemos entender que estamos muito longe do nosso ideal. Podemos mesmo afirmar que a qualidade de vida melhorou? Talvez para uma

²¹ Ver biografia de Jiddu Krishnamurti em < <http://www.jkrishnamurti.org/pt/> >

parcela da sociedade a resposta seja sim; para o índio, certamente que não. A expectativa de vida aumentou, e também a população²², mas a quantidade de leitos nos hospitais não. Ou seja, temos o bônus e o ônus, situações e momentos que se diferem. Doenças novas, perda dos direitos trabalhistas. Mas temos vacinas, remédios, televisão e micro-ondas. Temos engarrafamentos, mas possuímos carros com ar condicionado e o conforto individual garantido. Temos McDonalds, conservantes, salgadinhos, bolachinha recheada, milho e soja transgênica e temos câncer. Queremos nossos filhos em bons empregos, bons salários e, de repente, eles precisam estudar e dedicar o dobro de tempo do que era preciso para a mesma função há dez anos. Crianças que deixam de brincar para serem alfabetizadas aos três anos e aos quatro já estão aprendendo inglês para não perderem tempo e tornarem-se, o quanto antes, profissionais competitivos e qualificados para o mercado de trabalho. Condicionamos, assim, nossa sobrevivência ao dinheiro, da mesma forma como nosso direito aos sonhos. Onde estão os sentimentos? Onde estão os sentidos? O que fazemos além de buscarmos incansavelmente saciar nosso desejo de consumo? Quem realmente somos e o que estamos fazendo aqui?

Somente através da riqueza objetiva desenvolvida do ser essencial do homem se cultiva ou nasce a riqueza da sensibilidade subjetiva humana (o ouvido musical, o olho que descobre a beleza da forma; em síntese, os sentidos capazes de gozos humanos, sentidos que se afirmam como forças essenciais do homem). Porque não somente os cinco sentidos, mas também os chamados sentidos espirituais – os sentidos práticos (vontade, amor etc.) – numa palavra, o sentido humano – a humanidade dos sentidos – se constitui pela existência do seu objeto, pela existência da natureza humanizada. A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até nossos dias. (MARX, 2010, p. 135)

A capacidade de transformação pela arte é sintetizada por Marx em uma passagem sobre a criação artística e a percepção estética, em *Contribuição à crítica da Economia Política*.

O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de compreender a arte e de fruir a sua beleza. Portanto, a produção não produz somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. (MARX, 2010, p. 137)

²² A população mundial levou 1800 anos para aumentar de 300 mil para 1 bilhão de pessoas no planeta. Em 200 anos essa população multiplicou-se sete vezes, chegando hoje a mais de 7 bilhões de pessoas.

Krishnamurti complementa a questão, ao apresentar como a educação, além da escola, mas também através das pessoas que interagem com a criança e daquilo que a ela é apresentado, transforma seu processo de constituição como pessoa.

A criança descobrirá o que ela própria é, se o ambiente em que vive a ajuda a fazê-lo. Se os pais e os mestres têm verdadeiro interesse em que um jovem descubra a si próprio, não o obrigarão a isso; criarão um ambiente em que o jovem possa vir a conhecer-se.

(...)É muito importante criar-se numa escola uma atmosfera assim, uma atmosfera de liberdade, de amor, onde cada um tenha um forte sentimento de confiança; porque, como sabeis, a confiança nasce quando uma criança se sente como "em casa", em segurança.

(...)Mas, vede, vossa educação não vos ensina a pensar; só vos ensina o que pensar. Ensina-vos que sois muçulmano, hinduísta, cristão, isto ou aquilo. Mas a função da educação correta é ajudar-vos a pensar por vós mesmo, de modo que de vosso pensar vos venha um sentimento de imensa confiança. Sois, então, um ente humano criador e não uma máquina servil. (KRISHNAMURTI, 1967, p. 21-153)

É nesse processo de criação que a Educação Ambiental, pelo viés da arte e, neste caso, por meio do humor gráfico, deve atuar. Não pretendo negar a existência de outras formas de ação da Educação Ambiental, como as lutas junto às questões políticas, jurídicas, nas lutas dos movimentos sociais; pelo contrário: somo a essas lutas uma ação direta na formação do indivíduo. Não apenas em relação à criança, mas junto ao ser humano em todas as suas etapas da vida. É possível despertar possibilidades até então não percebidas. É preciso criar condições e possibilidades para que um futuro se faça a partir de mudanças radicalmente produzidas no presente. As bases e as lembranças do passado não podem impedir – assim como as contradições políticas, jurídicas e culturais de controle social – as ações cotidianas de cada pessoa.

A sociologia, as ciências econômicas, políticas e jurídicas parecem, no atual estado de coisas, insuficientemente armadas para dar conta de uma tal mistura de apego arcaizante às tradições culturais e entretanto de aspiração à modernidade tecnológica e científica, mistura que caracteriza o coquetel subjetivo contemporâneo. (GUATTARI, 1992, p. 13-14)

O processo de educação atual do Brasil, exceção a alguns projetos localizados, reproduz uma pedagogia conservadora, imposta a partir de 1964, com o processo de manutenção das elites pelo Golpe Militar. É preciso ver que, a partir de 1985, quando Tancredo Neves vence as eleições e com o seu falecimento, José Sarney assume o posto de presidente, até os dias atuais, em que a RBS TV apresenta diariamente uma propaganda com o *slogan* "O amor é a melhor herança.

Educação para as crianças”²³, acompanhado de outro *slogan* “A educação precisa de respostas”, não houve, na prática, a implementação da inspiradora e transformadora pedagogia de Paulo Freire. A Pedagogia do Oprimido tornou-se um discurso que se satisfaz no discurso em si, que há cinquenta anos foi congelado pelos militares e não foi de fato implementado, porque não interessava, em 1964, à classe hegemônica, como não interessa agora, em 2013.

Outrossim, a sociedade não deseja indivíduos alertados, ardorosos, revolucionários, porque tais indivíduos não se ajustarão ao padrão social estabelecido e há sempre o perigo de que quebrem esse padrão. É por isso que a sociedade se empenha em prender vossa mente em seu padrão, e é por isso que a chamada educação vos estimula a imitar, a seguir a ajustar-vos. (KRISHNAMURTI, 1967, p. 123)

Onde estaria situado, então, o humor gráfico, nessa inter-relação com a Educação Ambiental, a arte, o meio ambiente, a sociedade e a transformação social? Félix Guattari nos apresenta, em *As três ecologias*, uma passagem na qual identifico a inserção e a atuação, em todos os tipos de plataforma possíveis – jornais, internet, cartazes, *graffiti*, entre outros –, do cartum político:

Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microsociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente. Parece-me que essa é a única via possível para que as práticas sociais e políticas saiam dessa situação, quero dizer, para que elas trabalhem para a humanidade e não mais para um simples reequilíbrio permanente do Universo das semióticas capitalísticas. (GUATTARI, 1990, p. 35)

Dentro desse processo de comunicação, o cartunista realiza, através de seu “insight”, um diálogo com todos aqueles que irão encontrar o seu desenho, em uma página na internet, em uma página no jornal, ou mesmo em um muro de qualquer esquina. O que acaba por causar um processo em cadeia de percepções, de criação de subjetividades na leitura do cartum, ou seja, são janelas e portas que se abrem para novas possibilidades.

Essa nova lógica ecosófica, volto a sublinhar, se aparenta à do artista que pode ser levado a remanejar sua obra a partir da intrusão de um detalhe acidental, de um acontecimento-incidente que repentinamente faz bifurcar seu projeto inicial, para fazê-lo derivar longe das perspectivas anteriores mais seguras. (GUATTARI, 1990, p. 36)

O leitor passa a ser sujeito, correlacionando-se ao componente de subjetivação, neste caso, o cartum.

²³ Ver o link <http://www.gruporbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=campanhas>

Mas não é de todo inconcebível que o que denomino uma tal singularidade se torne uma chave, desencadeando um ritornelo complexo, que não apenas modificará o comportamento imediato do paciente, mas lhe abrirá novos campos de virtualidade.(...) Uma singularidade, uma ruptura de sentido, um corte, uma fragmentação, a separação de um conteúdo semiótico - por exemplo, à moda dadaísta ou surrealista - podem originar focos mutantes de subjetivação. (GUATTARI, 1992, p. 30)

A soma de forças do humor gráfico com a Educação Ambiental poderá qualificar ambos em suas formas de atuação. O humor gráfico, que recebe o aporte acadêmico e científico, ao ser estudado e pesquisado, não apenas dentro das áreas de Comunicação Social ou Artes, mas neste caso, na área de Educação Ambiental, como componente de ação política, ambiental e transformação social, recebendo o reconhecimento por sua contribuição nas lutas que vem travando ao longo dos séculos. Já a Educação Ambiental receberá um aporte de grande impacto em sua inserção, potencializando suas atividades de comunicação, mas principalmente sua importância popular e sua circulação por uma mídia autônoma, alternativa e independente. Um passo a mais para que seja reconhecida e tenha ao seu lado, em suas lutas, a opinião pública, devidamente conhecedora do que é Educação Ambiental e quais as suas propostas, debates e ações.

Nessas condições, cabe especialmente à função poética de recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e re-singularizados. Não se trata, para ela, de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimento de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência. (GUATTARI, 1992, p.31)

O humor gráfico, em seu processo de subjetivação, caminha exatamente para a ideia de uma Educação Ambiental que aja direta, intermitente e internamente nos processos de concepção da subjetividade, sem superficialidades. Não há transformação e muito menos tempo para ações em doses homeopáticas. É preciso impacto. Uma Educação Ambiental transformadora de atuação radical como afirma Guattari (1990, p. 55), para que nem o pesquisador, nem o educador, nem o cidadão, se enganem ou sejam enganados. Porque aí mora o vírus da frustração, como ocorre quando há toda uma propaganda para a coleta seletiva dos resíduos sólidos e, de repente, no dia marcado para o recolhimento, o caminhão não passa, ou se passa não recolhe, ficando toda a energia e esperança da atitude individual, da consciência ambiental, de contribuir para um mundo melhor, aniquilada pela falta

de responsabilidade do poder público. Se essa frustração marca e indigna um adulto, imagine uma criança.

Uma imensa reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer face aos destroços do CMI (Capitalismo Mundial Integrado). Só que essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade. (GUATTARI, 1990, p. 44)

Washington Ferreira, educador ambiental, fotógrafo e documentarista, nos ilustra esse campo de possibilidades que se apresenta em nosso horizonte:

Se podemos “ler o mundo” através das imagens, podemos, antes disso, “construir o mundo” pelas imagens. Como uma das linguagens humanas dominantes, a visualidade determina, literalmente, uma “visão de mundo”. (...) Uma vez fixadas, explicitadas e socializadas, estas “imagens” podem contribuir como instrumentos facilitadores para a discussão e superação das situações e contradições retratadas, instigando-nos à produção conjunta de outras séries de “imagens da realidade”, as quais podem se desdobrar continuamente, resultando na recriação de outras “imagens e, por que não, de outras “realidades”. (FERREIRA, 2012, p. 34)

Reforça o argumento citado o arte-educador Paul Duncum, que atuou na Austrália e hoje trabalha nos Estados Unidos e pesquisa a cultura visual e as suas possibilidades de educação junto a crianças.

As imagens sempre desempenham um papel no âmbito de lutas pelo significado, seja legitimando noções existentes e as estruturas de poder que apoiam, seja contestando tais noções ou incorporando ambivalência e contradição. Ademais, ao apelarem para os sentidos e as emoções, as imagens exercem profunda influência. Ao mesmo tempo, os espectadores detêm o poder de negociar e/ou de resistir a significados dominantes, bem como de criar seus próprios significados. (DUNCUM, 2011, p. 21)

Contribuindo com o debate, Duncum apresenta um argumento muito interessante, que nos faz refletir acerca do uso do humor gráfico nos processos de Educação Ambiental.

Menciono o humor porque é importante incorporar prazer e crítica. Algo da diversão e até mesmo do prazer transgressor que os alunos absorvem da cultura popular deve ser concebido como um ingrediente da pedagogia. Caso contrário, nega-se um aspecto fundamental da razão pela qual a cultura de massa é popular. (...) O objetivo de uma pedagogia dialógica que amalgama diversão e crítica não consiste em fornecer respostas definitivas, mas sim em levantar questionamentos, revelar dilemas e dar continuidade a uma conversa. Tal pedagogia crê no poder dos alunos e em sua capacidade de tomar decisões éticas. (DUNCUM, 2011, p. 26)

A pesquisadora em infância, cultura visual, ensino e arte e formação de professores, Susana Rangel Vieira da Cunha, ilustra de forma bastante simples e interessante o modo como os processos de subjetivação acabam sendo incorporados pela criança de forma equivocada, conforme afirmei anteriormente, na analogia com o disco rígido de um computador atrofiando o universo infinito de possibilidades na constituição do ser:

Desde muito cedo, as crianças aprendem que seu limite para imaginar está confinado a retângulos e recortes do mundo feitos pelos adultos. Aprendem que os outros são detentores dos saberes. Aprendem que precisam de modelos para seguir as linhas predeterminadas de suas vidas. Aprendem a ser silenciosas e subservientes ao amassarem as bolinhas de papel crepom. Aprendem a respeitar modelos e posturas quando têm minutos para executar um trabalhinho. Aprendem a ser consumidoras e não produtoras de imagens ao colorirem os desenhos distribuídos pelos professores. Aprendem a não ser pessoas que sentem, pensam e transforma. (CUNHA, 2012, p. 26)

Susana da Cunha aborda um processo peculiar e bastante importante, ao sugerir uma dinâmica de ação do desenho com adultos. A sugestão da pesquisadora propõe a interação de crianças e adultos: no caso, a própria família em sua residência. No entanto, trago a reflexão para a formação nos espaços pedagógicos de Educação de Jovens e Adultos: raríssimo material pedagógico é desenvolvido para esse público, já que o ensino fundamental apresenta, via de regra, mecanismos didáticos específicos para crianças.

Uma das maneiras de o adulto romper suas formas cristalizadas é resgatar seu próprio processo expressivo, voltando a brincar com os materiais, não tendo medo de mostrar suas próprias descobertas formais, espaciais e colorísticas, lançando-se junto com as crianças na aventura de criar o inusitado, acompanhando o processo expressivo infantil junto com seu próprio processo. (CUNHA, 2012, p. 17)

A charge e o cartum poderiam ser utilizados também nesse espaço de educação para adultos, inclusive nos processos de alfabetização, já que em muitos casos os desenhos, como os que integraram a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, não possuem texto, o que permite uma leitura da imagem. Na sequência, Susana da Cunha sugere outra dinâmica também pouco utilizada na sala de aula, mas que abre um leque de possibilidades e reflexão, tanto na criação de subjetividades, quanto na identificação de elementos, história e sentimentos, comum a todos.

Indicaria um procedimento pouco utilizado na Educação Infantil que é a possibilidade de as crianças realizarem leituras sobre suas produções. É interessante instituir momentos em que elas entendam seus percursos na aquisição da linguagem gráfico-plástica, percebendo as mudanças que vão

ocorrendo ao longo de seus processos de pintar, bordar, desenhar, melear, rasgar e bagunçar. (CUNHA, 2012, p. 55)

Quando Guattari menciona os pacientes que se redescobriram ao realizarem atividades totalmente diferentes e opostas àquelas a que estavam condicionados, ou em sua classe social ou em seu nível de escolaridade (1992, p. 185-186), percebe-se que essa reinvenção do ser humano em si ocorre pelo fato de serem potencializadas suas qualidades criativas. Mesmo que um intelectual esteja realizando uma atividade braçal, mostra que o fato de simplificar o pensamento e trabalhar a mente na simplicidade do trabalho do corpo faz com que a pessoa expanda sua capacidade mental e física, explorando as ecologias do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

Na arte, ao contrário, a finitude do material sensível torna-se um suporte de uma produção de afetos e de perceptos que tenderá cada vez mais a se excentrar em relação aos quadros e coordenadas pré-formadas. Marcel Duchamp declarava: "a arte é um caminho que leva para regiões que o tempo e o espaço não regem!" (GUATTARI, 1992, p. 129)

Reforçando as ideias apresentadas, estão as palavras da educadora ambiental Michèle Sato, em sua reflexão a respeito de como a educação deve situar-se no atual contexto histórico, político, ambiental, cultural e social.

É preciso mudar a sociedade, ver a escola no seu âmbito, acreditar mais nos jovens, ousar mudanças, rever posturas. Frear consumos, mudar estilos de vida, aprender a ser solidário. Estamos falando em mudar o modo como fomos criados, largar hábitos tradicionais, inovar e sermos capazes de caminhar em outra concepção de mundo. (SATO, 2013, p. 20)

Complementando as palavras de Michèle Sato, a respeito de uma passagem importante escrita por ela e pelos demais colegas do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte, em relação aos processos de junção da arte e da educação, como mecanismo substancial da criação da subjetividade e da bifurcação nos processos de concepção de mundo.

A Arte na educação escolar ou fora do âmbito da escola envolve conhecer a produção artística de todos os tempos, lugares e culturas. A Arte é das áreas de conhecimento que oportuniza aspectos múltiplos, entre eles está à exploração dos sentidos e significações a tolerância à ambiguidade, segundo ideias de Ana Mae Barbosa (2005). A exploração dos sentidos e, a ambiguidade promovida pela arte contribui para a abertura de um redesenhar as coisas, os caminhos, as aprendizagens, a vida entre outros, pois no universo da Arte não há o certo ou o errado, o bonito ou o feio, o melhor ou o pior, o superior ou o inferior, há sempre o diferente, a outra maneira, os múltiplos caminhos. Toda vivência no território arte-educativo promove uma espécie de reanimação do aspecto sensível e cognitivo, apura conceitos e

posições diante do mundo, diante da vida. E de posse da imaginação criadora, podem redesenhar escolhas felizes. (QUADROS, SATO, OLIVEIRA e BELÉM, 2013, p. 67-68)

4.6 Categorização dos cartuns

A categorização dos cartuns, a partir dos problemas socioambientais que apresentavam, foi inspirada na cartografia das correntes em Educação Ambiental, proposta por Lucie Sauv e, a qual apresenta diversas abordagens do campo, agrupando por identifica o a partir de um contexto de interven o proposto, reagrupando proposi es semelhantes em categorias, relacionando suas divergências, pontos comuns, oposi o e complementaridades (SATO *et al*, 2005).

Sauv e identifica quinze correntes de Educa o Ambiental, algumas tradicionais, surgidas nos anos de 1970 e 1980, e outras que correspondem a preocupa es mais recentes. São elas: Naturalista, Conservacionista/Recursista, Resolutiva, Sist mica, Científica, Humanista, Moral/ tica, Holística, Biorregionalista, Prática, Crítica Social, Feminista, Etnográfica, Corrente da Ecoeduca o e Corrente da Sustentabilidade.

Cada uma das correntes são apresentadas em fun o dos seguintes parâmetros:

- A concep o dominante de meio ambiente;
- A inten o central da Educa o Ambiental;
- Os enfoques privilegiados;
- Os exemplos de estratégia ou modelo que ilustram a corrente.

Após a análise das quinze correntes, pude identificar o humor gráfico aproximando-se da Corrente Crítica Social.

O humor gráfico, desde o seu surgimento esteve, principalmente com a charge e o cartum, a serviço dos desfavorecidos, das classes exploradas, fazendo refletir a respeito da pergunta lançada por Sauv e: “Em que a Educa o Ambiental pode contribuir para desconstruir a herança nefasta do colonialismo em certos países em desenvolvimento?” (SAUV E, 2005, p. 30)

Esta postura crítica, com um componente necessariamente político, aponta para a transforma o de realidades. Não se trata de uma crítica estéril. Da

pesquisa ou no curso dela emergem projetos de ação em uma perspectiva de emancipação, de libertação das alienações. (SAUVÉ, 2005, p. 30)

A identificação do humor gráfico com a Crítica Social ocorre também pela forma como as ações acontecem nessa corrente, que propõe somar a teoria e prática.

A primeira etapa do processo que propõe este modelo é a análise dos textos relativos a um tema ambiental, (...), textos de tipo argumentativo, textos científicos, informes de estudos, artigos de jornais, textos literários, poemas, etc. cada texto é analisado em função de suas intenções, de seu enfoque, de seus fundamentos, das implicações destes últimos, de sua significação fundamental em relação ao meio ambiente. Do conjunto destes textos, desprendem-se depois diferentes problemas: problemas de saber, de ação e de saber-ação. Passa-se assim da temática à problemática, através de diferentes discursos. A segunda etapa é relacionar a problemática explorada pelos textos com a realidade local, cotidiana: por exemplo, como se estabelece aqui a nossa relação com a água? A quais problemas estão associados? Em que está envolvida a cultura social nesta relação com a água? Inicia-se, então, um processo de pesquisa para compreender melhor estes problemas, aclarar o significado das realidades para as pessoas que estão associadas e para buscar soluções: aqui entra novamente em jogo o diálogo dos saberes, a fim de abordar a situação sob diversos ângulos complementares e confrontar entre si as diversas visões e soluções de uma perspectiva crítica. (SAUVÉ, 2005, p. 31)

Complementando a primeira etapa do processo, que envolve teoria e prática segundo a Corrente de Crítica Social, apresentada por Sauvé, contribui para a reflexão aqui proposta a abordagem de Lucrécia D'Aléssio Ferrara, em seu livro *Leitura sem Palavra*. Nele, encontramos o método como se apresenta a leitura do texto não verbal, utilizado no humor gráfico, principalmente com o cartum, por possibilitar ao trabalho ser lido em qualquer idioma, rompendo, assim, as fronteiras políticas, geográficas, do idioma e culturais.

A fala e a escrita não são nossos únicos sistemas de comunica o. Telefone, telégrafo, rádio, televisão, imprensa são outros meios de comunica o que marcam a vida moderna e as sociedades industrializadas pelo aparato tecnológico que as caracterizam. Não se trata apenas de comunica o pessoa a pessoa, mas, graças àqueles meios, as cidades, os estados, os países, os hemisférios se comunicam e transformam o universo em uma "aldeia", na medida em que ampliam a escala das comunica es humanas. A contribui o desses meios técnicos para o exercício da comunica o  , entretanto, uma pálida imagem do que pode ser a comunica o humana, quando dispensa ou supera o apoio da palavra como recurso competente e, sobretudo, exclusivo. P lida imagem, porque aqueles meios técnicos não podem dispensar um ou mais códigos, ou seja, aqueles sistemas convencionais de signos ou traços distintivos organizados de modo a ser possível a constru o e compreensão de uma mensagem. Em outras palavras,   o código que assegura a comunica o entre um emissor e um receptor. (FERRARA, 1986, p. 5)

Com o objetivo de identificar as temáticas apresentadas pelos cartuns que integraram a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, seguindo a metodologia apresentada por Lucie Sauvé, que realizou a cartografia das correntes em Educação Ambiental, classifiquei os trabalhos a partir dos problemas ambientais e sociais denunciados pelos cartunistas. Destaco que alguns apresentam mais de um problema ambiental, sendo, assim, classificados em mais de uma categoria inicial.

Foram identificados no primeiro processo de categorização dezesseis problemas ambientais e sociais:

- Aquecimento global
- Conflitos sociais e ambientais
- Congestionamento de vias públicas e excesso de automóveis
- Consumo de energia
- Crescimento econômico
- Degradação e fragilidade do planeta
- Degradação humana
- Desertificação
- Desmatamento
- Escassez e contaminação da água
- Maus tratos e morte de animais
- Monocultura
- Pobreza
- Poluição
- Urbanização
- Violência

Em paralelo aos problemas, tivemos outras três categorias distintas, apresentadas pelos cartunistas, como consequência e solução:

- A força da natureza
- Alternativas sustentáveis
- Educação ambiental

Segundo tabela a seguir, podemos ver como se distribuíram as temáticas dos cartuns, quais os problemas mais abordados e que países estão representados.

TABELA 1: Categorização dos cartuns – Problemas Sociais e Ambientais

Item	Problemas sociais e ambientais	Quantidade de cartuns	Países
1	Aquecimento global	4	Brasil, Colômbia e Turquia
2	Conflitos sociais e ambientais	12	Argentina, Brasil, China, Colômbia, México, Romênia, Ucrânia, Uruguai
3	Congestionamento de vias públicas e excesso de automóveis	4	Brasil
4	Consumo de energia	1	Brasil
5	Crescimento econômico	6	Alemanha, Bósnia Herzegovina, Cazaquistão, Colômbia, Estados Unidos e Uzbequistão
6	Degradação e fragilidade do planeta	18	Argentina, Bielorrússia, Brasil, Bulgária, Costa Rica, Cuba, Espanha, Índia, Irã, Polônia, Ucrânia
7	Degradação humana	20	Alemanha, Argentina, Austrália, Brasil, China, Egito, Estados Unidos, Irã, Peru, Uzbequistão
8	Desertificação	7	Alemanha, Brasil, China, Irã, Romênia, Ucrânia
9	Desmatamento	35	Bósnia Herzegovina, Brasil, China, Colômbia, Costa Rica, Estados Unidos, Indonésia, Irã, República Checa, Turquia, Ucrânia, Uzbequistão
10	Escassez e contaminação da água	10	Argentina, Brasil, China, Egito, Indonésia, Tailândia, Uruguai
11	Maus tratos e morte de animais	8	Brasil, Colômbia, Coreia do Sul e Turquia
12	Monocultura	2	Brasil
13	Pobreza	3	Brasil e Cazaquistão
14	Poluição	45	Alemanha, Argentina, Armênia, Bélgica, Brasil, China, Chipre, Colômbia, Espanha, Indonésia, Israel, Macedônia, Peru, República Checa, Turquia, Ucrânia, Uruguai, Uzbequistão, Venezuela
15	Urbanização	18	Brasil, Bulgária, China, República Checa, Índia, Irã, Israel, Romênia, Sérvia, Uzbequistão
16	Violência	4	Brasil, Colômbia, Macedônia

Elaboração: Wagner Valente dos Passos, 2013

Ao realizar a leitura dos cartuns, encontrei algumas particularidades que compartilho neste trabalho, a fim de compreender melhor como se relacionam o humor gráfico e a Educação Ambiental. Logo, o problema que mais apareceu nos cartuns foi o da poluição. Quarenta e cinco cartunistas abordaram o tema, representando dezenove países, num total de 38 que integram a mostra, conforme mapa a seguir:

FIGURA 34: Mapeamento dos cartuns sobre a problemática poluição



Elaboração: Wagner Valente dos Passos, 2013

Interessante foi a segmentação das diversas formas em que se apresenta a problemática da poluição. Foram abordadas a poluição do ar, dos rios e oceanos decorrente da poluição industrial que, por sua vez, fez surgir a poluição da indústria do petróleo, da indústria papeleira, a poluição urbana em decorrência da queima de combustíveis fósseis e a poluição da queima de cana-de-açúcar. Começa a aparecer com recorrência, nos cartuns, a poluição por resíduos sólidos também nos rios e nos oceanos, nas cidades, apontando a solução através da reciclagem.

Alguns cartuns que abordaram a poluição também recaem no conflito entre culturas, colocando em oposição o homem capitalista e o índio; juntamente com esse contraste, a poluição gerada pelo turismo nas florestas e matas.

A problemática da poluição apresenta-se nos cartuns como consequência do capitalismo e do chamado desenvolvimento sustentável, através da industrialização, relacionada à degradação humana e ao aquecimento global.

O segundo tema mais apresentado pelos cartunistas foi o desmatamento, com 35 cartuns originários de treze países, conforme mapa a seguir:

FIGURA 35: Mapeamento dos cartuns sobre a problemática desmatamento



Elaboração: Wagner Valente dos Passos, 2013

O desmatamento foi amplamente abordado como consequência da exploração industrial, extrativismo da madeira e urbanização. Como consequências de sua ação, vêm a desertificação, o desaparecimento de espécies e a degradação humana. O tema aparece relacionado também às forças da natureza e suas reações em decorrência dos impactos sofridos.

A degradação humana foi o terceiro problema de maior recorrência nos cartuns. Foram vinte trabalhos que apresentaram a morte do homem em decorrência da destruição da natureza, sua pobreza e vida insalubre: o homem urbano alimentando-se de lixo como forma de sobrevivência; o índio vendo sua floresta ser invadida pelo lixo; as relações capitalistas absorvidas pelos índios junto aos turistas, buscando a renda através da venda de artesanatos e fotografias como alternativa de sobrevivência; o potencial energético ocioso do corpo humano do cidadão urbano pelo excesso de recursos tecnológicos; a diferença entre classes sociais nas relações de inclusão e exclusão da sociedade capitalista e a supervalorização do dinheiro como objetivo de vida.

Na sequência, as problemáticas mais abordadas, cada uma com dezoito trabalhos, foram a degradação e fragilidade do planeta e a urbanização.

Outras três categorias surgiram ao longo da leitura dos cartuns, cujos trabalhos, além de apresentarem a denúncia de problemas, mostraram também as consequências e apontaram soluções, conforme tabela a seguir:

TABELA 2: Categorização dos cartuns – consequências e soluções

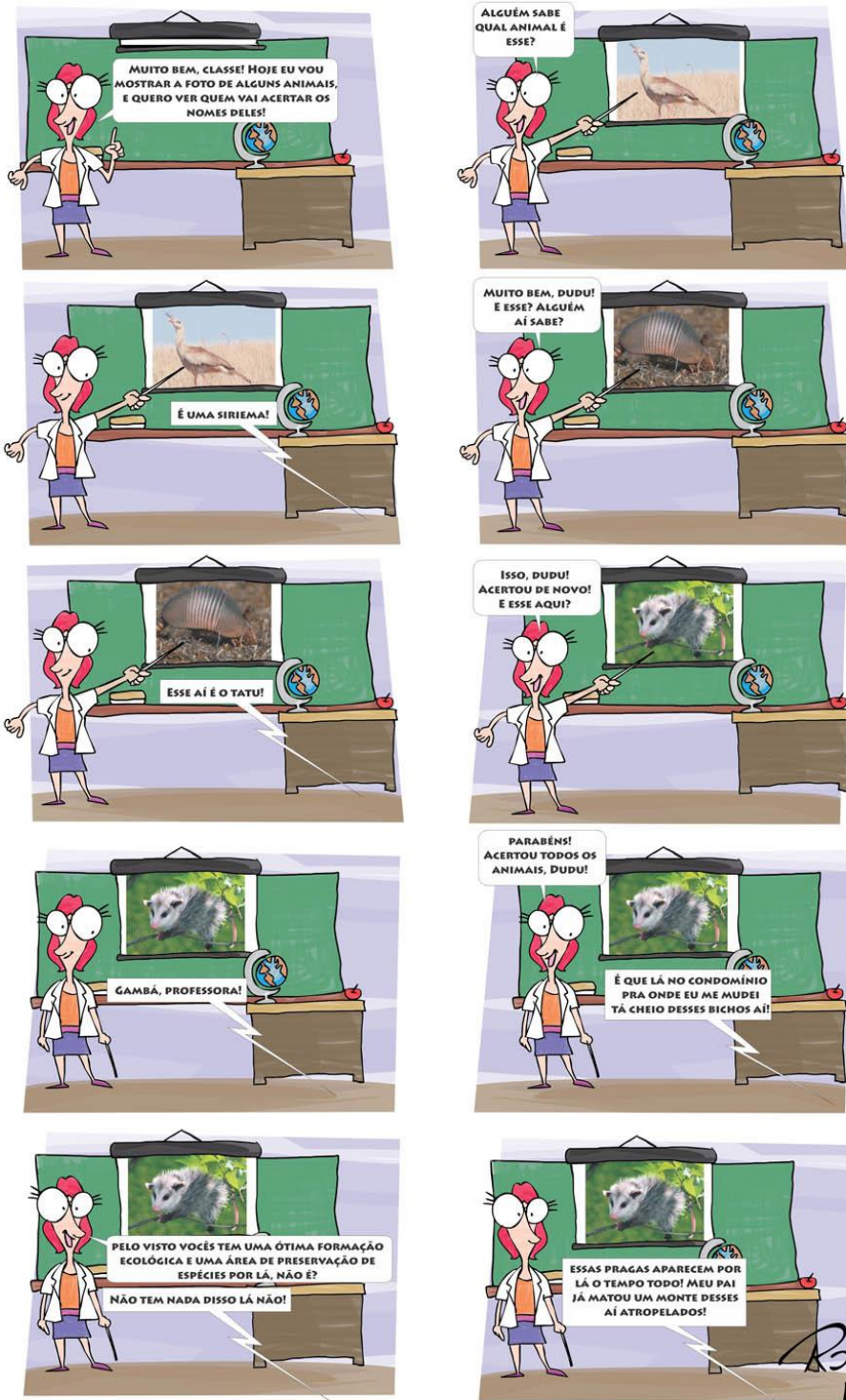
Item	Categoria	Quantidade de cartuns	Países
1	Alternativas Sustentáveis	6	Brasil e Índia
2	Força e Reação da Natureza	13	Bielorrússia, Brasil, China, Colômbia, Indonésia, Irã, Romênia, Rússia, Ucrânia
3	Educação Ambiental	5	Brasil, Colômbia, Índia, Indonésia, Uzbequistão


Elaboração: Wagner Valente dos Passos, 2013

O interessante foi a aparição da Educação Ambiental como sugestão de solução para a construção e a transformação social e preservação ambiental, na concepção da consciência, mas também na difusão de informação, meio de crítica e questionamento, assim como desenvolvimento de possibilidades e oportunidades de sustentabilidade.

Reproduzo, a seguir, os cinco cartuns apresentados na mostra, que focam a Educação Ambiental como tema principal:


FIGURA 36: Cartum de Roberto Kroll



 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental

Urbanização

Roberto Kroll
Ribeirão Preto
São Paulo
www.robertokroll.com.br

 BRASIL

Elaboração: Roberto Kroll (Ribeirão Preto)

FIGURA 37: Cartum de Makhmud



1ª Mostra Internacional
de Humor sobre
Educação Ambiental

Makhmud
Tashkent



Uzbequistão

Elaboração: Makhmud (Uzbequistão)

FIGURA 38: Cartum de Ignacio Villamil



1ª Mostra Internacional
de Humor sobre
Educação Ambiental

Educación Ambiental

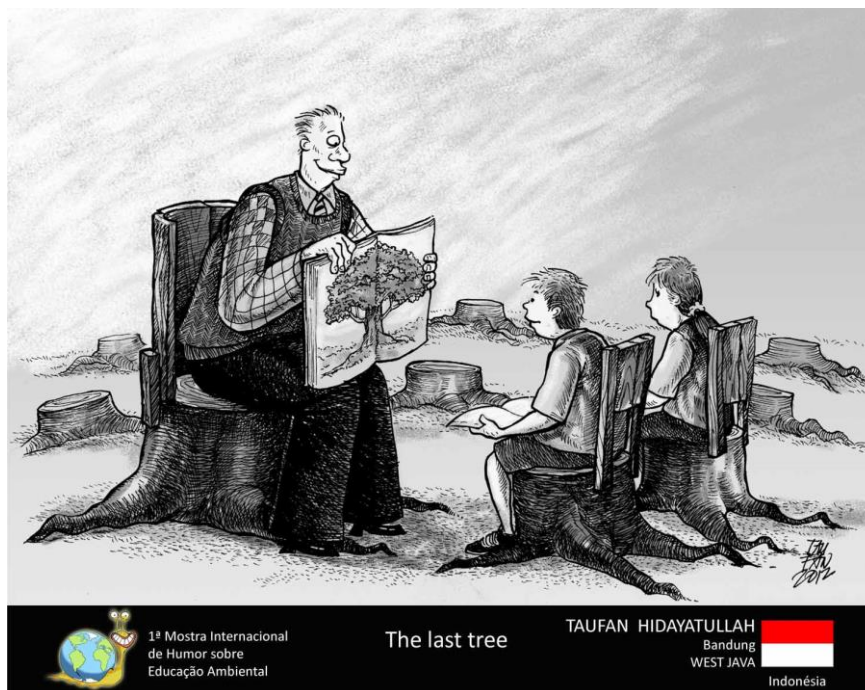
Ignacio Villamil
Tunja



Colômbia

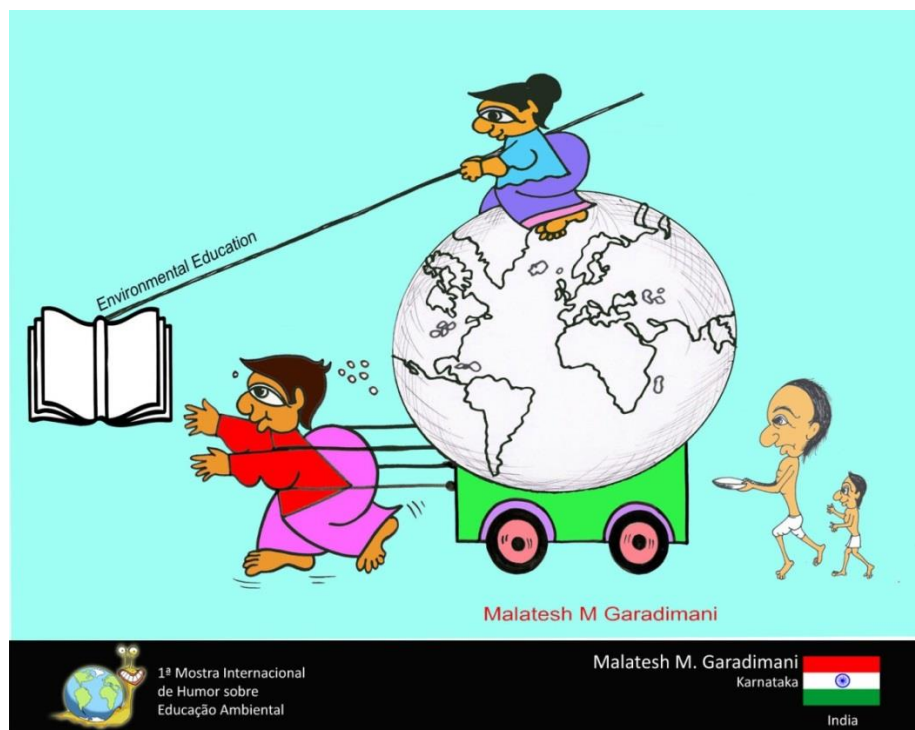
Elaboração: Ignacio Villamil (Colômbia)

FIGURA 39: Cartum de Taufan Hidayatullah



Elaboração: Taufan Hidayatullah (Indonésia)

FIGURA 40: Cartum de Malatesh M. Garadimani



Elaboração: Malatesh M. Garadimani (Índia)

Gostaria de destacar três cartuns que apresentaram a temática da Educação Ambiental e que permitem uma leitura crítica da própria Educação Ambiental. São os

cartuns de Makhmud (Uzbequistão), Ignacio Villamil (Colômbia) e Taufan Hidayatullah (Indonésia).

O cartum de Makhmud (Uzbequistão) apresenta o professor em uma cor viva, discursando flores, em uma classe de alunos uniformizados e atentos ao discurso. No entanto, ao fundo, a degradação do planeta continua, com a urbanização e a poluição do ar por uma indústria, e na própria sala de aula, cujas classes são formadas por troncos de árvores de uma possível floresta desmatada.

O cartum de Ignacio Villamil (Colômbia) encaminha-se para o mesmo sentido: mostra o professor apresentando o símbolo da reciclagem em uma classe que também ocupa seus assentos sobre troncos de árvore, discutindo problemas, sem, no entanto, problematizar aquele no qual, de fato, estão inseridos.

O cartum de Taufan Hidayatullah (Indonésia) também repete a mesma ideia-base: um professor apresentando para seus alunos a figura de uma árvore, sendo que os assentos novamente são troncos de árvores desmatadas.

A crítica que se pode ler nesses cartuns é o distanciamento que ocorre, algumas vezes, entre o discurso da Educação Ambiental e a realidade. Mostra tanto professores quanto alunos, discutindo realidades distantes, sem discutir a situação em que estão, de fato, envolvidos; sem problematizar o mundo a partir do local.

Faço questão de enfatizar que a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental reuniu muito mais cartuns sobre as temáticas abordadas pela Educação Ambiental, do que cartuns especificamente sobre Educação Ambiental propriamente dita. Acredito que tal fato ocorreu principalmente por ser a Educação Ambiental uma área relativamente nova e pouco difundida no mundo. Tal fato tem razão, principalmente, por incompatibilizar-se com o pensamento econômico dominante, questionando políticas e ações de mercado que colocam a economia, o desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico como soluções para problemas por eles mesmos gerados e cujas prioridades são a geração de empregos e a satisfação das necessidades de sobrevivência através do consumo.

Observo que a crítica ao capitalismo não é direta nos cartuns; porém ele perpassa a maioria dos trabalhos e problemas apresentados por eles, realizando a denúncia de forma subjetiva, deixando livre a interpretação por parte do leitor.

Outra questão para a qual chamo a atenção foi o fato de não ter surgido, entre os 142 cartuns selecionados, a crítica ao consumismo. Isso me fez refletir em relação à dificuldade que temos em nos colocarmos, cada um de nós, de forma

individual, com nossos costumes e contradições, como geradores também do problema e, conseqüentemente, como responsáveis pela solução. O fato de consumirmos além de nossas necessidades ou de consumirmos produtos cujas embalagens são sofisticadas, caras e desnecessárias, nos fazem reféns e colaboradores de um sistema cujo objetivo é gerar lucro aos detentores dos meios de produção. Ou seja, é como se o pensamento coletivo fosse regido da seguinte forma: “queremos resolver os problemas ambientais, mas não nos peçam para abrir mão do consumo”. Tal pensamento impede que ações responsáveis e eficientes sejam implementadas no dia a dia da sociedade, pois antes das questões ambientais estão as questões econômicas e nenhum negócio pode ser desestruturado, pois somos regidos pelos interesses das corporações e não pelas nossas necessidades de fato: vide o caso da indústria petrolífera, que impede o desenvolvimento de automóveis movidos a ar, água ou eletricidade.

Estamos criando um déficit ecológico compulsivo e contínuo, fruto do crescimento econômico, categoria a qual não aparece nenhum cartum brasileiro, possivelmente por ser um fenômeno visto pelos brasileiros como importante e necessário na construção de uma sociedade que ofereça mais recursos e oportunidades de consumo, como sinônimos de ingredientes necessários para a sobrevivência.

Há claramente no mercado duas frentes de exploração de recursos: na extração da natureza e no consumo, por meio da redução da vida útil dos produtos por um artifício chamado “obsolescência programada”²⁴. Quanto mais rápido algo estraga ou é consumido, mais se consome, mais necessário se faz extrair recursos da natureza. E pela lógica do mercado, a reciclagem não é vantajosa, pois diminuiria os lucros obtidos da extração²⁵, ao repassar os custos dessa extração para a natureza. Qual a consequência de tal processo? A exaustão das reservas de concentração natural. Ou seja, estoques naturais de recursos, os quais podemos encontrar de forma concentrada na natureza, acabam sendo misturados após o consumo, uns aos outros, nos grandes lixões, aterros sanitários e demais concentrações de resíduos sólidos espalhadas pelo mundo. O processo linear de extração e depósito, sem a implantação da reciclagem em 100% das relações de

²⁴ Ver documentário “A história secreta da Obsolescência Programada”
<<http://www.youtube.com/watch?v=q97DdVViQg>>

²⁵ Ver documentário “A história das coisas” <<http://www.youtube.com/watch?v=wlxoOfcFh-w>>

consumo e sem a produção e o consumo gerados de forma ética e responsável, encarecerá futuramente a obtenção desses recursos, o que inviabilizará não apenas o sistema, mas a sobrevivência. Logo, recebemos como herança a contaminação da água potável, a geração da fome – não pela falta de alimentos, mas pelo desperdício – e intensificação dos conflitos militares em regiões até então pacíficas.

Ao falarmos de sustentabilidade, ainda incorremos no erro do “*american way of life*”²⁶, do sonho americano, do consumo e reproduzimos, na verdade, o conceito de desenvolvimento sustentável, continuamente, acreditando que estamos promovendo sustentabilidade.

Uma das problemáticas que me chamou bastante a atenção na categorização dos cartuns foi a dos conflitos sociais e ambientais. São doze trabalhos que apresentam os conflitos étnicos, culturais, de gênero, classe social e entre gerações; o tratamento, submissão e violência contra a mulher; os conflitos militares e as ditaduras militares ainda vigentes; os conflitos ambientais em defesa da natureza; e, principalmente, o conflito do homem urbano diante do capitalismo, e também do indígena frente ao capitalismo.

A partir desses cartuns, percebe-se um movimento planetário, global, de pessoas denunciando uma série de problemas ambientais e sociais gerados por um único inimigo: o capitalismo, ou o sistema capitalista, ou ainda, como afirma Guattari, o Capitalismo Mundial Integrado. Ou seja, o grupo hegemônico internacional que especula mercados e promove a gestão dos recursos naturais, dos recursos financeiros em todo o mundo e dos meios de produção. Um grupo que trabalha com a especulação de mercados, reinveste os referidos recursos no desenvolvimento tecnológico, controla o cartel mundial da produção de alimentos, expropria os recursos financeiros do povo através das altas taxas de juros impostas pelos bancos, financia guerras e transações ilegais de diversos tipos, em um ciclo contínuo de fomento e perpetuação do poder. O referido grupo se subdivide e trava entre si outros conflitos, a fim de decidir quem irá gerir o sistema, o que permite uma série de ações paralelas, nas quais não imergimos ou as quais não investigamos, mas optamos por não conhecer, por ignorar e desqualificar, chamando tais relações de “teoria da conspiração”, algo fruto do imaginário de pessoas mentalmente perturbadas. Ficamos informados sobre tais atividades quando a mídia revela,

²⁶ Ver referência sobre < http://pt.wikipedia.org/wiki/American_way_of_life>

superficialmente, situações como o caso de espionagem denunciado pelo ex-analista da CIA – Central Intelligence Agency e colaborador da NSA – Nacional Security Agency, dos Estados Unidos, Edward Joseph Snowden, que se encontra atualmente em asilo político na Rússia, com possibilidade de se transferir para a Venezuela, Bolívia ou Brasil²⁷.

Essa categorização propicia um mergulho no *corpus* de análise, fazendo aflorar uma essência difícil de ser percebida apenas ao olharmos os cartuns. A leitura e a classificação por temas nos leva a um aprofundamento das reflexões, de tal forma que o humor gráfico, mais uma vez, soma-se e dialoga com a Educação Ambiental.

4.7 Diálogo com educadores ambientais

Durante a realização do V CPEASUL e IV EDEA, realizei nove entrevistas com alguns dos principais educadores ambientais do Brasil e do Uruguai, juntamente com docentes e pesquisadores que realizam ações em Educação Ambiental. (APÊNDICE 4)

Foram entrevistados:

Michèle Sato: doutora em Ciências pela UFSCar com Pós-Doutorado em Educação pela UQAM, no Canadá. É mestre em Filosofia e licenciada em Biologia. Líder do GPEA – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), atua também em várias outras universidades brasileiras e internacionais. Tem maior contribuição no campo da fenomenologia da arte e do ambiente, pesquisando por meio da mitopoética e biorregionalismo. Ecologista, defende desde as sociedades sustentáveis até a construção de políticas públicas.

Maria Ludetana Araújo: professora adjunta IV da Universidade Federal do Pará, possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia – Administração Escolar (1981) e em Licenciatura Plena em História (1978), ambas pela UFPA. Especialização em Orientação Acadêmica/UFPA (1979). Especialização em Educação Ambiental pela University of Strathclyde – Escócia (1996). MBA em Desenvolvimento de Alianças Intersetoriais – FIA/USP (2006). Doutora em Filosofia e Ciências da Educação pela UNED – Madrid (2012). Coordenou (período de 1998 a

²⁷ Ver biografia em < <http://www.esquerda.net/dossier/quem-%C3%A9-edward-snowden/28576>>

dezembro de 2006) o Núcleo de Estudos e Educação Ambiental da Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Estado do Pará, onde desenvolveu trabalho de implantação e coordenação da Política de Educação Ambiental.

Tania Mara: professora do ensino fundamental do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente “Cidade do Rio Grande” (CAIC), no Campus Carreiros da Universidade Federal do Rio Grande. Única professora da cidade a levar sua turma de alunos a visitar a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental durante o V CPEASUL e IV EDEA.

Antonio Fernando Silveira Guerra: pós-doutor em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA-FURG), em 2012; doutor em Engenharia de Produção – Mídia e Conhecimento (2001) e mestre em Educação (1996) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciado em Ciências – Habilitação Biologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1978). É professor efetivo e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Núcleo das Licenciaturas da Universidade do Vale do Itajaí – SC. Foi docente e orientador do Curso de Educação Ambiental *Lato Sensu*, modalidade a distância, promovido pela Universidade Aberta do Brasil, por meio do PPGEA da FURG, em Rio Grande – RS. É líder do Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade – GEEAS, vinculado ao PPGE da Univali.

Fátima Elizabeti Marcomin: pós-doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT (2012). Doutora em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (2002). Mestre em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (1996). Especialista em Ecologia pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (1984). Atualmente atua como professora na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Tem experiência na área de Educação, Biologia e Ecologia, com ênfase em educação ambiental, ecologia de paisagem, percepção ambiental, gestão ambiental e geoprocessamento.

Victor Leteo Bacchetta (Uruguai): jornalista ambiental com mais de trinta anos de profissão, trabalhou em mídias da Argentina, Brasil, Chile, Cuba, México,

Peru, Espanha, Suécia, Suíça e Estados Unidos; atualmente é editor do Observatório Minero del Uruguay (www.observatorio-minero-del-uruguay.com) .

Jose Vicente Freitas: doutor em História e Sociedade pela UNESP Faculdade de Ciências e Letras de Assis/SP. Professor Associado II na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e Informação (ICHI). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA). Na condição de gestor público, ocupa os cargos de gerente de projeto e de coordenador nacional do Programa Agenda 21 Brasileira, na Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (2008-2010). Representante do Ministério do Meio Ambiente no Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos CFDD, Ministério da Justiça (2009). Consultor *ad hoc* da UNESCO e PNUD.

Maria Laura Barcia Rivera (Uruguai): docente em Biologia e mestre em Educação Ambiental, é responsável pela Área de Educação Ambiental do Ministério de Educação e Cultura do Uruguai. Coordenadora da Área de Educação Ambiental e Coordenadora da la Red Nacional de Educación Ambiental (ReNEA), é representante do Uruguai no Grupo Técnico de Educação Ambiental no Mercosul.

Isabel Cristina de Moura Carvalho: possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983), especialização em psicanálise pela Universidade Santa Úrsula RJ (1990), mestrado em Psicologia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas – RJ (1989) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001). Realizou seus estudos de pós-doutorado em antropologia na Universidade de San Diego, Califórnia (UCSD), com apoio da CAPES, de fevereiro/2006 a fevereiro/2007. No mesmo período foi professora visitante do Centro de Estudos Ibero Latino Americano (CILAS) na UCSD. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação e da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

As entrevistas foram realizadas no intuito de complementar a produção de dados e sua importância se confirma na série de informações e observações que afloraram nas respostas, principalmente em relação às possibilidades, às limitações e à integração entre os cartunistas que atuam em forma de rede, realizando um diálogo globalizado a partir de seus trabalhos.

O primeiro ponto a surgir relacionou-se à inovação, engendrando o humor gráfico e a educação ambiental em uma proposta de reflexão mútua, na qual ambas as áreas colaboram e acionam o diálogo acerca das diversas questões ambientais.

Essencialmente quero parabenizar a inovação em trazer a arte pelo bom humor, que eu acho que é essencial. O educador ambiental trabalha com muita tragédia, com muitos problemas, com muitos conflitos. E suavizar a dor do planeta, com a arte, com o humor, para mim parece essencial. Eu não lembro de ter visto nenhum encontro da Educação Ambiental que trouxesse essa dimensão do cartum, do bom humor. Então eu acho que é inovador. É uma coisa inédita (SATO, 2012, entrevista)

Isso é novidade! Educação Ambiental está correndo um sério risco. Ela não está se renovando no campo conceitual. Já faz quase 20 anos que ela está se repetindo. As dissertações ficam dando volta em círculo. E tem dois ou três campos que são os campos propícios que ela tem que buscar, se oxigenar. Um deles é o campo que a Michèle trouxe na fala dela, que é o campo dos Direitos Humanos. E outro campo, que a Educação Ambiental ainda não fez valer o que está escrito no Tratado de Educação Ambiental e muito menos o que está na política, que é o campo da Arte. Esse diálogo com a Arte como processo de renovação. Então estou te dizendo: isso é novo! (FREITAS, 2012, entrevista)

Devido ao caráter internacional da mostra, foi observada, pelos entrevistados, a questão da globalização, que trouxe, como na categorização que realizei dos cartuns, a compreensão de que os problemas ambientais e sociais são comuns em todo o mundo, possibilitando através dessa linguagem um diálogo que ultrapassa fronteiras culturais, políticas e geográficas. Outro ponto levantado foi a importância das redes, facilitadas pela internet, oportunizando a troca de informações e a participação de cartunistas de vários países em uma mostra que ocorreu originalmente em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, Brasil.

Fica nítido aqui a importância do papel das redes. Tu vês representantes do Egito, da Checoslováquia, da Rússia, países que tu não imaginas que viessem a participar de um processo desses. Então a característica de internacionalização para mim ficou muito nítida e fiquei muito surpresa de ver pessoas de países tão inusitados para este evento, participando dele com o cartum.(MARCOMIN, 2012, entrevista)

A minha curiosidade é assim: será que existe uma leitura da natureza a partir desses países? Será que as pessoas que moram no mesmo país, leem essa natureza do mesmo jeito? Ou existem diferenças de leitura a partir de seus países de origem? A representação que eles têm de recurso natural é aquilo que de fato a gente vê hoje, são os recursos mais escassos, ou não, ou são os recursos mais abundantes? (MARCOMIN, 2012, entrevista)

A primeira impressão que causa para mim essa mostra é ver como há uma consciência mundial sobre o problema ambiental. Interessante ver como você olha o país de onde vem o desenho e você fica impressionado porque mesmo tão longe de nossa realidade eles têm as mesmas preocupações que

a gente tem. Isso é uma coisa que acho que impacta, é a globalização da consciência ambiental. (BACCHETTA, 2012, entrevista)

Primeiro me surpreendeu a quantidade de trabalhos que vocês conseguiram reunir, o interesse e a diversidade dos lugares e das pessoas que mandaram esses trabalhos. Incrível como de fato a internet e a posição de vocês nessa rede foi algo interessante que proporcionou uma mostra diversificada, muito grande com desenhos de muita qualidade. Vocês permitem que pessoas que estão bem distantes daqui possam participar do evento e interagir nesse evento sem estar aqui e de alguma maneira estabelecem esse compartilhamento. (CARVALHO, 2012, entrevista)

Vocês estão de alguma maneira estão mexendo com essa questão do local e o global e isso é uma cidade no Sul do Brasil, no interior do Rio Grande do Sul e aciona uma colaboração global de vários outros pontos que também são globais e que formam uma rede muito maior de onde está localizado o evento. Então isso é uma abrangência, é um impacto do evento, uma abertura do diálogo com tanta gente que está longe e está perto e está aqui. (CARVALHO, 2012, entrevista)

Hoje no mundo da comunicação você ter esse diálogo internacional é muito importante, é muito essencial. E até você vê que os problemas são parecidos. Eu fiquei olhando se teria alguma diferença entre os internacionais e os nacionais. A questão do lixo aparece com muita frequência, a questão do desmatamento, de corte da árvore. Então não estamos sozinhos, este também é um caminho de coletivização. A gente deveria pensar mais em trabalhos coletivos, em cooperações bilaterais, multilaterais, pensar nessa questão planetária. (SATO, 2012, entrevista)

São várias linguagens, são vários países, mas nós compreendemos que através da imagem que é criada sobre um tema ambiental, as pessoas começam a entender melhor o que está acontecendo. Não é um privilégio só nosso, os problemas são locais e, enquanto locais eles são também globais. Então a gente começa a se inserir e não se sentir perdido no espaço. Ou seja, outros estão vivenciando isto e nós precisamos ter um coletivo de pessoas que queiram ajudar a resolver a situação. (ARAÚJO, 2012, entrevista)

A sensibilidade e a problemática não tem fronteiras, a mensagem do cartum é universal, assim como a música. Foi impressionante como construção de um projeto global e de responsabilidade profissional de quem está trabalhando com a caricatura, porque está assumindo o papel de denúncia. (BARCIA, 2012, entrevista)

Os questionamentos relacionados ao capitalismo não ficaram restritos aos cartuns. Houve, nas entrevistas, uma abordagem crítica em relação ao atual sistema de organização em que vivemos, assim como aos debates internos da educação ambiental, à sustentabilidade e aos reflexos da atual crise ambiental vivida pelo planeta.

A gente fala muito sobre sustentabilidade. Fala muito no modelo de sociedade que possa estar estruturado no conceito de sustentabilidade. Não existe nenhum modelo sustentável em canto nenhum. A cultura que fundamenta a sociedade contemporânea é a cultura capitalista. A relação capital x trabalho gera tudo que está embaixo dessa estrutura. Inclusive na cultura, tudo. Agora se a gente fala no modelo civilizatório baseado na sustentabilidade, o que estamos fazendo é tentar gerar os fundamentos dessa sociedade que se quer sustentável. Mas ela não existe. Se ela não existe, nós temos que exercitar para poder consolidá-la ou criá-la. É o nosso poder de criatividade, e de inventividade de gerar o novo. E quem te oferece essa experiência? É o campo da Arte. (FREITAS, 2012, entrevista)

Tem um cartum do Egito por exemplo, onde o avião ou helicóptero derrama uma gotinha d'água e o indivíduo fica embaixo tentando pegar. Olha o grau de humilhação do ser humano de ter que pegar uma gota d'água. O quê que isso significa em um contexto de um país como o Egito. (MARCOMIN, 2012, entrevista)

Então nós vemos nesses desenhos a questão da poluição, a questão do lixo, a questão do ruído, a questão da monocultura, as contradições que nós temos que viver, a necessidade, nós termos mais humildade, cuidado. Quer dizer, é um material assim, fundamental, excepcional, para o professor trabalhar também com as questões ambientais, independentemente da área. (GUERRA, 2012, entrevista)

A gente faz um esforço danado para fazer a mediação, para trazer o elemento humano nesse enredo e falar que a Educação Ambiental não é só cuidar de passarinho e tal. E aí descamba para o outro lado: o passarinho não importa mais, a natureza não importa mais, o que importa é só ser humano e os direitos humanos. Tenho vivido um pouco esse dilema. E tenho me apegado dentro de um contexto, tenho estudado durante uns três anos para cá o a gente tem chamado de Ecofenomenologia, que é uma literatura nova que está chegando. E que é uma filosofia que é menos antropocêntrica, tem um olhar mais cuidadoso para a vida propriamente dita em amplos sentidos. (SATO, 2012, entrevista)

Quanto ao humor gráfico ser uma forma de se fazer Educação Ambiental, houve, nas entrevistas, um debate bastante importante, deixando claro que ambas são áreas distintas, porém com potencial de atuarem em conjunto, em busca dos mesmos objetivos.

Eu acho que são dimensões diferenciadas, cada qual na sua esfera, cada qual no seu potencial, que se aliam e se dialogam e conseguem fazer um trabalho coletivo. Mas eu não quero achar que a Educação Ambiental utiliza-se do cartum como um meio, nem ao contrário. Acho que são duas dimensões diferentes, em perspectivas bonitas, gostosas, com seus próprios campos teóricos, práticos e de vivência que se dialogam. (SATO, 2012, entrevista)

Acho que isso é bem subjetivo, teria que ser mais investigado. Eu não saberia te dizer com precisão se o cartum é uma ferramenta boa ou não para

sensibilizar. Eu acho que ontem, no caso das crianças, foi. Sensibilizou. Elas viera, elas olharam. Elas ficaram encantadas, rodopiaram por muito tempo ao redor desses cartuns. Então gerou um efeito sobre elas. De alguma maneira elas vão pensar um pouco melhor sobre aquilo que elas viram aqui. (MARCOMIN, 2012, entrevista)

É muito importante, por exemplo, quando ela for empregada como recurso pedagógico, que ela venha carregada de uma leitura reflexiva muito grande. Não usar o elemento do cartum pelo cartum apenas, como algo bonito, colorido, visualmente, esteticamente bom. Mas sim, o que isso representa? Qual é o meu papel? Qual é a minha representação? Qual é a minha influencia nessa representação? O que ele quis dizer com isso e em que medida essa leitura que eu faço do cartum me afeta de alguma maneira e faz com que eu reflita sobre isso, com que eu mude sobre algumas coisas, com que eu mude algumas práticas que eu tenho cotidianas (MARCOMIN, 2012, entrevista)

Na sequência da mesma questão, foram apresentadas informações bastante relevantes, relacionadas às potencialidades do humor gráfico e ao modo como ele pode se constituir em um instrumento pedagógico, devido ao seu poder de síntese.

Primeira coisa que a educação ambiental tem que fazer é levantar a representação de meio ambiente que as pessoas têm. Então eu acho que esses trabalhos expressam mais do que mil livros, do que mil teses, a importância que tem, que o outro tem sobre a problemática ambiental. (GUERRA, 2012, entrevista)

As múltiplas formas de leitura também foram um ponto relevante, levantado pelos entrevistados. Uma condição que desencadeia diversas possibilidades de trabalho e reflexão.

É preciso que se discuta, por exemplo, qual é a verdadeira representatividade desse cartum, porque a representação que eu tenho sobre uma imagem é uma; a que outro cidadão tem é outra. (MARCOMIN, 2012, entrevista)

Foi possível obter informações significativas sobre quais são de fato as potencialidades do humor gráfico e como a relação com a educação ambiental vem a somar no objetivo de ambos, frente às questões ambientais e sociais.

O cartum é um disparador, um instrumento que irá atuar em um processo de sensibilização. Seria interessante evolucinar os cartuns e como fazer novos cartuns. (BARCIA, 2012, entrevista)

Como mostramos o problema ambiental? Sempre são trabalhos catastróficos. Como aparece nos meios? Enfim, desenhos, vídeos, não estão funcionando. Então, recuperar com o humor uma maneira de abordar a temática, recuperar a inocência do encontro com a natureza. É uma dimensão da estética que em

geral a gente um pouco que apaga, deixa muito secundarizado em nossos debates intelectuais. Então vocês conseguiram trazer isso mais para um primeiro plano. É um diálogo a partir de uma sensibilidade estética. (BARCIA, 2012, entrevista)

A Educação Ambiental é uma área que cansa devido à intensidade do problema e por ter muito o que fazer. Recuperar o olhar da criança e a provocação pelo silêncio ou pelas poucas palavras, acerca do que a pessoa pensa, me parece ser excelente por respeitar a pessoa. Porque muitas vezes as imagens menosprezam a inteligência do ser humano. Então, uma caricatura que desafia, que dá dados mas não todos, sabe que quem lê precisa decodificar a imagem, isso me parece ser muito interessante para trabalhar. (BARCIA, 2012, entrevista)

Para essa nova geração, que nasceu no século XXI, a imagem é muito significativa. A leitura da imagem, o que a imagem passa para eles é fundamental. Então, não tem como eles não se preocuparem. (GUERRA, 2012, entrevista)

A imagem ela facilita muito mais rapidamente a compreensão do que a palavra escrita. Eu acredito que seria uma inovação pedagógica e seria uma forma mais fácil da gente falar para a criança, para o jovem, para o adulto, não importa a idade, o que está acontecendo e o que a gente pode fazer. (ARAUJO, 2012, entrevista)

Eu tenho trabalhado muito com a arte no meu cotidiano e ela não só suaviza, ela não tem só esse caráter de um instrumento, ela é uma dimensão intrínseca do ser humano. O ser humano sem a arte não consegue viver. O ser humano precisa do bom humor. Ainda mais no Brasil, um país extremamente irreverente, acontece uma desgraça de manhã, a tarde já tem alguém fazendo uma piada. Então esse é o nosso jeito, nossa cultura, nossa identidade. (SATO, 2012, entrevista)

Porque não é uma forma agressiva de se chamar atenção, é uma forma bem leve, bem saudável. (MARA, 2012, entrevista)

Então é uma linguagem moderna, atual, direta. A gente consegue aprender ela, os sentidos que provocam profundamente, ela tem que ser incorporada de forma mais efetiva, em nossas manifestações intelectuais. Eu defendo que essas novas linguagens precisam ser incorporadas. Senão ficamos muito quadradinhos e com falta de criatividade (FREITAS, 2012, entrevista)

A perturbação ela é maravilhosa, porque é a partir dela que a gente cresce. Agora se tu utilizas um cartum como elemento de perturbação, para trazer esse “caos humano” digamos assim, eu acho que vai poder mobilizar muita coisa, muitos sentimentos, muita reflexão. Agora, tem que vir carregada essa preocupação de não ser apenas essa questão estética, apenas visual. (MARCOMIN, 2012, entrevista)

Eu acho que é uma boa ferramenta de impacto, fazer pensar nas coisas. O problema é fazer pensar as pessoas. Se você consegue provocar e fazer pensar, o objetivo está logrado. (BACHETTA, 2012, entrevista)

No processo pedagógico, a entrevista demonstrou que o humor gráfico pode ser utilizado tanto para crianças quanto para jovens e adultos. O processo de

instigar a inteligência e a reflexão oferece condições de aplicação dentro e fora da sala de aula.

É na idade que eles estão que a gente tem que começar a ir trabalhando, mostrando para eles quanto que depende de nós para a gente ter mais qualidade de vida. (MARA, 2012, entrevista)

Ontem eu estava analisando que em diversos momentos eu vi crianças percorrendo os cartuns, olhando, interessadas em ver. Para essa criança, a linguagem da imagem fala muito mais que palavras. Então, talvez a linguagem do cartum ela possa ser um elemento de sensibilização a depender de com quem estamos falando, ou para quem queremos falar de Educação Ambiental. Talvez para um grupo de crianças a linguagem do cartum seja muito mais apropriada do que uma outra linguagem. A partir de um desenho desse, de uma ilustração dessa a gente pode esgotar um universo de reflexão e de possibilidades que é muito grande, muito amplo. (MARCOMIN, 2012, entrevista)

Para as crianças não se pode trabalhar uma pedagogia de medo, porque não funciona. Então, há de se questionar essas práticas e revalorizar a natureza como algo desfrutável, algo lindo. (BARCIA, 2012, entrevista)

Mesmo o adulto que já passou pelo ensino formal você tem que encontrar novas maneiras de comunicação para chegar à consciência dos problemas ambiental, tanto na aula, para provocar uma discussão, como também fora da aula, acho que o cartum é bem importante. (BACCHETTA, 2012, entrevista)

Um dos pontos relevantes da entrevista referiu-se às possíveis limitações que o humor gráfico poderia apresentar em seu processo em sala de aula, o que sugere uma análise mais profunda acerca do assunto, assim como a produção futura de materiais didáticos, a fim de contribuir na formação do professor e possibilitar ao aluno a utilização da linguagem.

Então, primeira coisa não pode fomentar o espírito competitivo do desenho melhor ou do cartum melhor. Eu acho que isso não combina com a proposta de um dos princípios de solidariedade que a gente traz dentro do contexto da Educação Ambiental. Mas fomentar a arte seja ela qual for, a arte musical, a arte da pintura, a arte do teatro, da dança e do desenho via cartum, via humor é muito significativo no campo da Educação Ambiental. (SATO, 2012, entrevista)

Acho que a limitação seria para os deficientes visuais que não vão conseguir olhar, não vão conseguir sentir, mas talvez a gente pudesse inventar um cartum braile, com relevo (SATO, 2012, entrevista)

Por isso nós precisamos da formação do profissional. Essa leitura de imagem também precisa ser incorporada aos currículos das demais disciplinas. (GUERRA, 2012, entrevista)

Muitas pessoas enxergam mas não se sensibilizam pelo desenho. Então, para aquele indivíduo que não se sensibiliza pelo desenho, ou com o desenho, eu também vou ter que empregar uma outra estratégia. Então eu acredito que o que tem que se ter clareza aí é que ele não é um recurso que possa ser utilizado universalmente sozinho. Ele tem que vir agregado da

música, da poesia, da dança, do texto, da interpretação, do contato com a natureza, do contato com o outro. (MARCOMIN, 2012, entrevista)

Eu acho que em uma sala de aula que exige para aproveitar a força do cartum é um professor bem informado, que possa depois responder todas as perguntas que o cartum coloca para os alunos. Tem que ter uma pessoa preparada para dar essa resposta. (BACCHETTA, 2012, entrevista)

Talvez o domínio da linguagem. É entender o que pode significar o uso da cor, de um recurso entre luz e sombra. O professor tem que dominar um pouquinho dessa linguagem para explorar melhor. (FREITAS, 2012, entrevista)

O interessante é associar ao cartum em sala de aula uma discussão sobre o cartum. (CARVALHO, 2012, entrevista)

A partir das limitações que o humor gráfico pode apresentar, surgiram nas entrevistas algumas demandas e sugestões de novas plataformas, com o objetivo de potencializar a charge ou o cartum na sala de aula, mas também no cotidiano das pessoas.

Me parece ser muito interessante acompanhar esse projeto com uma série de cartilhas, para que o educador ambiental possa trabalhar. Para que depois se siga fazendo mais cartuns, para que a criança possa chegar em casa e desenhar também. E o que falta também é um espaço para o grafite. Creio que seria muito interessante as intervenções urbanas a nível do grafite são sumamente interessante e poderia ser um caminho complementar. Um projeto que tenha uma amplificação impressionante. (BARCIA, 2012, entrevista)

Se tem uma coisa que a sala de aula está precisando muito fortemente é de recursos e estratégias que podem seduzir o aluno no processo pedagógico. E a gente está usando as mesmas estratégias, mesmo com os avanços tecnológicos, (...) Nós vamos publicar esse material aí. Isso é novidade! (FREITAS, 2012, entrevista)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, gostaria de enfatizar a importância do processo de realização desta pesquisa, ao buscar, tanto na bibliografia referente ao humor gráfico quanto da Educação Ambiental, informações, debates e pensamentos que se compatibilizavam entre si e com as lutas nas quais acredito. Foi um caminho de muito trabalho, em que necessitei experimentar um pouco de cada corrente, comparar conceitos e opiniões para ver com quais eu me identificava e, assim, poder me apropriar, dar consistência ao trabalho e desenvolver a pesquisa.

Um dos pontos que destaco foi a percepção da necessidade contínua de aprofundamento. A caminhada foi reveladora a ponto de chegar ao final dessa etapa

e perceber que o assunto não se esgota aqui. A cada dia encontro novas informações, novas situações; surgem novas ideias e a vontade de seguir adiante, refletindo com intensidade as relações entre o humor gráfico e a Educação Ambiental, por sua própria necessidade de retroalimentação.

Há muito que ser feito, principalmente no sentido de identificar e compreender possíveis formas de aplicação do humor gráfico em sala de aula, na rua, na internet. É importante entender como essa linguagem pode atuar de maneira a se tornar cada vez mais autônoma e independente dos espaços monopolizados e da censura comercial imposta pelas grandes empresas de comunicação.

Nesse sentido, estamos a falar de uma arte que possui mais de quinhentos anos, desde o início de seus estudos, transitando internamente por todos os períodos da arte, porém sempre de forma marginal e nunca mencionado pelos críticos. O humor gráfico só se torna relativamente relevante ao servir de acessório quando surge o que se chama Arte Pop, ou “*Pop Art*”, a partir de 1950. O movimento tinha por objetivo admitir a crise pela qual a arte se encontrava no século XX e expor com suas obras a massificação da cultura popular capitalista.

Talvez o humor gráfico, ao se manter sempre como força instituinte, sem se tornar força instituída, consiga ir além do que o conceito de arte hoje permite. O humor gráfico, além de representação, de forma de se ler o mundo e expressá-lo, configura-se como força de resistência, de contestação, de subversão, com um poder ideológico crítico e intenso, como militância social e ambiental.

Um cartum não é apenas um desenho sobre determinado fato, uma piada, ou uma ideia. Ao ler um cartum, é preciso imergir nas possibilidades que ele apresenta, sem esquecer que, além das diversas possibilidades de interpretação, há uma mensagem, uma intenção, ou seja, quem produziu o cartum assim o fez porque gostaria de expressar algo. O humorista gráfico que opta pela atuação política torna-se um militante de causas maiores do que o próprio humor. Tornando algo tão singelo, frágil, engraçado e insignificante, como é um simples desenho, em uma arma potencialmente calibrada e aguçada para atingir moralmente alvos intocáveis. O próprio humor gráfico só se apresenta de forma agressiva quando quem o recebe se sente agredido; a charge, o cartum, a caricatura são apenas respostas a tantas agressões já sofridas pelo ambiente e pela sociedade.

Uma das observações que faço diz respeito à dificuldade que se tem hoje, mesmo com a internet e a diminuição dos custos de impressão, de se fazer humor

gráfico em sua atuação política, exatamente pelo poder de crítica que se expressa pelo cartunista no resultado de seu trabalho. E o modo que se tem de impedir a disseminação desse elemento de crítica é censurá-lo, impedi-lo de ser publicado. Há uma ânsia de resgatar o prestígio que essa arte possuía durante o século XIX e que, de alguma forma, durou até o fim da ditadura militar no Brasil, em 1985. De repente a repressão diminuiu, os salões de humor perderam seu potencial de referência e de revelar novos talentos, surgiram outros meios de entretenimento – ou de alienação – e os alvos diretos se tornaram aparentemente inacessíveis. Sem possuir uma mídia própria atual, o humor gráfico no Brasil – e quem sabe no mundo – ficou refém dos grandes jornais, os quais perderam o interesse em publicá-lo, já que o mesmo poderia vir recheado de críticas dirigidas a algum patrocinador, o que, certamente, impediria o bom andamento da notícia como um negócio.

Há, no meio do humor gráfico, uma desesperança, um enfraquecimento da área ao longo dos últimos trinta anos, pois, em tempos passados, havia os jornais especificamente caricatos, que sobreviviam e mantinham a equipe de redação com os valores pagos pelos assinantes e pelas vendas do jornal, apenas complementado com alguma publicidade. Hoje, esses jornais já não existem mais e pouco se tem visto a respeito do surgimento de novas publicações similares, em pleno século XXI. Normalmente são publicações apolíticas, voltadas explicitamente para o entretenimento. Há um certo repúdio coletivo à crítica, o que afasta patrocinadores e leitores.

Outro mercado que fechou as portas para os cartunistas, ao longo do tempo, foi o da publicidade. Até os anos de 1970, era mais barato reproduzir um desenho em uma publicação do que reproduzir uma fotografia, o que fazia do mercado publicitário, quase em sua maioria, ser produzido por desenhistas de diversos estilos, incluindo os cartunistas. Até os anos de 1980, boa parte das equipes de publicidade eram formadas por artistas gráficos e profissionais das ideias, que pensavam e desenvolviam campanhas e propagandas. Com o advento do computador e de *softwares* de edição de imagem, o sistema tradicional desapareceu. E assim os cartunistas perderam mais um posto de trabalho. Atualmente muitos migraram para a animação, produzindo curtas e séries para a televisão e internet. Porém, a animação no Brasil ainda é um mercado em desenvolvimento e uma das grandes barreiras é o seu alto custo de produção. No

entanto, é nesse espaço que se pode encontrar alguma demanda e opções de trabalho.

A despolitização do povo, ou desculturalização, em um momento no qual se questiona a qualidade da música difundida pelos meios de comunicação, dos programas de televisão, a diminuição do hábito da leitura, colabora para a dificuldade de difusão do humor gráfico, que precisa reencontrar formas de continuar existindo e expandindo sua ação, revendo antigas formas ou inventando outras plataformas. Atualmente, o que se observa são projetos individuais restritos à internet, pela facilidade de difusão e baixo custo; porém, eles contemplam apenas uma parcela da população, sem o formato impresso. A publicação impressa ainda é necessária, pois se apresenta como uma força de autenticação da qualidade do que é criado e mantém seu consumo por muito mais tempo, atingindo um público que prefere ainda os meios tradicionais de leitura.

Determinados cartunistas conseguem sobreviver, trabalhando como *freelancer* para agências de publicidade, instituições e editoras, adaptando seu traço para as necessidades da empresa contratante. Raríssimos são os que conseguem se manter no mercado realizando trabalhos autorais, com personagens próprios. Alguns, por uma condição de trabalho e necessidade, só conseguem sustentar essa produção quando a mesma é apropriada pela grande mídia, que paga um valor de contrato, fazendo com que consigam, assim, a difusão em massa.

Logo, o espaço que o cartunista dispõe, atualmente, para a difusão independente de sua criação e crítica, é a internet. Na sequência, outra alternativa é a que se refere às publicações independentes, autoproduzidas e autofinanciadas, que não conseguem uma distribuição ampla como a das grandes mídias impressas, mas contribuem para marcar espaço e registrar o trabalho, assim caracteriza-se o “*crowdfunding*”, no qual o público adquire o trabalho artístico antecipadamente, cooperando no financiamento e na manutenção da sua produção.

O fato de vivermos um tempo de consumo de informação que privilegia a imagem, pela necessidade desenvolvida de otimização do tempo, que faz com que venhamos realizar muitas coisas simultaneamente e de forma rápida, o que parece um momento de dificuldade, pode ser uma oportunidade para captar o leitor, cuja mente funciona na lógica produtivista. Ao chegar, primeiramente, como uma imagem, o humor gráfico tem a capacidade de introjetar nesse primeiro contato, a informação, desencadeando, assim, a reflexão sobre algo que, naturalmente

passaria como mais uma informação em fluxo, algo que a maioria das mídias não conseguem mais, pois a grande quantidade e o escasso tempo não permitem que a informação seja absorvida e processada.

Nesse sentido, como alguém que está se afogando e precisa se segurar a um tronco de árvore ou a uma pedra, ao ser levado pela correnteza de um rio – o fluxo contínuo do excesso de informação, o humor gráfico pode se enganchar na curiosidade do leitor, provocar sua capacidade criativa, ao fornecer alguns dados, mas não todos, e instigá-lo, desafiando a inteligência deste, despertando sua atenção e desencadeando um processo profundo de leitura e reflexão sobre algo que passaria despercebido.

A imagem como linguagem, síntese de um conceito, oferece o humor gráfico, aliando-se à Educação Ambiental, como um disparador, permitindo, assim, com profundidade, o início de um diálogo.

É o que revela esta pesquisa. A relação de engendramento, de cooperação do humor gráfico com a Educação Ambiental como inovação, propicia a realização de trabalhos tanto com crianças quanto com jovens e adultos. Um trabalho com potencial de ação globalizada, ativando diversas frentes em todo o mundo, na realização de exposições, na produção de publicações, na reprodução em *sites* e espaços físicos independentemente do idioma, e na criação dos próprios cartuns por diversos cartunistas em diversos países do mundo, conforme ocorreu com a 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

Uma das limitações do humor gráfico apontada pelas entrevistas foi com relação à dificuldade dos deficientes visuais de interagirem com a mostra. O próprio processo de pesquisa me motivou a analisar a situação e a pensar em uma proposta. Para tanto, entendo ser necessário imaginar-se como deficiente visual, tentar se aproximar ao máximo da realidade dessa pessoa para que se consiga identificar de fato quais são as suas limitações e potencialidades. Percebi que o plano 2D, em duas dimensões, não possibilita qualquer acesso ao deficiente visual, já que uma folha em branco ou desenhada será apenas uma folha, pois ele não tem como dimensionar o que está representado ali. Em meu processo contínuo de pesquisa sobre livros infantis, encontrei alguns voltados ao público com deficiência visual; no entanto, não me pareceram adequados porque não foram produzidos pensando no deficiente visual, mas adaptados, tendo o texto transcrito na mesma página em *braille* e furando contornos do desenho para criar uma ilustração em

relevo. Tal proposta é bastante limitante, pois não explora com profundidade outra capacidade potencializada pela deficiência, que é o tato.

Como, então, fazer um cartum que seja adequado ao deficiente visual? Primeiramente, é preciso considerar e respeitar as diferenças. A adaptação de uma ideia, de um desenho ou de um objeto precisa contemplar, ao máximo, a realidade de quem irá utilizá-lo, manuseá-lo, consumi-lo. Um cartum no plano 2D, mesmo que adaptado ao *braille* não conseguiria transmitir toda a potencialidade plástica e artística, nem mesmo a ideia originária da concepção do artista. Há projetos que tentam utilizar a ferramenta auditiva, fazendo a narração em detalhes do cartum, o que pode trazer certa dificuldade de composição mental da cena, caso não seja realizada de forma a transmitir, além das informações visuais, sensações... O receptor poderá não conseguir acompanhar a velocidade da narração, o que impedirá a composição da cena em sua mente, devido à quantidade de detalhes narrados. Isso porque o universo visual não faz parte da sua realidade, impossibilitando que a imagem seja recriada na sua mente, assim como o entendimento do cartum.

O deficiente visual enxerga pelo tato. Um trabalho de cartum pensado para o deficiente visual deve ser concebido no plano 3D, em três dimensões, permitindo que a pessoa interaja não apenas com o relevo, mas com sensações que lhe possibilitem o mesmo gancho, a mesma provocação, o mesmo desafio que o cartum em 2D é capaz de despertar no leitor. Esta é a ideia: o deficiente visual precisa ler também o trabalho. Logo, a alternativa seria compor espaços com elementos voltados para tal leitura, o que poderia servir também para uma pessoa sem deficiência visual visitar o universo de quem não vê. Sendo assim, a sugestão que trago é a seguinte: desenvolver caixas com uma primeira mensagem escrita em *braille* e dentro dela ter um objeto que estabeleça a contradição, elemento básico na concepção de um cartum, com a possibilidade de utilizar também elementos sonoros. Por exemplo: para falarmos sobre a escassez da água, escrevemos a palavra “água” em *braille*, podemos colocar um som de cachoeira e dentro dessa caixa ter apenas areia. Para abordar a questão da mobilidade urbana podemos ter nesta caixa o som de muitos carros, buzina, e dentro diversos carros de brinquedo em muita quantidade, para que fiquem empilhados um sobre os outros. Ao falarmos sobre o desmatamento, poderíamos ter o som de uma floresta, incluindo no áudio o

som de motosserras, com árvores caindo, e dentro da caixa algumas galhos de árvore sobre a areia.

É bom lembrar que o humor gráfico propriamente dito não aparece nessas composições tridimensionais. O que ocorre é uma proposta de oferecer ao deficiente visual o acesso à ideia da contradição, que é a base do humor gráfico. Na exploração dessas possibilidades podem surgir composições que consigam criar situações engraçadas, como o som de um flato, ao falar do gás metano e do aquecimento global, ou a voz de pessoas interpretando a fala de animais compondo situações de humor.

Certamente há muito o que se pesquisar no campo das relações que podem ser estabelecidas entre o humor gráfico e a Educação Ambiental. No entanto, talvez seja possível responder nosso problema de pesquisa: Em que sentido e de que forma o humor gráfico, como linguagem, potencializa processos de Educação Ambiental?

O sentido encontra-se em perturbar, desacomodar, desafiar a inteligência do leitor, ao provocá-lo a entender o cartum cheio de enigmas e, a partir desse envolvimento, promover a reflexão relativa ao assunto abordado. O caminho inverso também é possível: ao desafiar alguém, mesmo sem desenvolver suas habilidades como desenhista, a produzir um cartum sobre as questões do mundo, a partir da sua própria realidade.

A forma como isso aconteceu, nesta pesquisa, deu-se a partir da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, mas outras mais podem ser desenvolvidas. Como por exemplo: o recorte e a coleção das charges em jornais para trabalho em sala de aula; utilização das exposições *on-line* dos diversos salões e festivais de humor que ocorrem pelo mundo; o desenvolvimento de material didático específico, que capacite o professor a utilizar o humor gráfico em sala de aula; o ensino da metodologia da produção de cartuns para que os estudantes possam fazer seus próprios trabalhos e promovam suas próprias exposições; a criação de blogues e jornais independentes que exponham e publiquem os cartuns criados; a pintura de murais ou grafites que exponham essas ideias pela cidade; a distribuição dos cartuns através de colagens ou “stickers” (adesivos); a produção de fanzines feitos em xerox; entre outras tantas possibilidades que ainda possam, assim, ser criadas e contribuam para essa reflexão social e ambiental, local e global.

Um ato de rebeldia expresso graficamente. Uma denúncia, uma acusação. Um pulsar elétrico entre neurônios que dispara uma ideia, um desenho, uma crítica. Essa capacidade de fazer forte o fraco, de derrotar o invencível, de dominar algo que poucas pessoas conseguem fazer e ainda colocar isso na rua. Ser inquietante, permanentemente alegre, divertido, sintonizado, porém indignado, o que permite acionar esse canal permanente de fluxo de ideias. Assim é o cartunista. Assim é o humor gráfico. Assim também pode ser a Educação Ambiental. Enfrentamento, no qual o que está em jogo não é a otimização dos lucros, mas o direito à vida.

FIGURA 41: Cartum “O pequeno príncipe”



Elaboração: Wagner Valente dos Passos, 2012.

6 REFERÊNCIAS CITADAS

ALVES, Francisco das Neves. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: FURG, 1999.

_____. **Caricatura, simbolismo e representações no Rio Grande do Sul: ensaios históricos**. Rio Grande: FURG, 2012

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL UNESP, 2010

CANINI, Renato Vinícius. **Tibica**, o defensor da ecologia. São Paulo: Formato Editorial, 2010.

CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David. *et al.* **Occupy**, movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 7-14.

CIRNE, Rita. Solidão e amizade através dos computadores. In: **Especial Caros Amigos** n. 63. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2013. p. 24-27.

CHINEM, Rivaldo. **Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet**. São Paulo: Disal, 2004.

CUNHA, Susana R. V. A importância das artes na infância. In: CUNHA, Susana R. V. (org) **As artes do universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 7-56.

DAMASCENO, Athos. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

DINELLO, Raimundo. Formación de ciudadanía: una introducción desde la pedagogía. In: **Enfoques**, revista de educación no formal. v.3. Montevideo: MEC, 2012. p. 69-80.

DORFMAN, Ariel. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011. p. 15-30.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira , 1983.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1986.

FERREIRA, Washington. Imagens da natureza do/no trabalho e o trabalho da/na natureza. In: MACHADO, Carlos R.S.; GONÇALVES, Leonardo Dorneles. **Marx e a Educação** – trabalho, natureza e conflitos. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 32-45.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus. 1990

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUAZZELLI FILHO, Eloar. **Canini e o anti-herói brasileiro: do Zé Candando ao Zé - realmente - carioca**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARTOG, Simon. **Muito além do cidadão Kane**. Reino Unido: Channel 4, 1993. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=049U7TjOjSA>>

HARVEY, David. Os rebeldes na rua: o partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David *et al.* **Occupy**, movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 57-64.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A cultura e o problema humano**. São Paulo: Cultrix, 1967.

_____. **Reflexões sobre a vida**. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM. 2011.

LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999, **sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Brasília, 1999.

MAGNO, Luciano. **História da caricatura brasileira: os percursores e a consolidação da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.

MARX, Karl. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos** / Karl Marx e Friedrich Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA. **VII PortoCartoon World Festival: Humor e Sociedade**. Porto, 2005.

PASSOS, Wagner V. SCHMIDT. Elisabeth B. **Zé Carioca por Renato Canini: uma análise a partir da óptica da educação ambiental**. In: 3º Encontro Internacional de Ciências Sociais. Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 2012. Disponível em <<http://www.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/gt4.htm>>. Acessado em 28 de outubro de 2013.

PEDROSO, Orlando. **A história do menino que queria desenhar com o mouse.** publicado em <http://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2013/10/03/a-historia-do-menino-que-queria-desenhar-com-o-mouse/> acessado em 05/10/2013 às 22h40.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PRONEA. **Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Educação, 2003.

QUADROS, Imara. SATO, Michèle. OLIVEIRA, Herman. BELÉM, Ivan. Arte-educação-ambiental. In: SATO, M. GOMES, G. SILVA, R. **Escola, Comunidade e Educação Ambiental: reinventando sonhos, construindo esperanças.** Cuiabá: Gráfica Print, 2013. p. 58-72.

Recenseamento do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874. Acessado em http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=225477 em 07/08/2013.

SANTIAGO. **Retrosκόpio: 40 anos da história recente vistos pela charge.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

SANTOS, Caio F. ARAÚJO, Claudionor F. PASSOS, Wagner V. MACHADO, Carlos RS. Conflitos no centro da educação ambiental. In: MACHADO, Carlos R.S. *et al.* **Conflitos Ambientais e Urbanos: debates, lutas e desafios.** Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 245-274.

SATO, Michèle. CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental, pesquisa e desafios.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. Clusters da Educação Ambiental: do eu isolado ao nós coletivo. In: SATO, M. GOMES, G. SILVA, R. **Escola, Comunidade e Educação Ambiental: reinventando sonhos, construindo esperanças.** Cuiabá: Gráfica Print, 2013. p. 15-29

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel C. M. **Educação ambiental: pesquisa e desafios.** Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.

SOUSA, Oswaldo M. **O cartoon e o início do séc. XXI.** Amadora: Câmara Municipal de Amadora, 2006.

TORALLES, Marília Andrade, PINTO, Joaquim Ramos. Entrevista com Pablo Ángel Meira Carrea. In: **Ambiente & Educação**, v.13, Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2008. p. 53-66.

URBAN, Teresa. CALDAS. Guilherme. **1968 ditadura abaixo.** Curitiba: Arte & Letra, 2008.

VASQUES, Edgar. **Rango 1.** Porto Alegre: L&PM, 1974.

_____; UBERTI, Fernando. **O Cartum no 1º Fórum Social Mundial.** Porto Alegre: Corag, 2001.

_____. **Rango 35 anos.** Porto Alegre: L&PM, 2005.

7 REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ANDRADE, Carlos. ALEXANDRE, Silvio. **Prática de escrita: histórias em quadrinhos**. São Paulo: Labmind Editora, Terracota, 2008.

BARBIERI, José Carlos. **Educação ambiental na formação do administrador**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **Arte da animação – técnica e estética através da história**. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2005.

BARCIA, Maria Laura Barcia (org.). **Hacia una pedagogia de la educación ambiental**. Montevideo: MEC, 2010.

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BIER, Augusto F. **O desenho de humor no resgate da identidade cultural análise de personagens étnicos em um semanário gaúcho**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3536>

BORGES, Armando Coelho. et al. **QI 14**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

CANINI, Renato Vinícius. **Mestres Disney**. São Paulo: Editora Abril, 2005.

_____. **Pago pra ver**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2012.

EISNER, Will. **O Edifício**. São Paulo: Editora Abril, 1989.

_____. **No coração da tempestade**. São Paulo: Editora Abril, 1996.

_____. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Fagin, o judeu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FARTHING, Stephen. **501 grandes artistas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GÊNIOS DA PINTURA. **Impressionistas: Manet, Renoir, Degas e Toulouse-Lautrec**. Milão: Gruppo Editoriale Fabri, 1995.

GERBASE, Carlos. **Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2009.

KOTLER, Philip. **Princípios de marketing**. 9. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

LINIERS. **Macanudo**. Campinas: Zarabatana Books, 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. et al. **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCENARO, Rodolfo. **Manifesto Comunista – quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MARX, Karl. **O leitor de Marx**. José Paulo Netto (org.). Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2012.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MÁUCIO. **Os quadrinhos de humor**. In: Gargantilha, cartilha de quadrinhos de humor. Santa Maria: Secretaria da Cultura de Santa Maria, 1998.

MAX. MIR. **O capital – quadrinhos**. São Paulo: Proposta Editorial, 1979.

NEVES, Eugênio de Faria. BIERHALS, Leandro (org.). **Edição de risco: coletânea cartuns, charges, quadrinhos, caricaturas e ilustrações**. Porto Alegre: GRAFAR, 2005.

PATATI, Carlos. BRAGA, Fávio. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PÁTIO BRASIL SHOPPING, **2º Salão internacional Pátio Brasil de humor sobre o meio ambiente: poluição urbana**. Brasília, 2009.

_____. **5º Salão internacional Pátio Brasil de humor sobre o meio ambiente: o futuro da água**. Brasília, 2012.

PRINKLADNICKI, Fábio. **O grande Canini**. In: Aplauso, cultura em revista. Nº 71. Porto Alegre: Via Design, 2005. (42-47)

RAMOS, Paulo. **Bienvenido: um passeio pelos quadrinhos argentinos**. Campinas: Zarabatana Books, 2010.

SANDRI, Tammie C.F. **Manifestações caricaturais em jornais: estratégias do discurso visual na imprensa rio-grandina do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

_____. **Contato sobre termos do humor gráfico.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <wagnerpassos@vagaodohumor.com> em 16 de outubro de 2013.

SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA – SÃO PAULO. **Arquivo em imagens nº 3.** Série Última Hora – Ilustrações. São Paulo, 1999.

SPIEGELMAN, Art. **Maus:** a história de um sobrevivente. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA. **V PortoCartoon World Festival:** Água com humor. Porto, 2003.

WACHOWSKI, Andy. WACHOWSKI, Larry. **The Matrix** - Comics. Barueri: Panini, 2009.

APENDICE 1

Regulamento da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental

Regulation in English: <http://cpeasul.blogspot.com.br/2012/08/1st-international-humor-exhibition.html>

Reglamento en español: <http://cpeasul.blogspot.com.br/2012/07/1-muestra-internacional-de-humor-sobre.html>

O Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, juntamente com o V CPEASUL - Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul e IV EDEA - Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, convida cartunistas do Brasil e de outros países a participarem do 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental, a realizar-se na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, de 25 a 29 de Setembro de 2012.

O que é Educação Ambiental?

Segundo a Lei 9.795/99, que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, em seu artigo 1ª, "entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade".

O que é Meio Ambiente?

O conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.

Quais os princípios básicos da Educação Ambiental?

- I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Quais os objetivos fundamentais da Educação Ambiental?

- I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;
- II - a garantia de democratização das informações ambientais;

III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

V - o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;

VI - o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia;

VII - o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

1 - Datas:

- Inscrições: até o dia 15 de Setembro
- Seleção: de 18 a 20 de Setembro
- Divulgação dos 100 trabalhos selecionados para a mostra oficial: dia 21 de Setembro
- Premiação: dia 25 de Setembro
- Encerramento da Mostra: Dia 29 de Setembro

2 - Participação:

- Cartunistas profissionais e amadores podem inscrever até 3(três) trabalhos na categoria Cartum em temáticas diversas que envolvam a Educação Ambiental (sustentabilidade, mobilidade urbana, saúde, preservação da natureza, agroecologia, reciclagem, justiça social, diversidade, entre outros)
- Os trabalhos não precisam ser inéditos, o objetivo da mostra é o de proporcionar um espaço de debate sobre Educação Ambiental, através do Humor Gráfico entre professores, estudantes, pesquisadores, cartunistas e a comunidade.
- Ao inscrever os trabalhos o cartunista concorda em ceder gratuitamente o direito de uso sobre as obras para trabalhos em Educação Ambiental e exposições itinerantes que possuam caráter educacional.
- Todos os trabalhos inscritos serão apresentados no Blog do V CPEASUL - Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul e IV EDEA - Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental <http://cpeasul.blogspot.com.br>, informando o título do trabalho, nome artístico, site, cidade e país do participante.
- Os 100 trabalhos selecionados irão compor a mostra oficial que será apresentada no saguão do auditório CIDECSul - Centro Integrado de Desenvolvimento do Ecossistema Costeiro e Oceânico, no Campus Carreiros da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, onde ocorrerá o V CEPASUL e IV EDEA, reunindo pesquisadores, estudantes e comunidades do Sul do Brasil e Uruguai.
- Todos os inscritos receberão certificado de participação.
- Todos os trabalhos farão parte dos anais do V CPEASUL e IV EDEA.

3 - Inscrição:

- Os trabalhos serão recebidos através do e-mail humoreducacaoambiental@gmail.com
- Os cartuns deverão estar no formato JPEG, tamanho A3 (42x30cm) e estarem em 300dpi.

- Os três trabalhos deverão estar anexados no mesmo e-mail, no qual a organização da mostra se responsabiliza em confirmar o recebimento.
- No corpo do e-mail deverá estar as seguintes informações sobre os trabalhos:

Nome Completo:

Nome Artístico:

Endereço:

CEP:

Cidade:

Estado:

País:

Telefone:

E-mail:

Site:

Trabalhos Inscritos:

1 - Nome do Arquivo: Título do Cartum:

2 - Nome do Arquivo: Título do Cartum:

3 - Nome do Arquivo: Título do Cartum:

APÊNDICE 2

DVD com todos os 142 cartuns que fizeram parte da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

Disponível também no link:

< <http://cpeasul.blogspot.com.br/p/1-mostra-de-humor-sobre-educacao.html> >
acessado em 28 de outubro de 2013.


APÊNDICE 3

Impressões dos visitantes da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental durante o V CPEASUL e IV EDEA

1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental – PPGA – FURG

Data	Nome	E-mail	Registre aqui sua impressão sobre a mostra.
25/09/12	Caio Floriano dos Santos	caio.floriano@ufz100.com.br	→ Muito boa a apresentação e exposição → Realmente apresenta to do a complexidade da Sociedade e Ambiental
25/09/12	Carlos Guilherme Molins		Muito diversificada e educativa.
25/09/12	Patrícia Oliveira	patricia-ufpel@hotmail.com	INCRÍVEL! MUITO CRIATIVO!
25/09/12	Julio Cesar Machado	juliocezaromachado@gmail.com	Fundamental essa abordagem dentro da E.A. Mostrando também a crítica através do humor
25/09/12	Keber Gulub de L.		DIVERSA / CRIATIVA / INTERNACIONAL...
25/09	Jaque Carillo	jaque.carillo@gmail.com	ótimo!
25/09	Sabrina Freitas	sabrinafreitas@gmail.com	Fantástica!
25/09	Dayse Klea Soares	daysevilasoaes@yahoo.com.br	Magnífico, tanto os autores que a ideia de que seja humor. Parabéns e obrigado pela iniciativa
25/09	Cláudia Aguiar de Lima	claudia@fime.br	
25/09	Javier Garcia Lopez	Javier.garcia.lopez@terra.com.br	

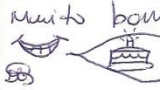


1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental – PPGEA – FURG

Data	Nome	E-mail	Registre aqui sua impressão sobre a mostra.
25/09	Alexandre Fecsp	C.Cpa.2008@hotmail.com	Carman #154
25/09	Luiza Bretanha	luizabretanha@hotmail.com	Genial!
25/09	Solano Ferreira	Solano fr k7@hotmail.com	Expêndias... Fada da com interessante, nos apresenta, reflexões e proble matizações ur gentes.
25/09	Luciana Vega	vegaluciana@hotmail.com	
26/09	Fabiane F. de Fonseca	fabianedafonseca@hotmail.com	Muito legal, se mostra um perfeito instrumento da EA.
26/09	Ricardo Freitas		Parsons Pensamentos! Pensamentos organizados Wasson!
26/9	Márcia Aparecida O. Hinsching.	marci@uol.com.br	Dout.  Muito inovadora a ideia e material lizado. Parabéns a equipe. É um portante divulgar nos meios de EA especialmente

1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental – PPGEA – FURG

Data	Nome	E-mail	Registre aqui sua impressão sobre a mostra.
26/09/12	Risella C. Bianchi	psi-biob3@yahoo.com.br	
26/09/12	Paulo Gomes	paulogomes@furg.br	Otimo!
26/09/12	Uma Karina S.	carinasat@hotmail.com	Muito bom!
26/09/12	Anderson C. Almeida	sandrusmckristian@gmail.com	Ótimo!
26/09/12	Tânia do Raposo da Moura	tan-moura@yahoo.com	Bom.
26/09/12	Sonia Bone Pontes	HOAUA.PAVOIA@hotmail.com	Adorei!
26/09/12	Juliana Adriano	ju.a.sociologia@gmail.com	Ótimo
26/09/12	Guilherme Farias	GUMAFS@LIVE.COM	☺
26/09/2012	Filipi Vieira Almouin	Filipi_almouin@yahoo.com.br	"A arte é a
26/09/12	Isabella Machado	lelelteresa@hotmail.com	expressão da interioridade
26/09/12	Rafaela Botelho Araújo	rafa.ag-1@hotmail.com	com Absoluta" (Hermann).
26/09	Pierre Vasconcelles K.	PierreVK11@hotmail.com	impressionante.
26/09	Pedro Nono Felgar Guterres		Muito bom!
26/09	Luciani W. Beiersdorff	lu-wienke@hotmail.com	Ótimo
26/09	Ana Luiza Kall	anunhaluizak@gmail.com	Muito criativa!!
26/09	Sandra Sardi	Sandra.Sardi@brturbo.com.br	Ótimo
26/09	Sandra Lee	garfieldlee2007@yahoo.com.br	→ maravilhoso!
26/09	Queleda Maria	Sicelda_maria@yahoo.com.br	Ótimo. Sem nacional! Levem pescadas.
26/09	Tamiris Maria Alves	tamirismariafe@hotmail.com	maravilhosa!!!
26/09	AUTO UNO OPENRA	FOENIA@UNOOPENRA.DZ	ótimo - parados.
26/09	Jefferson M. Sanchez	Jeffhot@hotmail.com	ótimo
26/09	CINTIA PBARENHO	CINTIA.PBARENHO@GMAIL.COM	ótimo! Tri
26/09	Indaia Dutra	indaia.md@gmail.com	MAGNÍFICA!!
26/09	Carolina Azevedo	carol@live.com	Ótimo excelente
26/09	Andressa Volt		Muito Bom!
26/09	Giulie Cassia Sampaio	giuliecasia@yolox.com.br	Um trabalho fantástico por todos

1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental – PPGEA – FURG

Data	Nome	E-mail	Registre aqui sua impressão sobre a mostra.
26/09	Lucas da Silva	lucasnatham@hotmail.com	Show dos meus
26/09	Andressa A. Rompp	dessarzaawr@hotmail.com	Da hora * - *
26/09	Bruna Moraes	Brunamoraes@hotmail.com	Baa.
26/09	Vitoria Alulider	Vitoria-romante2009@hotmail.com	Tru irado!
26/09	Rana de Oliveira	lanalame@hotmail.com	Interessante.
26/09	Carina Franca	carinamalmeida@ig.com.br	Muito criativo!
26/09	Anderson Magalhães	Anderson.Magalhaes34@gmail.com	Parabéns!!
26/09	Karl F. Koerner	KARLKOERNER@GMAIL.COM	INTERACIONALÍSSIMA!!
26/09	Cleora Fereira	sitiotalisua@	HUMOR - ALGORITMO
27/09	Leidiana M. Costa	leidiamecosta@gmail.com	Parabéns!
27/09	Caroline D. Bilhalva	leidiana.mcd@hotmail.com	MUITO SHOW! "Adorei"
27/09	Joni Silveira		MARAVILHOSA!
27/09	Fátima E. Maria	fatimaelizabeth@yahoo.com.br	(Maravilhosa!)
27/09	Anne Kassiadou Menezes	annekmenezes@hotmail.com	Bela iniciativa! PARABÉNS
27/09	Juiane F. Machado	jc.n.machado@gmail.com	Muito interessante e inteligente!
27/09	Horde Lobo	contato@lordelobo.com.br	Ótima!!!
27/09	Vinícius Becker	v.nyh@hotmail.com	Muito bom!!!
27/09	Daniel Santos	danycais@detmail.com	
27/09	Alberto Evangelista F. Pereira	fpereira_28@ig.com.br	
28/09	Carina E. Her		Criativo!
28/09	Lara Conceição		
28/09	Guilherme A. M		
28/09	Fátima Rebelo	fatimarebelo@ig.com.br	Muito bom!

1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental – PPGA – FURG

Data	Nome	E-mail	Registre aqui sua impressão sobre a mostra.
28/09/2012	Raquel Alves Pereira, Anilvi	raquelavila111@gmail.com	Linda, muito interessante e relevante para a Ed. Ambiental. Parabéns!
28/09/2012	Sônia André Lara de Oliveira	sonia.cav@hotmai.com	Muito interessante, criativa. Uma ótima iniciativa!
28/09/12	Joaquim Ribeiro	joaquim.oceano@gmail.com	Ótima e criativa ideia!
28/9/12	Karine Ferreira Sanchez	yunios.Amorim2010@hotmail.com	Genial!
28/9/12	Cristiano V. Amorim Jr.		Incrível!
28/09/12	Julia Karina Witt	julianwitt@bol.com.br	Wagner, parabéns! Ficou muito legal!!! ☺

APÊNDICE 4

Entrevistas com pesquisadores educadores ambientais do Brasil e do Uruguai durante o V CPEASUL e IV EDEA, que interagiram com os cartuns da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental.

1- O que achou da mostra?

Michèle Sato: Primeiro quero parabenizar o evento, a organização, a divulgação, mas essencialmente quero parabenizar a inovação em trazer a arte pelo bom humor, que eu acho que é essencial. O educador ambiental trabalha com muita tragédia, com muitos problemas, com muitos conflitos. E suavizar a dor do planeta, com a arte, com o humor, para mim parece essencial. Eu não lembro de ter visto nenhum encontro da Educação Ambiental que trouxesse essa dimensão do cartum, do bom humor. Então eu acho que é inovador. É uma coisa que você... inédita, muito caprichada e pelo profissional que você também é Wagner. Acho que você fez com carinho, com dedicação. A gente vai no blog e no teu blog pessoal também, fui lá outro dia visitar. Então não é um profissional amador, muito pelo contrário, é um profissional que já tem uma trajetória e portanto revela toda expressão e a coisa dentro desse contexto e que precisa divulgar mais. A gente precisa inovar as estruturas, porque ficar na mesmice é que não dá. Então eu acho que isso é importante.

Maria Ludetana Araujo: É uma novidade, é inovador. Ainda mais que você demonstra para as crianças por uma linguagem que qualquer pessoa compreende. O cartum é importante na medida que você olha e você compreende, você entende, você entra. Para mim essa mensagem eu achei interessante e acredito que as questões ambientais precisam usar de todas as linguagens para poder se expressar. Na medida que aquela linguagem pode fazer alguém tomar outras decisões, demonstrar outras atitudes, se perceber enquanto também ser do meio ambiente, eu acho que é válido. Então quero parabenizar. Pela primeira vez alguém pensou em fazer cartuns não só de outros temas, mas trabalhar as questões ambientais do dia a dia, que são problemas, que são potencialidades, o que são saídas, que são soluções, que você trabalhou nas imagens e isso faz com que a gente se sinta parte dela.

Tania Mara: O que estou observando é ótimo. Porque chama bem a atenção do meio ambiente, dos problemas. Ainda que na linguagem infantil eles estão vendo, porque a gente trabalha muito em sala de aula com eles. Se fala bastante sobre

meio ambiente por que eles observam, que depende da gente muitas coisas que estão acontecendo. É na idade que eles estão que a gente tem que começar a ir trabalhando, mostrando para eles quanto que depende de nós para a gente ter mais qualidade de vida.

Antonio Fernando Silveira Guerra: Eu achei uma iniciativa espetacular que mostra um pouco até do que a gente a muito tempo vem discutindo na Educação Ambiental, uma herança dos trabalhos da Louise Souvé, que o Marcos Reigota também tem nos chamado a atenção. Primeira coisa que o educação ambiental tem que fazer é levantar a representação de meio ambiente que as pessoas têm. Então eu acho que esses trabalhos expressam mais do que mil livros, do que mil teses, a importância que tem que o outro tem sobre a problemática ambiental. Eu tenho resumido hoje a minha noção de Sustentabilidade, como a Michèle falou ontem, contando a historinha do guerreiro gaulês, de que lado nós estamos? Nem sempre está claro para o outro, para o empresário, para o cidadão que aquilo é um problema ambiental. Então, quem vive lá dos resíduos, aquilo não é problema, para ele é solução, ele vai tirar o sustento dele lá. Então, nós educadores ambientais não podemos ser arrogantes e dizer que: não, eles não têm consciência dos problemas. Essas representações, esses desenhos são fundamentais porque vê como artistas e também, como pessoas comuns, crianças, jovens, no mundo inteiro estão vendo essa questão ambiental. Que realmente, não é aquela dicotomia ser humano e meio ambiente, mas que nós somos o problema e também podemos ser a solução. Eu comentava contigo uma das charges sobre a monocultura. Eu que sou paranaense, a Mara, minha esposa, que é paulista, dá uma tristeza quando a gente viaja e passa pelo interior de São Paulo e Paraná e vê aquelas terras roxas, são solos riquíssimos, substituídos por monoculturas. Nós estamos dando prioridade para a produção de combustível e deixando de produzir alimento para o mundo que precisa de alimento. Então é fundamental esse trabalho, porque hoje nós estamos em uma sociedade de conhecimento que a imagem é muito... então isso deve ser socializado pela internet, pelos blogs, pelos facebook, que também é um ferramenta de Educação Ambiental, de sensibilização para essa problemática. Porque não podemos continuar sendo cegos a essas questões. Estão aí, estão no imaginário, estão no real e em cada um desses desenhos. Parabéns aí para os organizadores. Foi uma iniciativa espetacular essa mostra internacional e que ela continue.

Fátima Elizabeti Marcomin: Quando eu vi no blog as informações preliminares da Mostra Internacional, eu achei uma ideia extraordinária. Me encantou no primeiro momento que eu vi, sabe. Porque eu imaginei: “Nossa, 1ª Mostra Internacional!” É uma responsabilidade muito grande! : “Nossa, 1ª Mostra Internacional, que coisa mais linda isso!” E aí tinha no blog alguns desses cartuns. E eu vi e fiquei muito impressionada pela qualidade do material. Primeiro lugar me chamou atenção a iniciativa, lógico. Que é uma iniciativa louvável, eu não tinha tido ainda a oportunidade de estar em um evento que congregasse tantos cartuns e com um nível tão elevado. Isso me chamou muito a atenção. Uma outra questão que me chamou a atenção: quando se fala em “internacional”, “evento internacional”, ou “mostra internacional”, as vezes a tendência é, as vezes a intenção é se fazer um evento internacional, mas as vezes ele acaba não acontecendo, acaba ficando circunscrito àquele país, ou àquela região, ou àquele estado. E uma coisa, isso é a questão das redes. Fica nítido aqui a importância do papel das redes. Tu vês representantes do Egito, da Checoslováquia, da Rússia, países que tu não imaginas que viessem a participar de um processo desses, participando. Então a característica de internacionalização para mim ficou muito nítida e fiquei muito surpresa de ver pessoas de países tão inusitados para este evento, participando dele com o cartum. Achei fantástico! Uma iniciativa fantástica! Está de parabéns viu Wagner!

Victor Leteo Bacchetta: A primeira impressão que causa para mim essa mostra é ver como há uma consciência mundial sobre o problema ambiental. Interessante ver como você olha o país de onde vem o desenho e você fica impressionando porque mesmo tão longe de nossa realidade eles tem as mesmas preocupações que a gente tem. Isso é uma coisa que acho que impacta, é a globalização da consciência ambiental. Mais uma coisa é, a imagem é muito forte. Então, sendo cartunista, tem uma profissionalização da síntese. A imagem é uma síntese de um conceito. Então isso é muito didático, pega ao ser observado.

Jose Vicente Freitas: Cara, nós vamos publicar esse material aí. Isso é novidade! Educação Ambiental tá correndo um sério risco. Ela não está se renovando no campo conceitual. Já faz quase 20 anos que ela está se repetindo. As dissertações ficam dando volta em circulo. E tem dois ou três campos que são os campos propícios que ela tem que buscar, se oxigenar. Um deles é o campo que a Michèle trouxe na fala dela, que é o campo dos Direitos Humanos. E outro campo aí

que a Educação Ambiental ainda não fez valer o que está escrito no Tratado de Educação Ambiental e muito menos o que está na política, que é o campo da Arte. Esse diálogo com a Arte como processo de renovação. Então estou te dizendo: isso é novo! Antes de ver aqui fisicamente eu vi pela internet. Não só eu manuseei os materiais todos que foram produzidos, mas distribuí para todas as minhas listas. Uma coisa muito legal, porque a arte, o cartum, trabalha com uma questão que está no cerne da EA que a gente passou a dar conta. A gente fala muito sobre sustentabilidade. Fala muito no modelo de sociedade que possa estar estruturado no conceito de sustentabilidade. Não existe nenhum modelo sustentável em canto nenhum. A cultura que fundamenta a sociedade contemporânea é a cultura capitalista. A relação capital x trabalho gera tudo que está embaixo dessa estrutura. Inclusive na cultura, tudo. Agora se a gente fala no modelo civilizatório baseado na Sustentabilidade, o que estamos fazendo é tentar gerar os fundamentos dessa sociedade que se quer sustentável. Mas ela não existe. Se ela não existe, nós temos que exercitar para poder consolidá-la ou criá-la nosso poder de criatividade, e de inventividade de gerar o novo. E quem te oferece essa experiência? É o campo da Arte. Porque antes de você produzir uma escultura, uma tela, uma pintura, o que for, você concebe na sua cabeça, ela é uma ideia. E aí ela sai do campo das ideias e se torna alguma coisa concreta: o cartum, uma pintura, uma escultura. Então, a Arte tem a ensinar isso para a gente. Nós temos que exercitar essa relação com a constituição da sociedade sustentável, por aquilo que a arte tem a nos oferecer. Esse poder da inventividade, de gerar o novo, o inusitado. Por isso eu achei o teu trabalho, a exposição, maravilhosa. Inova! Inova! Vou te dar um exemplo, vou te pedir para que faça esse exercício, já que estás nesse processo de elaboração da tua dissertação. Correto. Tem uma revista que você encontra aqui na universidade que se chama “Tempo Social”, é uma revista da Pós-Graduação da Sociologia da USP. Uma revista maneira. Se tem alguma coisa de novo na área da Sociologia, consulta essa revista que vais encontrar novidade ali. Aí se você for lá na coleção e for manusear os exemplar da coleção vai procurar lá – porque não me lembro mais qual é o volume – vai ter um artigo lá que é um “Artigo Imagético sobre a Violência”. Aí tu vai lá na página do artigo e não tem uma palavra. É um debate sobre a violência só com imagens. Eu não tinha visto isso ainda em nenhum canto: é um debate sobre a violência ao longo da história da humanidade. Forte, não precisa de palavras e nem argumentos. Você explica sobre aquilo que está posto ali. Eu até

discuti isso com a Michèle: vamos fazer uma discussão da Educação Ambiental só com imagens? Aí tem um cartunista, um artista plástico uruguaio que foi meu guru, que produziu muito desses materiais, vou usar alguma coisa dele. Pensei em pegar algumas coisas, pensei pegar e fazer uma mistura entre imagens e poesias, fazer um debate com Educação Ambiental nessa relação. Onde a imagem e dentro está o espaço. E aí você chega com essa exposição cara e até te diria mais. Nós ainda somos muito tímidos na forma em que gente expressa a produção de conhecimento. Porque você fala em mestrado, você pensa em dissertação. Porque você fala em doutorado, você pensa em tese. São aqueles textos... Agora, já tem gente por aí apresentando seu texto dissertativo e sua tese, de outras formas. Na forma de uma peça de teatro, na forma de uma exposição. Por que não fazer uma dissertação aonde a imagem é a base dos argumentos. Onde que diz que tem que ser palavras? Não está convencionalizado em lugar nenhum. Agora, tu que é da área, tens que usar a linguagem que tu domina a teu favor. Por que então não usar essa inovação. Tu já pensou nisso? Respondendo a tua pergunta: É novo. Argumentos fortes que a palavra não dá conta de expressar. Você vê que independente do canto do mundo, de onde vem uma proposta dessa, é que estamos falando a mesma linguagem, trabalhamos os mesmos argumentos. Isso é muito forte. Muito legal. Isso, sem medo de errar. Eu não tenho medo que alguém me critique. Se tem alguma coisa nova que apareceu no PPGA é esse trabalho.

Maria Laura Barcia Rivera Já estou vendo as imagens, que são provocadoras, humor negro, ironia, e outras muito divertidas. Primeiro me encantou a diversidade de estilos de mensagens. Seria interessante ver que proposta de EA de cada artista. Está o problema extrativista, está o problema de relação de homem x homem e homem x natureza. Esta que se preocupa com o dramático e o apocalíptico da EA. Esta muito interessante por estar muitos países, distintos diálogos. É um disparador excelente. Como um trabalho que te permite ter essa parte. Super interessante fazer a análise sobre as distintas imagens.

Isabel Cristina de Moura Carvalho: Eu gostei muito eu achei muito criativo. Eu entrei na mostra, olhei os desenhos, baixei alguns. Primeiro me surpreendeu a quantidade de trabalhos que vocês conseguiram reunir, o interesse e a diversidade dos lugares e das pessoas que mandaram esses trabalhos. Incrível como de fato a internet e a posição de vocês nessa rede foi algo interessante que proporcionou uma mostra diversificada, muito grande com desenhos de muita qualidade. Não dá para

ver tudo, mas gostei muito,. A ideia é muito legal. Vocês permitem que pessoas que estão bem distantes daqui possam participar do evento e interagir nesse evento sem estar aqui e de alguma maneira estabelecem esse compartilhamento.

2- Qual a sua impressão sobre cartunistas de diferentes partes do mundo se envolverem e desenharem sobre o tema Educação Ambiental?

Michèle Sato: Então, acho que essa é outra perspectiva bonita, não só para vocês aqui da FURG enquanto organizadores, mas também para as pessoas que estão participando. Já pensou um cara da Turquia: “ - Pô, tive meu trabalho apresentado no Brasil.” Então para ele também é extremamente significativo e importante. E hoje no mundo da comunicação você ter esse diálogo internacional é muito importante, é muito essencial. E até você vê que os problemas são parecidos. Eu fiquei olhando se teria alguma diferença entre os internacionais e os nacionais, essa passeada aqui da exposição. Você vê que os problemas são muito parecidos. A questão do lixo aparece com muita frequência, a questão do desmatamento, de corte da árvore. Então não estamos sozinhos, este também é um caminho de coletivização que a gente deveria pensar mais em trabalhos coletivos, em cooperações bilaterais, multilaterais, para a gente pensar muito nessa questão planetária.

Maria Ludetana Araujo: Significa que a dimensão ambiental está inclusa na vida de todas as pessoas. Provavelmente está faltando ação. Talvez não possam falar na linguagem de intervenção do problema, mas podem expressar através do desenho o desejo que ele tinha de resolver a situação, de demonstrar o que está acontecendo no planeta. São várias linguagens, são vários países, mas nós compreendemos que através da imagem que é criada sobre um tema ambiental, as pessoas começam a entender melhor o que está acontecendo. Não é um privilégio só nosso, os problemas são locais e, enquanto locais eles são também globais. Então a gente começa a se inserir e não se sentir perdido no espaço. Ou seja, outros estão vivenciando isto e nós precisamos ter um coletivo de pessoas que queiram ajudar a resolver a situação.

Tania Mara: Que a preocupação é mundial. Eu acho bem bacana o que mostra essa exposição. Que a sociedade viesse observar e participar desse evento.

Tu vê os países, as diversas bandeiras que estão aqui. Trabalhos lindos mesmo. Até mesmo do Brasil, todos os estados estão.

Antonio Fernando Silveira Guerra: A gente vê que a questão ambiental não se restringe, felizmente, mais ao pessoal da Educação e Meio Ambiente. Outras áreas do conhecimento também estão muito preocupadas com isso e o chargista, o artista, ele está retratando também uma ansiedade da sociedade. Então, a partir do momento, e nos vimos também nas palestras, não é só no Brasil, no Uruguai também, a pouca formação de jornalistas e do pessoal de marketing para a Educação Ambiental e para as questões ambientais. Então, quando eles começam a voltar o trabalhos deles e não apenas aqueles tradicionais, Millôr, Maurício de Sousa, que foram, podemos dizer, os percursores de trazerem as cores da natureza brasileira e as questões ambientais. Então é fundamental para auxiliar nessa mudança de pensamento, de paradigma. Um novo mundo é possível, se a gente causou esses problemas todos, nós também temos condição e a responsabilidade de modifica-lo. E nada melhor do que a imagem para isso.

Fátima Elizabeti Marcomin: Eu estava vendo ontem e hoje quero dar mais uma olhada em todos eles. Porque ontem eu vi um aparte e anteontem uma outra parte. E eu não fiz ainda esse tur de passar por todos eles no mesmo horário, então eu tenho uma impressão fragmentada do trabalho. Mas o que me chamou atenção, e acho que seria muito interessante investigar isso, não sei se tu vai investigar, mas eu acho que seria importante investigar: como é que cada país, ou cada representante de cada país expressa essa concepção de meio ambiente, de natureza. É uma visão catastrofista ou naturalista? É uma visão antropocentrista ou uma visão conservacionista? Começar a perceber isso é interessante. Uma outra coisa que me chamou a atenção é que tem cartuns de países diferentes, com mais ou menos o mesmo princípio ideológico. Então, por exemplo, é o machado e uma árvore, com formações diferentes, distintas, mas os dois são objetos do motivo do cartum. Então, o que que retratam esses países? Eles retratam recursos escassos? Eles estão retratando uma perda da qualidade de vida humana? Eles estão retratando uma pedaço da qualidade de vida do ambiente? O que esses países estão retratando e outra questão que me chamou atenção é a questão do recurso. Tem muita coisa envolvendo o recurso, desmatamento, muita coisa envolvendo recurso água. Tem um cartum do Egito por exemplo, onde o avião ou helicóptero derrama uma gotinha d'água e o indivíduo fica embaixo tentando pegar. Olha o grau

de humilhação do ser humano de ter que pegar uma gota d'água. O quê que isso significa em um contexto de um país como o Egito. Então tem coisas muito interessantes para serem interpretadas. A questão da cor, o quê que predomina nessa representação? É o mais colorido? É o preto e branco? É uma linguagem mais objetiva, mais direta? É uma linguagem mais surrealista? O quê que predomina? Então eu acho que tem muitas leituras distintas. Eu acho que essa arte de cartunistas de vários países, ela é muito rica, inclusive, por isso. Porque ela representa, em alguns casos, certas tendências de falar certas coisas, mas em outros aspectos também uma particularidade: qual é a particularidade daquele cartunista daquele país? O quê que ele está querendo chamar atenção para o mundo? Para que o recurso? Para que visão? É uma visão naturalista? É uma visão antropocentrista? Para que visão? Acho que isso é bem interessante de se investigar.

Victor Leteo Bacchetta: Parte dessa globalização da consciência, da humanidade, ou seja, hoje na verdade, eu acho que com as comunicações as pessoas conscientes não estão olhando se uma grande cidade ou se é uma cidade muito conhecida, o que interessa é o intercambio, parte da solidariedade humana. Então, eu acho que se expressa isso.

Jose Vicente Freitas: O motivo desse êxito todo não é o PPGEA, não é a FURG, não é Rio Grande. Mesmo que fosse lá na USP, não seria da USP, ou do Programa de Pós-Graduação, mas é do protagonismo. Vou te dizer porque: Nós fizemos uma pesquisa qualitativa, há três anos atrás, em Brasília, para saber de que forma a Agenda 21 estava impactando as políticas públicas atuais. Nós estudamos 174 processos de Agenda 21, um por um, qualitativamente. E aí descobrimos que muitos processos desses 174 foram motivados por instituições, por prefeituras, por ONGs, mas os casos mais exitosos dependeram do protagonismo de alguém. Então o sucesso é em função do protagonismo. Quem é que puxou essa ideia? Quem colocou a ideia na rua? Então se você estivesse em São Paulo ou em outro canto, o que continuaria contando era o protagonismo. Acho que isso é uma coisa importante. Então o que pode gerar novidade, pode representar uma inflexão, ou um avanço. É o protagonismo que as pessoas se propõem a fazer. Tu quer ver um exemplo: as universidades do país todo nunca cresceram tanto quanto nos últimos 5 anos. Em estrutura, em número de cursos, em número de professores, em número de alunos. Mas essa mudança e esse crescimento todo, vou te fazer uma

pergunta: O que tem de novo? Porque o novo depende do protagonismo. Porque ou uma pessoa ou um grupo de pessoas que puxam, que trazem essa ideia, que as vezes enfrentam a resistência, mas cara, isso é patente. Eu acho que o êxito, por ter sido aqui na FURG, por ter sido em Rio Grande, tem a ver com um protagonismo, eu estou sendo bem sincero contigo, entendeu. Não é do conjunto do PPGEA, não é do conjunto da FURG, por conta ... é pelo protagonismo que tem nesses processos.

Maria Laura Barcia Rivera: Me chamou a atenção da diversidade e que se puseram em contato contigo, isso me parece resultado da globalização. E por outro lado que a sensibilidade e a problemática não tem fronteiras. Me chamou atenção a bandeira. A mensagem do cartum é universal, assim como a música. O estilo de caricatura é tão diverso e interessante porque são caricaturista profissionais. Há uma dimensão que tem que se dar conta, a maneira como os meios de comunicação, como a visualização da problemática ambiental que não está encarada. Como mostramos o problema ambiental? Sempre são trabalhos catastróficos. Como aparece nos meios? Enfim, desenhos, vídeos, não estão funcionando. Então, recuperar com o humor uma maneira de abordar a temática, recuperar a inocência do encontro com a natureza. Foi impressionante como construção de um projeto global e de responsabilidade profissional de quem está trabalhando com a caricatura, porque está assumindo o papel de denuncia.

Isabel Cristina de Moura Carvalho: Eu acho bárbaro porque vocês estão de alguma maneira estão mexendo com essa questão do local e o global e isso é uma cidade no Sul do Brasil, no interior do RS e aciona uma colaboração global de vários outros pontos que também são globais e que formam uma rede muito maior de onde está localizado o evento. Então isso é uma abrangência, é um impacto do evento, uma abertura do diálogo com tanta gente que está longe e está perto e está aqui, porque os desenhos estão ali, eu olhei, quanta gente olhou, gente que não veio aqui mas olhou os desenhos. Então isso é fantástico, está bem dentro de um momento contemporâneo que estamos vivendo dos espaços, da comunicação virtual. E outra coisa é o impacto estético que é muito interessante. É uma dimensão da estética que em geral a gente um pouco que apaga, deixa muito secundarizado em nossos debates intelectuais. Então vocês conseguiram trazer isso mais para um primeiro plano. É um diálogo a partir de uma sensibilidade estética.

3- Através desta mostra é possível dizer que o cartum possa ser um meio de se fazer Educação Ambiental? Por que?

Michèle Sato: Então Wagner, eu não gosto muito quando a pessoa diz assim: “O cartum pode ser um meio de se fazer Educação Ambiental?” ou o contrário “A Educação Ambiental pode ser um meio de se fazer cartum?” Eu acho que são dimensões diferenciadas, cada qual na sua esfera, cada qual no seu potencial, que se aliam e se dialogam e conseguem fazer um trabalho coletivo. Mas eu não quero achar que a Educação Ambiental utiliza-se do cartum como um meio, nem ao contrário. Acho que são duas dimensões diferentes, em perspectivas bonitas, gostosas, com seus próprios campos teóricos, práticos e de vivência que se dialogam. Se é possível? Super é possível. Está aí a mostra para falar que é. Já deu a resposta antes de começar o evento. Isso a gente já sabe que foi um sucesso.

Maria Ludetana Araujo: Sim, claro! É um meio que não é opressor, ele é de libertar. O cartum não tem as linhas todas acertadinhas, como aquela poesia que começa com uma palavra e rima. A linguagem dele diferenciada, colorida, ou só com preto e branco ela te dá no humor a seriedade do que está acontecendo e do que você pode fazer.

Tania Mara: Com certeza! Porque não é uma forma agressiva de se chamar atenção, é uma forma bem leve, bem saudável, não é uma forma agressiva. Por isso que eu acho que sim. Bem humanizado os desenhos, as gravuras.

Antonio Fernando Silveira Guerra: Com certeza. Principalmente porque essa nova geração – nós vimos as crianças passando agora – que nasceu no século XXI, todos nós somos do milênio passado, a imagem é muito significativa. A leitura da imagem, o que a imagem passa para eles é fundamental. Então, não tem como eles não se preocuparem. E eu na verdade tenho dito: não é só as crianças, as crianças e os jovens também estão muito preocupados. Esperemos também que nossos políticos e nossos gestores também se sensibilizem com essas imagens.

Fátima Elizabeti Marcomin: Quando eu vim para o evento estava muito interessada em ver a arte do cartum. Qual era a representação artística do cartum? Quais eram os elementos que os cartunistas mais retratavam? Vim buscando um pouco isso. E ontem eu estava analisando que em diversos momentos eu vi crianças percorrendo os cartuns, olhando, interessadas em ver. Para essa criança, a linguagem da imagem fala muito mais que palavras. Então, talvez a linguagem do cartum ela possa ser um elemento de sensibilização a depender de com quem

estamos falando, ou para quem queremos falar de Educação Ambiental. Talvez para um grupo de crianças a linguagem do cartum seja muito mais apropriada do que uma outra linguagem. A partir de um desenho desse, de uma ilustração dessa a gente pode esgotar um universo de reflexão e de possibilidades que é muito grande, muito amplo. Eu diria que para um público adulto depende do ambiente em que nós estivermos. Talvez para alguns ambientes, se nós estivermos por exemplo, em um ambiente como um colóquio como este, o cartum vai ser um elemento a mais para se discutir a questão ambiental. Pode ser que em alguns outros ambientes, em alguns outros meios o cartum seja uma ferramenta mais forte do que outras. Então talvez seria também interessante a gente pegar essa mostra e desloca-la talvez daqui futuramente, desloca-la para um outro lugar, um outro universo, uma praça pública. Ela teria o mesmo efeito? Ou em uma grande empresa, ela teria o mesmo efeito? Dentro de uma catedral ela teria o mesmo efeito? Se esse ambiente também não afeta um pouco essa linguagem. Porque nós estamos muito impregnado disso. Então ela nos afeta, essa linguagem nos afeta. Agora, será que do ponto de vista de um outro meio essa linguagem cartunística ela também afetaria? Ela também diria o que nós queremos dizer? Também sensibilizaria do modo que nós gostaríamos de sensibilizar? Acho que isso é bem subjetivo, teria que ser mais investigado. Eu não saberia te dizer com precisão se o cartum é uma ferramenta boa ou não para sensibilizar. Eu acho que ontem, no caso das crianças, foi. Sensibilizou, elas viera, elas olharam. Elas ficaram encantadas, rodopiaram por muito tempo ao redor desses cartuns. Então gerou um efeito sobre elas. De alguma maneira elas vão pensar um pouco melhor sobre aquilo que elas viram aqui. Eu acho que sobre os outros nichos, sobre os outros meios, talvez merecesse um pouco mais de investigação.

Victor Leteo Bacchetta: Sem dúvida, eu acho que... tomara que os cartunistas se envolvessem muito mais e fossem acolhidos pelos meios de comunicação, porque é uma forma de comunicação muito eficiente, muito forte.

Jose Vicente Freitas: Eu não tenho duvida disso. É uma linguagem que tem um poder fantástico. Eu acredito profundamente tanto que não vi ate hoje uma forma mais eficiente de manifestar o conceito de ecologia humana que não tenha sido por uma charge produzida por um grande uruguaio chamado Rubem Pietro. Eu vou te mostrar ela. Ele faz um desenho, uma sequencia de desenho onde tem uma pessoa passeando por diferentes espaços e ela esta nadando no rio e ela sente a

importância do rio: puxa, que rio gostoso, esta dando esse prazer aqui de ter esse momento aqui de relax, então vamos salvar o rio. Então ela sai dali e esta caminhando num gramado delicioso, de pés descalços, que sensação maravilhosa esse contato direto, que importante esse gramado... então vamos salvar o gramado. Nossa, como essa árvore é importante, então vamos salvar as arvores. Então ela olha para todos os lados e diz: mas quem irá me salvar? Isso é o conceito de ecologia humana que considera o todo, mas o ser humano é o elemento fundamental. Não tem como explicar melhor. Então é uma linguagem moderna, atual, direta. A gente consegue aprender ela, os sentidos que provocam profundamente, ela tem que ser incorporada de forma mais efetiva, em nossas manifestações intelectuais. Eu defendo que essas novas linguagem precisam ser incorporadas. Senão ficamos muito quadradinhos e com falta de criatividade. Tu pega umas teses lá que, nossa... parece que se repetem em tudo. O cara faz o histórico da Educação Ambiental. Inventar! Inventar uma nova forma de dizer, de explicar, de seduzir de mostrar o seu argumento. O cartum tem essa possibilidade.

Maria Laura Barcia Rivera: Totalmente porque a EA é uma área que cansa devido a intensidade do problema e por ter muito o que fazer. Recuperar o olhar da criança e a provocação pelo silêncio ou pelas poucas palavras, a cerca do que a pessoa pensa, me parece ser excelente por respeitar a pessoa. Porque muitas vezes as imagens menosprezam a inteligência do ser humano. Então, uma caricatura que desafia, que dá dados mas não todos, sabe que quem lê precisa decodificar a imagem, isso me parece ser muito interessante para trabalhar. Os distintos tipos de cartum apresentam distintas abordagens, distintas meios de conceitualização. Então, pode trabalhar com os adultos, com as crianças, com os adolescentes, A linguagem pedagógica para crianças não é a mesma para o adulto. É importante adequar a mensagem para cada público. Me parece ser muito interessante acompanhar esse projeto com uma série de cartilhas, para que o educador ambiental possa trabalhar. Para que depois se siga fazendo mais cartuns, para que a criança possa chegar em casa e desenhar também. E o que falta também é um espaço para o grafite. Creio que seria muito interessante as intervenções urbanas a nível do grafite são sumamente interessante e poderia ser um caminho complementar. Um projeto que tenha uma amplificação impressionante.

Isabel Cristina de Moura Carvalho: Eu acho que sim. Todo mundo que parou para pensar e fez um cartum de alguma maneira produziu uma reflexão sobre

EA , pensou se expressou. Então acho toda essa relação é Educação Ambiental. Vocês fizeram Educação Ambiental ao abrir a mostra.

4- É possível apresentar o cartum como instrumento pedagógico em sala de aula? De que formas isso pode acontecer?

Michèle Sato: Então, primeira coisa não pode fomentar o espírito competitivo do desenho melhor ou do cartum melhor. Eu acho que isso não combina com a proposta de um dos princípios de solidariedade que a gente traz dentro do contexto da Educação Ambiental. Mas fomentar a arte seja ela qual for, a arte musical, a arte da pintura, a arte do teatro, da dança e do desenho via cartum, via humor é muito significativo no campo da Educação Ambiental. Eu tenho trabalhado muito com a arte no meu cotidiano e ela não só suaviza, ela não tem só esse caráter de um instrumento, ela é uma dimensão intrínseca do ser humano. O ser humano sem a arte não consegue viver. O ser humano precisa do bom humor. Ainda mais no Brasil, um país extremamente irreverente, acontece uma desgraça de manhã, a tarde já tem alguém fazendo uma piada. Então esse é o nosso jeito, nossa cultura, nossa identidade. E aí, nesse sentido, você trazer esse movimento cartunista para o contexto da Educação Ambiental me parece ser encantador.

Maria Ludetana Araujo: Eu acredito que só pode. Você já pensou em ensinar matemática com o cartum? Ensinar física, química? Principalmente as ciências básicas que a criança tem medo, o adulto tem medo. Então, se usasse o cartum acredito que seria muito mais fácil. Aquilo que repito: a imagem ela facilita muito mais rapidamente a compreensão do que a palavra escrita. Eu acredito que seria uma inovação pedagógica e seria uma forma mais fácil da gente falar para a criança, para o jovem, para adultos, não importa a idade, o que está acontecendo e o que a gente pode fazer.

Tania Mara: Muito! O cartum é nato. É uma habilidade. É um dom. E aqui a gente pode observar que adolescentes, crianças... eu mesmo que trabalho com educação infantil, tem crianças que conseguem transmitir através do cartum a mensagem.

Antonio Fernando Silveira Guerra: Com certeza. Por esse exercício da leitura de imagem. Nós podemos aí pegar alguns exemplos e a partir disso o professor aprofundar e discutir, ou trazer para questões locais. Eu me lembro do trabalho que alguns alunos fizeram, lá de Itajaí, que é uma questão bem básica da

cidade: “Cadê o morro que estava aqui?” Porque a cidade, pela questão do desenvolvimento, está colocando os morros abaixo para tirar o material para a construção de aterro. Então isso acontece tão rápido que a criança não consegue perceber as modificações da paisagem nessas questões. Então nós vemos nesses desenhos a questão da poluição, a questão do lixo, a questão do ruído, a questão da monocultura, as contradições que nós temos que viver, a necessidade, nós termos mais humildade, cuidado. Quer dizer, é um material assim, fundamental, excepcional, para o professor trabalhar também com as questões ambientais, independentemente da área.

Fátima Elizabeti Marcomin: Eu acho que pode se apresentar sim o cartum como elemento pedagógico. Quando a gente trabalha, por exemplo, com mapas mentais, o mapa mental é uma representação mental, e a gente percebe que a representação mental traduzida nos mapas mentais, ela decodificada, ela mostra muita coisa. Se a gente analogizar isso para dentro da figura do cartum, ele pode ser um elemento pedagógico. Agora, é preciso que se discuta, por exemplo, qual é a verdadeira representatividade desse cartum, porque a representação que eu tenho sobre uma imagem, é uma, a que outro cidadão tem, é outra. E a gente tem que entender que uma não exclui a outra. Na verdade elas se somam. Acho que o mais interessante dessa possibilidade do cartum é que, diferentes olhares vão traduzir diferentes representações. Agora, nenhuma delas se exclui, podem se somar, podem se multiplicar, eu posso olhar de uma forma, o cacique pode olhar de outra forma, o empresário pode olhar de outra forma, e esse efeito sensibilizador que ela vai gerar ou não, vai depender da empatia que eu tenho com ela, do quanto ela me afeta de alguma maneira. Agora, eu acho que é muito importante, por exemplo, quando ela for empregada como recurso pedagógico, que ela venha carregada de uma leitura reflexiva muito grande. Não usar o elemento do cartum pelo cartum apenas, como algo bonito, colorido, visualmente, esteticamente bom. Mas sim, o que isso representa? Qual é o meu papel? Qual é a minha representação? Qual é a minha influência nessa representação? O que ele quis dizer com isso e em que medida essa leitura que eu faço do cartum me afeta de alguma maneira e faz com que eu reflita sobre isso, com que eu mude sobre algumas coisas, com que eu mude algumas práticas que eu tenho cotidianas. Então eu acredito que isso é algo que tem que estar vindo junto com o elemento pedagógico. Refletir sobre. Como de fato fazer a mudança? Porque a mudança que tu só muda se for motivado a mudar. A

perturbação ela é maravilhosa, porque é a partir dela que a gente cresce. Agora se tu utilizas um cartum como elemento de perturbação, para trazer esse “caos humano” digamos assim, eu acho que vai poder mobilizar muita coisa, muitos sentimentos, muita reflexão. Agora, tem que vir carregada essa preocupação de não ser apenas essa questão estética, apenas visual.

Victor Leteo Bacchetta: Justamente, em termos de EA meu trabalho é Educação Informal. E eu acredito muito na informalidade, porque mesmo o adulto que já passou pelo ensino formal você tem que encontrar novas maneiras, de comunicação para chegar a consciência dos problemas ambiental, tanto na aula, para provocar uma discussão, como também fora da aula, acho que o cartum bem importante.

Jose Vicente Freitas: Nossa, não tenha duvida, Se tem um a coisa que a sala de aula esta precisando muito fortemente é de recursos e estratégias que podem seduzir o aluno no processo pedagógico. E a gente está usando as mesmas estratégias, mesmo com os avanços tecnológicos, a gente está usando os mesmos recursos, o dispositivo, o quadro, usa ate a internet para fazer a exposição.

Maria Laura Barcia Rivera: Sim sim, totalmente. Respeitando essa pluralidade de países, tratar o que é para o ensino fundamental, o que é para o secundário, o que é para trabalhar com adultos. Creio que as mensagens são distintas. Para as crianças não se pode trabalhar uma pedagogia de medo, porque não funciona. Então, há de se questionar essas práticas e revalorizar a natureza como algo desfrutável, algo lindo. Eu quando era criança era muito comum minha família fazer piquenique, íamos todos para um lugar lindo, para um lugar que não conhecíamos, íamos em família, de reencontrar-se e sentir que era um lugar para nós. Não somente o valor paisagístico, ou o valor de recursos, senão quanto espiritualmente como se reconforta o ser-humano na sombra de uma árvore. Inclusive o que se pode fazer é uma publicação com algumas sugestões para que o docente possa fazer como quiser.

Isabel Cristina de Moura Carvalho: Eu acho que quem está sugerindo isso para mim são vocês. Quando vocês fazem a mostra vocês mostram para a gente que dá para usar o cartum como instrumento pedagógico. A gente pode fazer isso numa escola, num grupo, numa comunidade. Vocês usaram e estão mostrando que isso é possível pela mostra.

5- Que possíveis limitações o cartum apresenta nessa aplicação em sala de aula?

Michèle Sato: Acho que a limitação seria para os deficientes visuais que não vão conseguir olhar, não vão conseguir sentir, mas talvez a gente pudesse inventar um cartum braile, com relevo, alguma coisa qualquer para trazer. Acho que é a única limitação. Porque, eu vi desde coisas muito sofisticadas, desenhos bem aprimorados, artísticos delineados. Você vê que o cara foi em uma escola de arte e sabe ver a sombra. Mas você vê riscos, rabiscos. E não tem o melhor ou o pior, tem a expressão e é isso que está valendo. Toda arte é bonita. Então acho que é isso. Como a gente vai trabalhar com pessoas que não tem essa coordenação motora? Então vale um rabisco. Acho que isso é legal. Só fiquei pensando no limite desse. Talvez inventar um cartum Braille. Eu nunca vi isso, mas seria interessante.

Maria Ludetana Araujo: Qualquer demonstração gráfica, desenho ou paisagem, ela precisa de um diálogo. Eu acredito que o cartunista pode fazer. Cada um chega e pode ter uma leitura. A diversidade de leitura, quando a gente observa o desenho, pergunta sobre o desenho, falar sobre a violência, eu posso ter diversas formas de interpretar esse desenho. Então, qual será a dificuldade, digamos assim, o quê que o cartum precisa? Gerar um diálogo, para que as pessoas possam entender, se as vezes ele não entender não é que você vai dizer: “Olha, o desenho não é isso não.” Porque eu tenho a liberdade de dizer o que eu entendi, mas em uma sala de aula o cartunista poderá dizer exatamente isso, em outra compreensão. Gerar na diversidade das compreensões, das manifestações das crianças, dos adolescentes, ele pode também orientar, para que você possa ter uma certa paciência, despertar melhor sua percepção, caracterizar melhor o que você está vendo. Então, não é impossível. Acredito que tudo baseado no diálogo facilita a compreensão daquele conhecimento que você está repassando. Quem sabe o cartunista poderá ajudar a entenderem melhor. Não só se perder tempo fazendo crítica pela cor ou o gênero que é utilizado, porque foi um momento da história. Vai pensar isso como uma forma de ganho. A gente perde muito tempo criticando, em vez de gastar tempo, ou deixar tempo para a gente ganhar com as interpretações das pessoas. Não trazer sempre para história do comportamento que seja sempre preconceituoso, mas a gente tem que avançar no tempo e na história e aproveitar o que o autor está escrevendo e não dizer: “Acho que ele tinha que dizer isso”, não acho nada, o autor fez e pronto. A arte você faz, na arte não tem achismo. A arte se

define pela sua vivência, pela sua forma de ver o mundo. E eu vejo da minha forma. O que vai facilitar essa compreensão é o nosso papo, a nossa conversa, o nosso diálogo.

Tania Mara: Não tem dificuldade. Acho que é só a gente fazer uma explosão de ideias e a partir dali se consegue trabalhos lindos.

Antonio Fernando Silveira Guerra: Por isso nós precisamos da formação do profissional. Nós tivemos recentemente a aprovação das diretrizes curriculares nacionais para a Educação Ambiental que prevê que a escola, a universidade, também sejam espaços sustentáveis. Então nós precisamos ambientalizar nossos currículos de forma que, durante a formação, não só os acadêmicos da licenciatura, futuros professores, também tenham essa formação em seu currículo. Essa leitura de imagem também precisa ser incorporada aos currículos das demais disciplinas. Eu sou uma das pessoas que acha muito limitante você ter só uma disciplina de Educação Ambiental no currículo do ensino superior. Ou como os colegas do próprio Direito da minha universidade fazem a crítica: “Poxa, como é que eu posso ser um promotor, um juiz, para defender causas ambientais se a única disciplina que eu tive no meu curso foi de Direito Ambiental?” Quer dizer: e as outras? Onde está essa dimensão ambiental inserida no currículo? Então, trabalhar com as imagens também é uma forma da gente poder fazer essa inserção ambiental nos currículos.

Fátima Elizabeti Marcomin: Essa pergunta... eu vou ser bem franca contigo. Eu já estou afetada por uma conversa que eu tive com a Michèle Sato. Porque nós em uma janta conversando...”o cartum está maravilhoso”, “a gente viu coisas muito lindas”, porque tem coisas muito interessantes, claro que tem coisas que precisariam de um filtro, lógico, como tudo. Aí ela disse: “É, a única coisa que eu vi, do ponto de vista tátil, para o cego, isso dificulta.” E quando ela falou isso, aí claro, minha resposta vai ficar contaminada por isso. Realmente eu não havia me dado conta de que uma pessoa com limitação visual não poderia ser utilizado o cartum, na forma como ele se apresenta. Agora, por exemplo, se nós começarmos a pensar que também existe uma possibilidade de transformarmos o elemento visual do cartum em um elemento tátil, esse elemento tátil ele pode sim ser utilizado por um cego e isso dar margem para inúmeras interpretações. Então na verdade a gente vai ter que ser muito criativo de saber adaptar a realidade do cartum para a realidade das pessoas que a gente está trabalhando. Nós não podemos excluir esse ou aquele método. A gente vai ter que fazer uma soma, uma interconectividade de várias

coisas, de várias pedagogias, de várias metodologias, de várias estratégias, de várias táticas. Mas, talvez para a linguagem do cego a gente pudesse usar uma outra tática. Agora, também tem um detalhe, a gente também não pode esquecer disso também: muitas pessoas enxergam mas não se sensibilizam pelo desenho. Então, para aquele indivíduo que não se sensibiliza pelo desenho, ou com o desenho, eu também vou ter que empregar uma outra estratégia. Então eu acredito que, o que tem que se ter clareza aí é que ele não é um recurso que possa ser utilizado universalmente sozinho. Ele tem que vir agregado da música, da poesia, da dança, do texto, da interpretação, do contato com a natureza, do contato com o outro. Acho que, se a gente agregar isso à todos os outros possíveis métodos que existirem, acho que a gente vai caminhar na direção de se construir algo melhor.

Victor Leteo Bacchetta: Eu acho que em uma sala de aula que exige para aproveitar a força do cartum é um professor bem informado, que possa depois responder todas as perguntas que o cartum coloca para os alunos. Tem que ter uma pessoa preparada para dar essa resposta, que o cartum não fala, não pode dar. Acho que sim.

Jose Vicente Freitas: Nenhuma, mas do professor toda. Talvez o domínio da linguagem. É entender talvez o que pode significar o uso da cor, de um recurso entre luz e sombra. O professor tem que dominar um pouquinho dessa linguagem para explorar melhor. Uma coisa é a apreensão que você pode fazer através da imagem. Qualquer pessoa consegue aprender. E os outros sentidos que estão ali que precisam da codificação desses recursos? É o recurso que todo artista usa. Quer acentuar um aspecto mais negativo, então sombreia. Quer mostrar um aspecto, coloca luz. Acho que o domínio da linguagem, criar algum mecanismo para oferecer ao professor as possibilidades de dominar essa linguagem, como você poder fazer uma leitura e apreensão do cartum para além do que está expresso imediatamente ali nas imagens. Até te faria uma sugestão. Isso que estou te falando não é uma coisa da minha cabeça não, tem todo um debate sobre a utilização de imagens em processo de pesquisa. Mas é uma discussão que um pesquisador faz do cinema como recurso didático. Essa discussão sobre imagética é fundamental. Se tem alguém, alguém competente para discutir a imagética são, os russos, quem os traduziu foram os cubanos. Então temos o professor Pablo René, valia a pena dar uma olhada.

Maria Laura Barcia Rivera: Não sei se há limitações. O cartum é um disparador, um instrumento que irá atuar em um processo de sensibilização. Seria interessante evolucionar os cartuns e como fazer novos cartuns.

Isabel Cristina de Moura Carvalho: Tudo tem possibilidades e limites. O interessante é associar ao cartum em sala de aula uma discussão sobre o cartum, ver como a turma que não fez o cartum percebe, como o grupo ou a pessoa que fez o cartum percebeu. Esse diálogo pode ser interessante na linha de explorar o cartum. Eu dou uma disciplina de Estudos Socioambientais, na Pedagogia da PUC, e tenho trabalhado muito com imagem. Por exemplo, eu costumo trabalhar com aquele ensaio fotográfico “Hungry Planet” sobre famílias do mundo consomem de alimentos durante uma semana. Então tem o valor e a família e o conjunto de compras da semana. Eu uso esse ensaio, está disponível na internet. Ele é bom para discutir a questão da Sustentabilidade, o consumo e também da gente evitar associar a Sustentabilidade com pobreza. Porque, por exemplo, o menor impacto obviamente é de uma família do Chade que gasta um pouco mais de um dólar por semana para alimentar quatro pessoas e tem um pingo de verduras e grãos em um acampamento de refugiados. E você tem uma família alemã que gasta quinhentos dólares e está rodeada de comida industrializada, enfim. A imagem é muito forte, o cartum é uma representação interessante, que tem toda uma intencionalidade.

7- Suas considerações finais:

Michèle Sato: Eu acho que tem alguns cartuns, raríssimos, um ou dois, que eu não consegui enxergar a dimensão ambiental, como um cara que demonstra toda a demolição, o caos, a crise que a Europa está agora e a Grécia em ruínas. Bonito, do ponto de vista econômico, político, forte, mas eu não vi o ambiente ali colocado. Então acho que esse é um limite da gente perceber essa questão ambiental, não só social. Eu estou falando isso porque estou sofrendo muito nos direitos humanos. Um olhar eminentemente sociológico que está desprezando a ecologia. O movimento ecologista ele começa com um olhar muito ingênuo dentro do contexto da natureza, da natureza e tal. A gente faz um esforço danado para fazer a mediação, para trazer o elemento humano nesse enredo e falar que a Educação Ambiental não é só cuidar de passarinho e tal. E aí descamba para o outro lado: o passarinho não importa mais, a natureza não importa mais, o que importa é só ser humano e os direitos humanos. Tenho vivido um pouco esse dilema. E tenho me apegado dentro de um

contexto, tenho estudado durante uns três anos para cá o a gente tem chamado de Ecofenomenologia, que é uma literatura nova que está chegando. E que é uma filosofia que é menos antropocêntrica, tem um olhar mais cuidadoso para a vida propriamente dita em amplos sentidos. Não tem graça falar só de ser humano, temos que tentar usar esse contexto. E aí acho que a imagem no mundo hoje que a gente está de internet, de fastfood, de facebook toda hora, o twitter que você só pode usar não sei quantas palavrinhas, pouquinhas, a imagem ela é muito simbólica do ponto de vista da expressão, você olhar ela fala para você, então é muito importante. Dentro dos direitos humanos o relatório do mundo inteiro é um relatório pesado, mas como a gente não consegue fazer isso para o mundo inteiro, acaba que vai ficando em estudos de casos, pequenos, até onde as nossas pernas alcançam. E as pessoas têm criticado muito porque nos indicadores de direitos humanos você raramente tem alguma coisa para visualizar o processo e precisa reinventar isso. Então a imagem é extremamente importante nesse contexto e se for uma imagem artística e com bom humor, melhor ainda.

Maria Ludetana Araujo: O evento é maravilhoso. Eu achei assim, fantástico, porque é um evento da região, mas nos trouxe de Belém para cá. Eu acredito que a Educação Ambiental não é da região, ela é do todo. Então, em qualquer parte do Brasil e do mundo nós estamos discutindo a Sustentabilidade. É um tema que não pode ser privilégio de determinados grupos ou de determinadas universidades. Mas aqueles que os tem discutido, que tem fundamentação, que tem produção precisa ser distribuído já que todos nós estamos buscando uma sociedade mais sustentável, mais justa, uma sociedade com mais equilíbrio. Então, aqueles que produzem precisam ser mais efetivos e afetivos no trato das questões ambientais.

Tania Mara: Parabenizar. E acho que deveria ser mais divulgado para a comunidade porque está linda a mostra.

Antonio Fernando Silveira Guerra: Como eu disse no início, fiquei muito contente, acho que era uma iniciativa que faltava ainda para a Educação Ambiental. Parabéns aos organizadores que a gente continue com essas mostras, incentivando, que as crianças, os jovens e também os profissionais colaborem com essa questão. Assim a Educação Ambiental também vai estar no cotidiano de cada um.

Fátima Elizabeti Marcomin: Primeiro lugar eu queria te parabenizar. Te parabenizo porque eu fiquei encantada, sabe. Eu vi muita coisa interessante, muitos cartuns que mexem, que você fica pensando: “puxa, eu realmente nunca tinha me

dado conta disso”. Foi preciso uma ilustração para me antenar que tal coisa acontece. E esse olhar que o outro tem também. O olhar a partir da arte é um olhar muito poético. Só que nem sempre a gente dá o devido valor a isso. As vezes a gente passa por um cartum, ele nos chama a atenção, mas tu não reflete muito sobre ele. E quando tu vê uma mostra como essa com cento e quarenta e dois cartuns, é muita coisa. De 38 países! A minha curiosidade é assim: será que existe uma leitura da natureza a partir desses países? Será que as pessoas que moram no mesmo país, leem essa natureza do mesmo jeito? Ou existem diferenças de leitura a partir de seus países de origem? Cada país vê de um jeito. Cada cartunista vê de um jeito. Isso tem a ver com a história de ocupação desses países, ou não tem? A representação que eles têm de recurso natural é aquilo que de fato a gente vê hoje, são os recursos mais escassos, ou não, ou são os recursos mais abundantes? Ou não tem nada a ver com isso, tem outra ligação? Eu acho isso muito interessante. Então eu parableno porque eu não imaginei que seriam tantos cartuns. Eu te confesso que não imaginei que seriam tantos e ainda bem que não tem que fazer escolha de melhor cartum, porque se tivesse, seria muito complicado. Acredito que o primeiro pontapé tu destes. Agora, acho uma viagem sem volta. Não tem mais nos próximos colóquios, não deixar essa mostra acontecer. Ela vai ter que acontecer, Porque quem se delicia com essa coisa uma vez, vai querer sempre. Então, nossa, fiquei encantada!

Victor Leteo Bacchetta: Isso eu acho que da mesma forma que eu fui impressionado positivamente, Eu acho que, por ter um publico assim com lugar transitando, eu acho que é uma boa ferramenta de impacto, fazer pensar nas coisas. O problema é fazer pensar as pessoas. Se você consegue provocar e fazer pensar, o objetivo está logrado.

Jose Vicente Freitas: Cara, eu já te falei e tenho que te dar os parabéns. Isso é novo, é mais novo que muitos debates que a gente faz em mesa. Acho que debes explorar isso mais fortemente. E fica ai o convite para, através do MEC, MMA, da UNESCO de publicar esse material. Explora isso em termos de argumento porque isso ajuda a oxigenar o campo da Educação Ambiental.

Maria Laura Barcia Rivera: Bom, eu creio que a criatividade, a originalidade, a capacidade de convocação são luxos. Eu creio que a realidade é um ponto muito interessante, de comunicação, de encontro entre cartunistas e educadores ambientais e agora terás que atender as consequências. Parabéns!

Isabel Cristina de Moura Carvalho: Eu fico pensando sobre o que vocês vão fazer com isso. Além da mostra que já é uma realização, valeria a pena fazer um catálogo virtual, talvez selecionando as melhores, ou fazer uma série. Eu acho que vocês não devem parar aqui, é uma experiência legal que pode continuar.

ANEXO 1

Senado Federal

Subsecretaria de Informações

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial.

DECRETO N. 1565 – DE 13 DE OUTUBRO DE 1893

Regula a liberdade de imprensa durante o estado de sitio.

O Vice-Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil,

Considerando:

que a liberdade de imprensa consiste no direito de colaborar com o poder social nos fins a que se propõe a ordem moral e politica em suas múltiplas exigências e modalidades;

que é funcção do poder publico, legitimamente constituido, defender a existencia politica da Republica por todos os meios legaes, materiaes e moraes;

que no cumprimento desse dever, delegação politica da Nação e por consequencia suprema expressão dos direitos de todos os cidadãos, não póde encontrar obstaculos que provenham dos abusos da imprensa;

que uma parte da imprensa tem contribuido para animar a revolta com publicações inconvenientes umas, falsas outras e todas constituindo elemento de perturbação e alarma, em prejuizo da acção do Governo e da tranquillidade publica; e por outro lado, tendo em attenção o disposto nos arts. 87, § 3º, 96, 383 e 387, combinados com o art. 22 do Codigo Penal, em virtude do art. 80 da Constituição da Republica e em execução do art. 48, n. 1;

Decreta:

Art. 1º E' livre a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica.

Art. 2º Declarada em estado de sitio qualquer parte do territorio da União e ahi suspensas pelo tempo que for determinado as garantias constitucionaes, fica prohibido:

- a) fazer publicações que incitem a aggressão externa ou possam augmentar a commoção interna e excitar a desordem;
- b) defender qualquer acto contrario á independencia, integridade e dignidade da Patria, á Constituição da Republica e fórma de seu governo, ao livre exercicio dos poderes politicos, á segurança interna da Republica, á tranquillidade publica (arts. 87 a 155 do Codigo Penal);
- c) publicar noticias a respeito da revolta que não tenham sido communicadas pelo governo constitucional ou que não tenham essa origem;
- d) communicar ou publicar documentos, planos, desenhos a quaesquer informações com relação ao material ou pessoal de guerra, ás fortificações e ás operações e movimentos militares de União ou dos Estados;
- e) apregoar as noticias, factos ou assumptos, verdadeiros ou falsos, contidos nas publicações que se offereçam á venda ou se distribuam gratuitamente ou de qualquer outro modo.

Art. 3º Si algum periodico ou publicação, de qualquer genero que seja, incorrer em algum ou alguns dos casos do artigo antecedente, o Governo usará das medidas de repressão autorizadas pelo art. 80 da Constituição, e sendo estrangeiro o infractor, poderá expulsal-o do territorio nacional.

Art. 4º Ficam revogadas as disposições em contrario.

Capital Federal, 13 de outubro de 1893, 5º da Republica.

Floriano Peixoto.

Fernando Lobo.

Disponível em:

<http://linker.lexml.gov.br/linker/processa?urn=urn:lex:br:federal:decreto:1893-10-13;1565&url=http%3A%2F%2Flegis.senado.gov.br%2Flegislacao%2FListaPublicacoes.action%3Fid%3D73319%26tipoDocumento%3DDEC%26tipoTexto%3DPUB&exec>

ANEXO 2

Decreto nº 4.743, de 31 de Outubro de 1923

Regula a liberdade de imprensa e dá outras providencias

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil:

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a resolução seguinte:

RESPONSABILIDADES E PENAS

Art. 1º Os crimes previstos nos arts. 126, 315 e 317 do Codigo Penal e nos arts. 1º, 2º e 3º do decreto n. 4.269, de 17 de janeiro de 1921, quando commettidos pela imprensa, serão punidos com as seguintes penas:

1.º Nos casos previstos no art. 126 do Codigo Penal - metade da pena correspondente ao crime cuja pratica se tiver provocado.

2º No caso do art. 315 do Codigo Penal - prisão cellualar por quatro mezes a um anno e multa de 1:000\$ a 10:000\$, elevada a pena para seis mezes a dous annos de prisão cellualar e multa de 2:500\$ a 10:000\$, si o crime fôr contra corporação que exerça autoridade publica, ou contra agente ou depositario desta.

3º No caso do art. 317, do mesmo Codigo Penal - prisão cellualar por dous a seis mezes e multa de 1:000\$ a 6:000\$, elevada a pena para tres a nove mezes de prisão cellualar e multa de 2:000\$ a 12:000\$ na mesma hypothese prevista na ultima parte do numero precedente.

4º No caso dos arts. 1º a 3º do decreto n. 4.269, de 17 de janeiro de 1921 - as penas constantes dos mesmos artigos serão accrescidas da multa de 5:000\$ a 40:000\$000.

§ 1º Essas penas serão graduadas pelo julgador, conforme a gravidade da offensa, as condições de fortuna do réo, e o criterio dos arts. 62, 65 e 66 do Codigo Penal. Tratando-se de qualquer dos crimes previstos no artigo 126 do Codigo Penal, nos arts. 1º a 3º do decreto numero 4.269, de 1921, e no art. 2º da presente lei, além das penas nesta estabelecidas, será applicavel, administrativamente, a de expulsão, quando se, tratar de estrangeiros a ella sujeitos.

§ 2º Não terá cabimento nesses crimes o disposto no artigo 27, § 6º, e no art. 32 do Codigo Penal.

§ 3º A prova do facto imputado é permittida nos casos previstos no art. 318 do Codigo Penal, comprehendidos nesta disposição os senadores, deputados, conselheiros municipaes, intendentes ou prefeitos. Não se admittirá, porém, nos casos de offensas previstas nos arts. 3º e 4º na presente lei.

Art. 2º A publicação de segredos do Estado é punida com a pena de prisão cellualar por um a quatro annos, tambem applicavel no caso de noticias ou informações relativas á sua força, preparação e defesa militar, si taes noticias ou informações puderem de algum modo influir sobre a sua segurança externa ou despertar rivalidades ou desconfianças, perturbadoras das boas relações internacionaes.

Paragrapho unico. E', entretanto, permittida a discussão e critica si tiver por fim esclarecer e preparar a opinião para as reformas e previdencias convenientes ao interesse publico comtanto que se use de linguagem moderada, leal e respeitosa.

Art. 3º A offensa feita pela imprensa ao Presidente da Republica no exercicio de suas funcções ou fóra d'elle, e a algum soberano ou chefe de Estado estrangeiro, ou aos seus representantes diplomaticos, quando não revista caracteres da calumnia ou injuria, é punida com a pena de prisão cellular por tres a nove mezes e multa de 4:000\$ a 20:000\$000.

Art. 4º E' prohibido, sob pena de multa de 200\$ a 4:000\$, affixar ou expôr ao publico em qualquer lugar e por qualquer meio, inclusive fitas cinematographicas, cartaz, estampa, gravura dcsenho, e em geral impresso, manuscripto ou figura onde haja offensa a ali alguma nação estrangeira.

Paragrapho unico. Fica sujeito á pena de prisão cellular por dous a seis mezes quem apregoar, em logares publicos, a venda de gazetas, papeis e impressos, ou manuscriptos de modo offensivo a pessoa ou nacionalidade certa e determinado com o fim de escandalo e (ilegível).

Art. 5º A offensa á moral publica ou aos bons costumes, feita de qualquer modo pela imprensa, é punida com a pena de prisão cellular por seis mezes a dous annos, e da perda do objecto de onde constar a mesma offensa, além da multa de 200\$ a 2:000\$000.

Paragrapho unico. E' prohibido, sob a mesma pena deste artigo, vender, expôr á venda ou, por algum modo, concorrer para que circule qualquer livro, folheto, periodico, ou jornal, gravura, desenho, estampa, pintura ou impresso de qualquer natureza desde que contenha offensa á moral publica ou aos bons costumes.

Art. 6º E' prohibida, sob pena de multa de 100\$ a 1:000\$, a publicação de annuncios ou noticias relativas a medicamentos não approvados pela Directoria Geral de Saude Publica, ou a tratamentos ou curas não confirmadas por profissionaes.

Art. 7º Aquelle que, por qualquer meio, obtiver ou procurar obter dinheiro ou outtro proveito para não fazer ou impedir se faça alguma publicação, é punido com a pena de prisão cellular por um a quatro annos, e multa de 300\$ a 6:000\$, incorrendo na mesma pena o que, mediante paga ou recompensa, fizer ou obtiver se faça qualquer publicação que importe crime de imprensa punido pela presente lei.

Art. 8º Não se consideram crimes:

1. A publicação, integral ou resumida, dos debates nas Casas Legislativas, federaes, estaduaes ou municipaes, dos relatorios ou qualquer outro escripto, impresso por ordem das mesmas.

2. O noticiario, o resumo, o relatorio, a resenha e a chronica fieis dos debates e andamento de todos os projectos e assumptos sujeitos ao exame e deliberação das mencionadas corporações.

3. A publicação integral, parcial ou abreviada, de noticias, chronica ou resenha, quando fieis, dos debates escriptos ou oraes perante juizes e tribunaes, nem tão pouco a publicação dos despachos, sentenças ou quaesquer escriptos que houverem sido impressos mediante ordem, requisição ou communicação dos mesmos juizes e tribunaes.

4. A publicação de articulados, cotas ou allegações produzidas em juizo pelas partes ou seus procuradores.

Art. 9º As injurias compensam-se: em consequencia não poderão querelar por injurias os que reciprocamente se injuriarem.

Art. 10. Pelos abusos de liberdade de imprensa são responsaveis successivamente:

1º, o autor, sendo pessoa idonea, em condições de responder pecuniariamente pelas multas e despezas judiciaes, e residente no paiz, salvo tratando-se de reproducção feita sem o seu consentimento, caso em que responderá quem a tiver feito;

2º, o editor, si se verificarem a seu respeito as mesmas condições exigidas em relação ao autor, e este não fôr conhecido, ou não as reunir:

3º. o dono da officina ou estabelecimento, onde se tiver feito a publicação; e, na sua falta ou ausencia do paiz, quem o estiver representando, desde que se não verifique o disposto em os numeros anteriores;

4º, os vendedores ou distribuidores, quando não constar quaes sejam ou autores ou editores, nem a officina onde tiver sido feita a impressão.

Paragrapho unico. Para o effeito da responsabilidade criminal estabelecida no presente artigo, sempre que se tratar de imprensa periodica, o director ou redactor principal será considerado autor de todos os escriptos não assignados e tambem dos assignados por quem não esteja nas condições constantes do n. 1; o gerente será considerado editor; e o proprietario do jornal equiparado ao dono da officina, si na realidade o não fôr.

Art. 11. A parte offendida poderá provar, perante o juiz competente, por documentos ou testemunhas, que o autor ou editor do artigo não tem idoneidade ou meios de responder pecuniariamente, afim de poder exercer sua acção contra os responsaveis successivos.

§ 1º Esta prova será feita em processo summarissimo, com intimação do autor do artigo ou do editor para, em uma só audiencia, ser o facto provado e contestado.

§ 2º Em acto successivo, o juiz decidirá si o autor ou editor tem os requisitos legaes para responder, não cabendo recurso algum dessa decisão.

§ 3º Declarado inidoneo o autor ou editor, á parte offendida fica salvo o seu direito contra os responsaveis successivos.

Art. 12. Quando a officina graphica ou orgão da imprensa for propriedade de alguma sociedade, esta será representada por seu gerente, salvo havendo prova de caber a outrem, em condições de responder nos termos desta lei, a responsabilidade que se lhe attribue.

Art. 13. Todo diario ou periodico é obrigado a estampar no seu cabeçalho os nomes do director ou redactor principal e do gerente, que deverão estar no gozo de seus direitos civis, e ter residencia no lugar onde for feita a publicação, bem assim indicar a séde da administração e do estabelecimento graphico do mesmo jornal ou periodico, sob pena de apprehensão immediata dos exemplares pelas autoridades policiaes.

Art. 14. Os artigos publicados nas secções ineditoriaes de qualquer jornal ou periodico deverão conter a assignatura dos respectivos autores e, logo após, as indicações de sua residencia e profissão, e havendo accusações ou injurias, embora vagas e sem declinar nomes, tal assignatura será reconhecida por tabellião do lugar, onde o dito jornal ou pariodico fôr impresso e os dezeres dessa formalidade serão reproduzidos no final da publicação, sob pna de multa de 1:000\$, sem prejuizo do disposto no art. 10, paragrapho unico.

Art. 15. Sempre que um dos responsaveis enumerados no art. 10 gosar imunidades ou de fôro especial, a parte offendida poderá promover acção contra o responsavel ou responsaveis que se lhe seguirem na ordem da responsabilidade successiva determinada no referido artigo.

Art. 16. Os gerentes de um jornal ou de qualquer publicação periodica são obrigados a inserir, dentro de tres dias, contados do recebimento a resposta de toda a pessoa natural ou juridica que fôr attingida em publicação do mesmo jornal ou periodico por offensas directas ou referencias de facto inveridico ou erroneo, que possa affectar a sua reputação e boa fama.

§ 1º O direito de resposta poderá ser exercido pela propria pessoa assim mencionada, por seu representante legal ou por seus herdeiros, e quem o exercer será o unico juiz do conteúdo, fôrma e utilidade da resposta.

§ 2º A inserção da resposta será feita gratuita e integralmente em edição correspondente, no mesmo lugar e com os mesmos caracteres da publicação que a tiver provocado, e não excederá á extensão desta. Si exceder, a parte excedente será paga pelos preços ordinarios.

§ 3º A inserção só poderá ser recusada:

- a) quando não tiver relação alguma com os factos referidos na alludida publicação;
- b) quando contiver expressões que importem abuso de liberdade de imprensa;
- c) quando affectar direitos de terceiros de modo a dar a estes igual direito de resposta.

§ 4º Si os gerentes deixarem de inserir a resposta, quando lhes for entregue directamente pelo interessado ou remetida por via postal, poderá este requerer ao juiz competente para processar os crimes referidos no art. 1º, que mande notificar os mesmos gerentes para fazerem a inserção no prazo e sob a pena de multa constante do § 5º do presente artigo. O requerimento será instruido com um exemplar do jornal a que se referir, e com o texto da resposta, em duplicata, para que fique um exemplar archivado em cartorio. A decisão será proferida no prazo de vinte e quatro horas, e della não haverá recurso.

§ 5º Sendo a decisão contraria ao gerente do jornal ou periodico, impor-se-lhe-á a multa de 200\$ a 2:000\$, ficando sujeito a pagar o triplo dessa multa o requerente que tiver instruido sua petição com uma resposta em termos diversos da recusada.

§ 6º Si a resposta sahir com alteração que lhe deturpe o sentido, os gerentes serão obrigados a inseril-a de novo, escoimada desse erro; e, si na reproducção o mesmo ou outro apparecer, será considerado proposital e punido com a multa de 200\$ a 2:000\$, por dia, e o dobro na reincidencia, até inserção exacta do escripto.

§ 7º Os gerentes terão o direito de haver do autor do escripto que provocar a resposta todas as despesas com a publicação desta.

§ 8º O autor da resposta ou rectificação recusada tem o direito de repetil-a, modificando-a.

Art. 17. O exercicio do direito de resposta não inibirá o offendido ou seu representante de promover a punição dos responsaveis pelas injurias ou calumnias de que fôr victima.

Art. 18. Quando a multa recahir sobre algum dos gerentes, socio solidario, ou membro da directoria da empresa, responderão pela importancia da mesma os bens do condemnado, assim como os do jornal e estabelecimento graphico.

Parapho unico. A importancia da multa imposta pela condemnação gosará de privilegio especial sobre os ditos bens, ainda no caso de fallencia, derogado para este fim o art. 24, n. 4, da lei n. 2.024, de 17 de dezembro de 1908.

Art. 19. As multas pertencerão ao offendido, si este fôr particular, ou á União, Estado ou Municipio, si fôr funcionario em razão do officio, ou corporação que exerça autoridade publica, modificada, assim a norma adoptada pelo artigo 1.547 e seu parapho unico do Codigo Civil.

Parapho unico. A importancia das multas arrecadadas pela União, pelos Estados ou Municipios constituirá um fundo destinado a fins de assistencia publica, conforme regulamento que, para esse effeito, fôr decretado pelo respectivo Poder Executivo.

DA MATRICULA

Art. 20. A matricula das officinas impressoras e dos jornaes e outros periodicos, a que se refere o art. 383 do Codigo Penal, é obrigatoria e será feita em cartorio do Registro de Titulos e Documentos do Districto Federal, do Territorio do Acre e dos Estados; e, em sua falta, nas notas de qualquer tabellião local.

§ 1º. O registro será feito em virtude de despacho proferido pela autoridade judiciaria a que estiver subordinado o serventuario que o deva fazer.

§ 2º A matricula conterà as declarações seguintes:

1º, nome, residencia, nacionalidade e folha corrida do dono da officina, séde da respectiva administração, o lugar, rua e casa onde é estabelecida;

2º, nome, residencia, naturalidade e folha corrida do gerente, e, tratando-se de jornal ou outro escripto periodico, tambem o nome, a residencia, a nacionalidade e folha corrida do director ou redactor principal, sendo que sempre que se tratar de sociedade deve ficar archivado o respectivo contracto. As alterações supervenientes serão immediatamente averbadas.

§ 3º A falta da matricula ou das declarações exigidas neste artigo e a das alterações supervenientes, bem como as falsas declarações, serão punidas com a multa de 500\$ a 10:000\$, applicavel pela autoridade judiciaria, mediante o processo estabelecido nesta lei e promovido por qualquer interessado ou pelo Ministerio Publico.

§ 4º A respectiva sentença determinará o prazo de cinco dias para a matricula ou rectificação das declarações.

§ 5º De cada vez que não fôr cumprida essa determinação, o infractor responderá a novo processo, no qual lhe será imposta nova multa pecuniaria, podendo o juiz aggravar-a até 50 %.

DA ACÇÃO E PRESCRIPÇÃO

Art. 21. Cabe acção penal mediante queixa do offendido ou de quem tenha qualidade legal para o representar, quando a offensa fôr contra particulares.

Art. 22. Cabe acção penal por denuncia do Ministerio Publico, quando a offensa fôr contra corporação que exerça autoridade publica, contra qualquer agente ou depositario desta em razão de suas funcções, contra chefe de estados estrangeiros, ou seus representantes diplomaticos, e ainda no caso do art. 3º; dependendo a acção penal, nesses ultimos casos, de requisição feita, por parte do respectivo Governo, ou pelos representantes diplomaticos offendidos; e mediante officio do Ministerio da Justiça, quando se tratar de offensas ao Presidente da Republica.

Paragrapho unico. Si o promotor publico retardar a denuncia por mais de dez dias após a representação do offendido, ou si recusar a apresental-a, incorrerá na multa de 500\$, imposta pelo chefe do Ministerio Publico, e descontada na folha dos seus vencimentos, além da responsabilidade criminal que lhe caiba. Neste caso, poderá o offendido reclamar do chefe do Ministerio Publico a designação de outro promotor, para promover o processo; mantidos os principios dos arts. 407 e 408 do Codigo Penal.

Art. 23. Nos crimes de injuria e calumnia, a acção penal e a condemnação prescrevem em dous annos. Paragrapho unico. A demora dos autos além dos prazos legaes e o excesso de prazos, causados pelo réo, serão descontados dos prazos da prescripção.

DO PROCESSO

Art. 24. No Districto Federal e no Territorio do Acre observar-se-á nos crimes, de que trata esta lei, o processo seguinte:

§ 1º A queixa será offerecida pelo offendido ou seus herdeiros, constantes do artigo 324 do Codigo Penal, pessoalmente, ou por procurador regularmente constituído, sem dependencia de alvará.

§ 2º O réo, depois de qualificado, poderá fazer-se representar por procurador bastante, dispensado então o comparecimento pessoal.

§ 3º Offerecida queixa ou denuncia instruida obrigatoriamente com um exemplar do impresso offensivo, e, facultativamente, com outros documentos, o juiz

mandará autual-a e fazer a citação pessoal do réo abrangendo todos os termos da acção, sendo por edital, com o prazo dez dias, si o citado não fôr encontrado no fôro da acção, para comparecer á primeira audiencia, na qual será qualificado e lhe será assignado o prazo improrogavel de quatro dias para offerecer defesa escripta, contendo todas as prejudiciaes e a exceptio veritatis, sob pena de revelia.

§ 4º Si o réo não comparecer á primeira audiencia, o juiz nomear-lhe-á curador á lide, até que compareça e seja qualificado, e o mesmo fará si elle fôr menor ou interdicto.

§ 5º. Findo o prazo para a defesa e, seja ou não esta offerecida, na audiencia immediata serão inquiridas as testemunhas que o autor e o réo facultativamente apresentarem e cujo numero não excederá de cinco para cada parte, sendo para esse effeito dispensada citação, salvo quando fôr requerida pela parte que tiver indicado as testemunhas, mas sem prejuizo do prazo do paragrapho seguinte.

§ 6º Os depoimentos serão reduzidos a escripto e, si fôr necessario, proseguirão nos dias immediatos, até o maximo improrogavel de oito dias.

§ 7º Terminadas as inquirições, terão o autor e o réo, de cada vez, o prazo de tres para examinar os autos em cartorio, e offerecer razões finaes, com ou sem documentos. Ao autor serão dadas mais vinte e quatro horas, improrogaveis, para dizer acerca dos documentos que o réo haja juntado ás suas razões, mas não lhe será permittido exhibir novos documentos.

§ 8º Findos os prazos do paragrapho anterior, que não dependerão de assignação e lançamento em audiencia, serão os autos immediatamente conclusos ao juiz, para proferir a sentença, dentro de dez dias.

§ 9º Si, antes de proferir a sua sentença, o juiz verificar, ou a parte demonstrar, preterição de formalidades prejudiciaes ao processo, o julgamento será convertido em diligencia, para serem sanadas as nullidades no prazo maximo de dez dias.

§ 10. Da sentença caberá appellação, com effeito suspensivo, interposta no prazo de cinco dias, contados da intimação as partes, ou seus procuradores, ou curadores; e, não sendo estes encontrados, do prégão em audiencia.

§ 11. Depois de arazoada a appellação em cartorio, no prazo de cinco dias improrogaveis para cada parte, os autos serão preparados e remetidos á instancia superior, dentro de tres dias, sob pena de deserção, no caso de falta de preparo pelo interessado.

§ 12. Na instancia superior a appellação será preparada dentro de dez dias sob pena de deserção, e ficará em mesa por espaço de uma sessão. Na sessão immediata será sorteado o relator, e, na que a esta se seguir, será julgada a appellação, depois de ouvido verbalmente o procurador geral. O accórdão será publicado até a segunda sessão celebrada após a do julgamento e assim terá passado elle em julgado.

§ 13. Os prazos constantes do presente artigo não podem ser excedidos, sob pena de pagar a multa de 200\$ em cada dia de excesso, quem tiver a culpa do mesmo.

Art. 25. A importancia das multas por condemnação definitiva, inclusive as custas, será exequível no juízo competente, mediante certidão da sentença ou accórdão e da conta das custas, com a qual o autor requererá a citação do executado para pagar em vinte e quatro horas que correrão em cartorio, sob pena de penhora, seguindo-se o processo das acções executivas.

Paragrapho unico. A' penhora o executado apenas poderá oppôr embargos: a) de pagamento; b) de perdão do offendido, si fôr particular; c) de prescripção. Os dous primeiros só poderão ser interpostos com provas literaes incontinenti.

Art. 26. Será dada sem demora certidão requerida ás repartições publicas, pelo querellado, para fundamentar a arguição por cuja causa seja chamado a juízo, ou pelo offendido, para provar a falsidade dessa mesma arguição, salvo caso, justificado no despacho de recusa, de tal certidão acarretar damno ao interesse publico.

Paragrapho unico. Recusada a certidão, será suspenso o andamento do processo até que a mesma seja apresentada. Si, porém, o réo de algum modo e por qualquer meio fizer renovar a arguição do mesmo facto que deu causa ao processo, assim suspenso, proseguirá o mesmo independentemente da certidão.

Art. 27. Quando fôr intentado processo com manifesta má fé, e o autor decahir por não ter fundamento o seu pedido, pagará o mesmo autor ao réo, além das custas a que tenha sido condemnado, a indemnização do damno causado.

Art. 28. A sentença condemnatoria proferida em processo por crime de calumnia ou injuria será publicada gratuitamente na mesma secção do jornal ou periodico onde tiver apparecido o artigo causador da acção criminal, e com os mesmos caracteres graphics desse artigo; devendo fazer-se a publicação no primeiro ou no segundo numero, de edição correspondente, que se seguir ao conhecimento da sentença, sob pena de multa de 100\$ por numero que deixar de fazer a referida publicação.

Art. 29. No caso de sentença absolutoria, os autores, querellantes e denunciantes, são obrigados, solidariamente, a arbitrio dos processados, a publicar em um ou dous jornaes ou periodicos, por estes designados, as sentenças respectivas, devendo, na falta de cumprimento dessa obrigação, ser observadas as mesmas regras e penalidades instituidas para os casos da condemnação pelo delicto, em si. Si, para realizar-se essa publicação, fôr necessario recurso judiciario, as publicações, mandadas fazer, correrão por conta dos referidos autores, querellantes e denunciantes, cabendo no caso cobrança executiva.

Esse executivo será processado na mesma ordem e fórma estabelecidas por esta lei, para os casos de execução de sentença condemnatoria.

Art. 30. A prisão a que tenham de ser recolhidos os processados por crimes quando commettidos pela imprensa, será sempre distincta da existente para os réos de delictos communs.

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 31. Continuam em vigor as disposições do § 2º do art. 23, do art. 59 e paragrapho unico, e as demais disposições do Código Penal, que não forem contrarias á presente lei.

Art. 32. Tratando-se de abusos da liberdade de pensamento pela imprensa, compete á justiça federal o respectivo julgamento nos casos do art. 126 do Código Penal; ns. 1, 2 e 3 da lei n. 4.269, de 1921; arts. 2º, 3º, e 4º da presente lei; e quando o offendido fôr funcionario federal, em acto, ou por motivo do exercicio de suas funcções.

Paragrapho unico. Nos casos do presente artigo officiará o procurador criminal ou o seccional em logar do promotor publico, observando-se o processo estabelecido nesta lei.

Art. 33. Quando duas ou mais qualidades que determinam differença na pena se reunirem na mesma pessoa, considerar-se-á esta investida, quanto aos crimes de que trata esta lei, da qualidade que acarretar maior pena.

Art. 34. Fica dispensada, em relação a todo e qualquer impresso, periodico ou não periodico, a prova de sua distribuição por mais de 15 pessoas.

Art. 35. A presente lei entrará em vigor desde que seja publicada.

DISPOSIÇÃO TRANSITORIA

Art. 36. As actuaes officinas impressoras e as dos jornaes e outros periodicos terão o prazo de noventa dias para effectuar a matricula de que trata o art. 20 da presente lei, a contar da data de sua publicação.

Art. 37. Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1923, 102º da Independencia e 35º da Republica.

ARTHUR DA SILVA BERNARDES

João Luiz Alves

ÍNDICE REMISSIVO

Agostino Carracci 17
Aldous Huxley 75
Alexandre Bandeira 85
Ali Ferzat 14
Alisson Affonso 56
Alois Senefelder 14
Ana Mae Barbosa 93
Angelo Agostini 25, 27
Anibal Bendati 31
Annibale Carracci 17
Antonio Fernando Silveira Guerra 108, 112, 113, 114, 115
Appe 31
Ariel Dorfman 73
Athos Damasceno 27, 28, 29, 30
Barão de Gros 23
Belmonte 31
Benjamim F. Cafalli 59, 60
Borjalo 31
Bussunda 75
Caio Floriano dos Santos 13, 20, 55, 71
Cândido de Faria 26
Carlos Estevão 31
Carlos Lamarca 37
Carlos Posperi 33
Charles Philipon 20, 23
Charles Schultz 19
Chico Mendes 32
Claudius 31, 33
David Harvey 21
Déborah Santos 67, 68
Di Cavalcanti 31
Dik Browne 19
Eder Santos 66, 67
Edgar Vasques 37, 38, 39, 75, 82, 83, 84
Eduardo Galeano 73, 76
Edward Joseph Snowden 107
Elisabeth Brandão Schmidt 40
Eloar Guazzelli 40
Erico Verissimo 38
Fabiane F. da Fonseca 56
Fang Chen 61, 62
Fátima Elizabeti Marcomin 108, 110, 112, 113, 115
Félix Guattari 15, 20, 62, 64, 74, 88, 89, 90, 92, 93, 106
Fernando Collor de Mello 36
Fernando Henrique Cardoso 36
Filipi Vieira Amorim 56
Flavio Colin 31

Flávio Rangel 36
Floriano Peixoto 28
Fortuna 31, 36
Francisco das Neves Alves 28, 29, 30
Francisco José de Goya 11, 20
Fritz 31
Gaspar Alves Meira 28
George Orwell 75
Georges Wolinski 81
Getúlio Vargas 30
Gicelda Mara 56
Golbery do Couto e Silva 32
Giuseppe Arcimboldo 16
Giovanni Atanasio Mosini 17
Guevara 31
Gutenberg 14,
Hamilton Chaves 31
Henfil 33, 34, 36
Henri Lefebvre 61
Henrique Soares Carneiro 20
Herman Oliveira 93
Hermann Rudolf Wendroth 27
Hipólito José da Costa 22
Honoré-Victorien Daumier 11, 23, 81
Imara Quadros 93
Ignacio Villamil 102, 104
Isabel Cristina de Moura Carvalho 109, 111, 116
Ivan Belém 93
J. Carlos 31
J. Mill 25
Jack Kaminski 64, 65
Jaguar 31, 33, 35, 36
Jânio Garcia 63, 64
Jânio Quadros 31
Jean-Baptiste Debret 23
Jiddu Krischnamurti 86, 87, 88, 89
JJ Ribeiro 53
João Goulart 31
João Maia Neto 31
João Mottini 31
Joaquim da Fonseca 11, 15, 16, 17, 21, 27, 30, 31
Joaquim Ramos Pinto 78, 79, 80
Jorge Ben 35
José Alberto Lovreto - JAL 56, 57
José Geraldo 31
José Grossi 36
José Sarney 88
Jose Vicente Freitas 109, 110, 112, 114, 116
Juan Manuel de Rosas 27
Julio César Madeira 55

Julio de Castilhos 28
Julio Shimamoto 31
Júlio Timóteo de Araújo 27
Justiniano José da Rocha 24
Karl Marx 76, 87
Lan 31
Leonardo da Vinci 16
Leonardo Fibonacci 45, 46
Leonel Brizola 31
Liniers 19
Lodovico Carracci 16, 17
Lorde Lobo 56
Luciana Vega 55
Luciano Magno 16, 21, 22, 25, 26, 27
Lucie Sauv e 93, 94, 95
Lucrecia D'Al essio Ferrara 58, 59, 95
Luis Fernando Veríssimo 31
Luís Humberto Marcos 81
Luiz In acio Lula da Silva 36
Luis S a 31
Maciel 36
Makhmud 102, 104
Malatesh M. Garadimani 103
Manoel de Ara ujo Porto Alegre 23, 24
Manoel Felisberto Pereira da Silva 27
Manoel Paulo Quintela 22
Marc Aug e 43, 60
Marcel Duchamp 93
Maria de Lourdes 42
Maria Eug enia 43
Maria Laura Barcia 68, 69, 109, 111, 113, 114, 115, 116
Maria Ludetana Ara ujo 107, 111, 114
Marília Andrade Torales 78, 79, 80
Mark Zuckerberg 73
Marta Alencar 36
Mary Weiss 40
Mauricio de Sousa 19
Max Ziemer 56
Michael Redford 75
Michelangelo Buonarotti 16
Mich ele Sato 43, 74, 93, 94, 107, 110, 111, 112, 114, 115
Miguel Paiva 36
Mill or Fernandes 31, 36
Milton Severiano da Silva 35
Moises 65
Mort Walker 19
N assara 31
Nilson 33
Olavo de Carvalho 82
Orlando Pedroso 12

Oswaldo Macedo de Sousa 59
Pablo Ángel Meira Cartea 78, 79, 80, 83
Paul Duncum 91
Paul Virilio 43
Paulo Francis 33, 36
Paulo Freire 31, 76, 88
Pedro Américo 35
Péricles 31
Rafael Bordalo Pinheiro 26, 81
Rafael Corrêa 57, 58, 60, 61
Rafael Sica 19
Raimundo Dinello 85
Ramsés 66
Renato Canini 31, 38, 40, 41, 42
Rita Cirne 72
Rivaldo Chinem 15, 32, 33, 35, 36, 37
Roberto Kroll 101
Sampaio 31
Sampaulo 31
Santiago - Neltair Rebbes Abreu 17, 37, 82, 83
Sérgio Cabral 33, 36
Seth 31
Susana Rangel Vieira da Cunha 91, 92
Tádeo Alves de Amorim 28, 29
Tancredo Neves 88
Tania Mara 108, 114
Tarso de Castro 33, 35, 36
Taufan Hidayatullah 103, 104
Teresa Urban 31, 32
Thiago Piccoli 85
Tsai-Lun 14,
Uberti 75, 82, 83, 84
Umberto Eco 15
Usain Bolt 74
Victor Leteo Bacchetta 108, 110, 114, 115
Vladimir Kazanevsky 62, 63
Wagner Valente dos Passos 37, 40, 45, 49, 54, 55, 70, 97, 98, 99, 100
Walt Disney 19, 73
Washington Ferreira 90, 91
Will Eisner 19
Xico Stockinger 31
Zé Ramalho 75
Zélio 31, 36
Ziraldo 31, 33, 36, 75